

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 17 DE OUTUBRO DE 1971 - N.º 17536 - ANO 51.º - PREÇO 1\$50



Sporting, 1 Académica, 0 Empate à vista a poucos minutos do fim

A história que temos para contar não tem nada de novo. Em Alvalade, os jovens vestidos de preto não estiveram com cerimónias - mangas arregaçadas, peito a arfar, pernas a correr, eles puseram em campo todo um esquema que resul-

Continua na última página



Com Lourenço em posição pouco ortodoxa, Mário Campos e Hilário preparam-se para chegar primeiro à bola. Músculos retesados, olhos fixos no mesmo ponto, e a imagem é bem o símbolo do magnetismo do futebol

INSÓLITO JOANA D'ARC NO ESTÁDIO NACIONAL

Tendo por fundo a tribuna e a bancada do Estádio Nacional, sobre a relva verde, ergue-se a força. Em torno dela os homens julgam a donzela de Orléans. Joana d'Arc é tema de todos os tempos, de todas as latitudes. Esta tem, contudo, o seu quê de insólito, de certo modo justificada notícia que publicamos na página 7



NAS PÁGINAS
INTERIORES

AS BANDAS
DESCERAM
A CIDADE

OITO DIAS
EM CINCO
CONTINENTES

OS
FESTEJOS
DO SÉCULO

ESTA
EDIÇÃO
INCLUI



SUPLEMENTO
LITERÁRIO

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

Sete dias em cinco continentes



Leonid Brejnev, secretário-geral do P. C. soviético (à esquerda), despede-se de Anwar Sadat, presidente do Egipto, após a visita deste à capital russa

DIA 10

A FORMOSA EM DIFICULDADES

Ronald Reagn, governador do Estado da Califórnia, chegou a Taipé, onde representou o presidente Nixon nas cerimónias comemorativas do 60.º aniversário da fundação do regime republicano. Durante um dos mais importantes actos festivos, Chiang Kai-Chek teria afirmado que o Governo da República da China se encontra numa situação extremamente difícil e perigosa. A viragem de Washington relativamente a Pequim deve estar na base desta afirmação de Chiang.

APREENSÃO DE HEROINA

Foram apreendidos em Marly-le-Roy, a alguns quilómetros de Paris, 106 quilos de heroína pura. Segundo a previsão de agentes da autoridade, aquela quantidade de droga deve valer cerca de 50 mil contos, em Nova York. Relacionadas com a apreensão foram feitas cinco prisões: três em Paris, uma em Marly e outra em Nova York.

EMPRESTIMO CHINÊS À ETIÓPIA

Segundo círculos ligados à comitiva do imperador Haile Selassie, a China teria fornecido à Etiópia créditos no valor de 35 milhões de libras, no âmbito de acordos de comércio e cooperação entre os dois países. Os mesmos acordos foram assinados por Chu En-Lai, primeiro-ministro chinês, e pelo imperador etíope, na Grande Câmara do Povo, em Pequim.

Prevê-se que uma parte dos referidos créditos se destinem ao fomento da agricultura na Etiópia.

DIA 11

ELEIÇÕES NO PAQUISTÃO ORIENTAL

O presidente Yayha Khan anunciou o recomeço da actividade política no Paquistão Oriental e o começo de eleições legislativas na província paquistanesa de Leste. O eleitorado deve eleger 78 membros da Assembleia Nacional, após o afastamento dos membros da Liga Awami, que abertamente apoiaram Mujibur Rahman, o campeão da autonomia do Bengala.

As eleições foram decididas com numerosas restrições quanto à actividade política dos cidadãos. A iniciativa do chefe do Estado paquistanês explica-se, segundo todos os crer, devido às grandes pressões de que tem sido objecto por parte de grandes potências cujo auxílio lhe é essencial, como os Estados Unidos. As pressões têm sido no sentido de levar o Governo de Islamabad à normalização da vida política, nomeadamente no território do Bengala, onde, em Março passado, deflagrou a guerra civil.

MILITARES ARGENTINOS VÃO SER JULGADOS

Em consequência do malogro da tentativa de golpe de Estado, a partir da cidade argentina de Azul, foram internados num campo de segurança da província de La Pampa, 50 oficiais do Exército. Aguardarão ali julgamento. Entretanto o presidente Alejandro Lanusse vai substituir os governadores de diversas províncias. Decidiu também proibir, temporariamente, as importações e impor o controle dos preços e dos câmbios.

VIOLÊNCIA EM BELFAST

Numa explosão ocorrida na capital da Irlanda do Norte,



O coronel Manuel Garcia (ao centro, com braçadeira branca) é o chefe dos oficiais rebeldes que, da cidade argentina de Azul, tentaram um golpe de estado contra o general Lanusse

BANCO DO ALENTEJO

Filial de Lisboa: Praça D. João da Câmara, 18



de 75.000 para 123.000 contos

Emissão de 320 000 acções do valor nominal de 150\$00 cada, autorizada por portaria de 17 de Setembro de 1971, publicada no "Diário do Governo", 3.ª Série, de 23 de Setembro de 1971.

Este aumento do capital social efectua-se nas seguintes condições:

1 - EMISSÃO DE 100 000 ACÇÕES. POR INCORPORAÇÃO DE RESERVAS

Por cada DEZ acções que os accionistas possuírem são-lhes atribuídas DUAS novas acções mediante o pagamento do Imposto de Mais-Valias, de Esc. 7\$50.

2 - EMISSÃO DE 150 000 ACÇÕES. RESERVADAS AOS ACCIONISTAS

Por cada DEZ acções que possua, o accionista pode subscrever TRÊS novas acções mediante o pagamento de Esc. 200\$00 cada, acrescido do Imposto de Mais-Valias, de Esc. 52\$35. O accionista deverá indicar no boletim de subscrição se está interessado no rateio das acções não subscritas.

3 - EMISSÃO DE 70 000 ACÇÕES. DESTINADAS A SUBSCRIÇÃO PÚBLICA

Pelo valor de Esc. 750\$00 cada, sujeita a rateio.

Prazo de subscrição de 18 a 21 de Outubro de 1971 na Filial de Lisboa, Sede e Agências; no Porto através do Banco Fonsecas & Burnay.

Todas as importâncias serão liquidadas no acto da subscrição.

As acções a emitir terão direito à totalidade do dividendo de 1972.

Os accionistas devem apresentar, no acto da subscrição, os títulos a fim de serem carimbados.

As importâncias relativas a acções não atribuídas após rateio serão devolvidas até 6 de Novembro de 1971.

Após esta emissão o Capital e Reservas do Banco do Alentejo ascenderá a 190 300 000\$00.

Lisboa, 12 de Outubro de 1971
O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

AGENTES TÉCNICOS DE ENGENHARIA

ADMITIMOS

para importante Empresa metalomecânica na área de Lisboa

- com o curso de electrotecnia e máquinas
- com serviço militar cumprido
- com idade máxima de 32 anos

São motivos de preferência:

- possuir bons conhecimentos de inglês
- ter experiência de comando de pessoal

Respostas detalhadas ao

Apartado 2138 — Lisboa

morreu uma pessoa e ficaram feridas 19. Com a vítima de ontem, eleva-se a 177 o número de mortos, desde que deflagram os incidentes entre católicos e protestantes, no Verão de 1969.

SADAT NA CAPITAL RUSSA

O presidente Sadat, do Egipto, chegou à capital soviética em visita oficial. Numa decidida manifestação de apoio e de apreço, o sucessor de Nasser foi recebido no aeroporto pelas três mais altas individualidades da hierarquia soviética: Podgorny, Brejnev e Kossyguine.

Numa das cerimónias organizadas em sua honra, Sadat afirmou que Israel só conhece a linguagem da força. Esta declaração aliada à repetida determinação de que o problema do Médio Oriente será resolvido a bem ou a mal, até ao fim do corrente ano imprimiu-lhe particular significado. O conceito de força no Egipto e entre os árabes foi mesmo objecto de comentários na imprensa russa, devido àquela afirmação de Sadat.

DIA 12

NIXON VAI À UNIÃO SOVIÉTICA

O presidente dos Estados Unidos anunciou, numa conferência de imprensa, ter aceite o convite para uma conferência de alto nível em Moscovo em Maio de 1972.

Nas suas conversações com Podgorny, Brejnev e Kossyguine, após se ter encontrado com Mao-Tsé-Tung, em Pequim, Nixon abordará particularmente dois temas: a situação no Médio Oriente e a limitação dos armamentos nucleares.

NOVA CORRIDA AOS ARMAMENTOS?

Segundo declarações pretadas à revista «Life», por peritos americanos em armamento, fotografias tiradas por satélites, sobre território soviético, revelaram a existência de objectos e construções ligadas com engenhos militares. A este propósito, Hugh Sidney escreve que se não se chegar a um acordo soviético-americano, no prazo de um ano, os Estados Unidos recomençarão a corrida no domínio do armamento nuclear.

A PÉRSIA 2.500 ANOS DEPOIS

Com a presença de um imperador de 8 reis, de 15 chefes de Estado e de 1000 jornalistas da Imprensa, Rádio e Televisão, provenientes de quase todos os países do mundo, começaram em Persépolis as faustosas cerimónias comemorativas do 2.500.º aniversário do império persa.

ARMAS PARA ISRAEL

O ministro israelita das Finanças, Pinhas Sapir, declarou numa entrevista que o seu país nos últimos doze meses encomendou armas e equipamento militar no valor de mil milhões de dólares. Tal afirmação foi produzida no dia a seguir à chegada a Moscovo do presidente Sadat do Egipto, cujas conversações incidiram, naturalmente, sobre a actual situação no Médio Oriente e sobre a cooperação soviético-egípcia no domínio militar.

TROCA DE PRISIONEIRO NO VIETNAM

Os Estados Unidos e o Vietnam do Norte chegaram a acordo para a troca de militares presos. Com efeito o sargento americano John Sexton foi trocado por um tenente norte-vietnamiano. Não parece muito viável, entretanto, que se trate do início de uma política deliberada tendente à troca de prisioneiros.

DIA 13

AVANÇO SOVIÉTICO NO CAMPO DO ARMAMENTO

A União Soviética recuperou um ano do seu atraso relativamente aos Estados Unidos, no que respeita ao armamento nuclear - afirmou o secretário da Defesa norte-americano, Melvin Laird. Embora receie que Moscovo ultrapasse Washington nesse domínio, caso mantenha o ritmo actual, Laird disse que os Estados Unidos ainda detêm uma posição dianteira.

AGRAVAMENTO DA SITUAÇÃO ECONÓMICA NOS EUA

Os Estados Unidos defrontam graves problemas económicos e sociais. Entre eles destacam-se as situações criadas por diversas greves e o aumento do desemprego. Na verdade, prossegue a greve dos 100 mil mineiros (minas de carvão), começando a fazer-se sentir os seus efeitos, tanto em fábricas de aço como em companhias de caminhos de ferro. Continua também a greve dos estivadores na costa leste do País. Por outro lado 2.500 ferroviários passaram à situação de desemprego forçado.

HIROITO TERMINOU A VISITA

O imperador Hiroito e a imperatriz Nagako terminaram na Alemanha Ocidental a sua visita a sete Países da Europa, a qual se estendeu pelo período de 16 dias. O chefe do protocolo da casa imperial japonesa classificou a viagem de «um enorme êxito». Os soberanos partiram para o Alasca, a caminho de Tóquio.

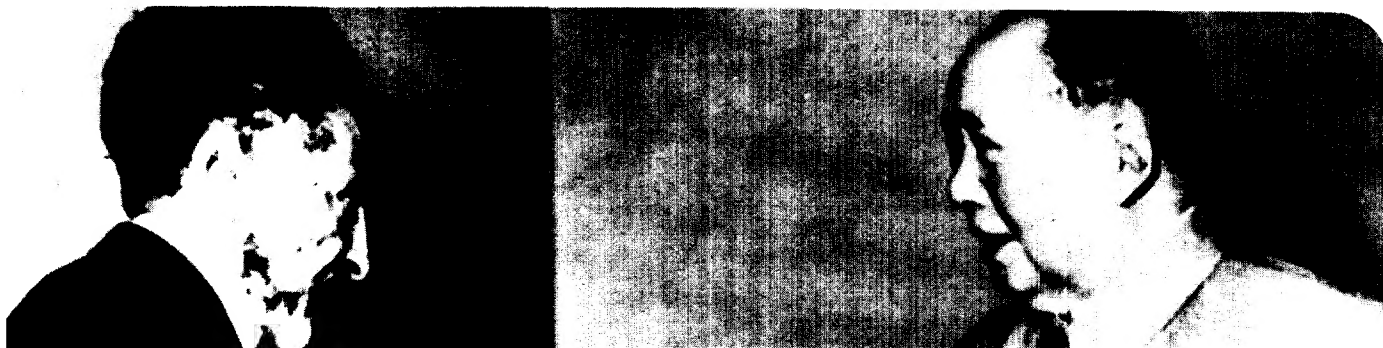
APOIO CONSERVADOR À ENTRADA INGLESA

O Congresso anual do Partido Conservador britânico, reunido em Brighton, aprovou, por esmagadora maioria, a entrada da Inglaterra no Mercado Comum Europeu. Esse voto reforçou consideravelmente a posição do primeiro-ministro, Edward Heath, que tem enfrentado numerosas atitudes de oposição à sua política europeia.

DIA 14

OITO SATÉLITES SOVIÉTICOS

A União Soviética anunciou o lançamento de oito satélites «Cosmos», com os números de série 444 a 451, num único foguetão. Segundo alguns peritos, este lançamento tem em vista fundamentalmente observar a navegação espacial ou a obter progressos no domínio da electrónica espacial.



Mão Tsé-Tung e Haillé Selassié cumprimentam-se, no começo do seu encontro, em Pequim. Foi durante a visita de Haillé, que a China concedeu importantes créditos à Etiópia

PRÉMIO NOBEL DA MEDICINA

O Prémio Nobel da Medicina de 1971 foi atribuído ao dr. Earl Sutherland, de Nashville, no Estado norte-americano de Tennessee. O galardão foi-lhe atribuído pelos seus trabalhos acerca da função das hormonas. Com os seus estudos o dr. Sutherland forneceu pistas importantes para o avanço em investigações ligadas com os diabtes e o cancro.

TEMPESTADES NAS FILIPINAS

A ilha filipina de Luzon foi devastada em vastas áreas, por diversas tempestades. Não se conhece ao certo o número de mortos, embora a lista até agora conhecida não exceda setenta. Entretanto eleva-se a centenas o número de desaparecidos. Avalia-se em 187.000 o número de famílias que teriam ficado privadas de casa ou sofrendo de enormes privações em consequência dos vendavais.

BURQUIBA ESCOLHEU O SUCESSOR

O presidente da Tunísia, Habib Bourguiba, encontra-se bastante doente, não pretendendo candidatar-se de novo à chefia do Estado. No encerramento do congresso do Partido Destour, a única organização política autorizada na Tunísia, Bourguiba indicou o primeiro-ministro, Hedi Nuir, como seu sucessor.

DIA 15

LIN PIAO MORREU?

Segundo o «Daily Express», de Hong-Kong, Lin Piao teria morrido num acidente aéreo, na Mongólia. O desastre ter-se-ia verificado após uma fuga precipitada de Pequim, quando Piao verificou o fracasso de um golpe de estado de que seria o autor contra Mao Tsé-Tung.



O imperador e a imperatriz do Japão, entre o chanceler Willy Brandt e a esposa, nos jardins do palácio do chefe do Governo da Alemanha Ocidental, em Bonn

A vida política chinesa tem sido objecto de muitos mistérios e conjecturas no mundo ocidental. Também na última semana de Setembro, ao ser anunciado o cancelamento da parada do 1.º de Outubro, se admitiu a morte de Mao, o que depois se concluiu não ter qualquer fundamento. Lin Piao era considerado o delfim e sucessor de Mao Tsé-Tung. Com que fundamento iria agora rebelar-se contra o obreiro da revolução socialista na China?

PRÉMIO NOBEL DE CIÊNCIAS ECONÓMICAS

A Real Academia Sueca atribuiu o Prémio Nobel de Ciências ao dr. Simon Kuznets, americano de origem russa. Perito em estatística, é autor de numerosos trabalhos relativos à história do crescimento económico, desde meados do século XVIII. Foram estes trabalhos que lhe valeram o galardão. O dr. Kuznets é professor jubilado da Universidade de Harvard, há três meses e meio. Harvard é uma das mais prestigiosas Universidades norte-americanas.

AMIZADE SOVIETO-AMERICANA

Ao receber nove governadores de Estados norte-americanos que se encontram de visita à União Soviética, Kossyguine declarou-lhes que a paz mundial «é difícil sem a amizade dos Estados Unidos e da União Soviética». Segundo o mesmo estadista, a melhor preparação para a visita de Nixon a Moscovo, em Maio próximo, seria o fim da guerra no Vietnam e a retirada, por parte dos israelitas dos territórios ocupados.

DIA 16

TENSÃO INDO-PAQUISTANESA

Notícias de Nova Delhi dizem encontrar-se na fronteira entre o Paquistão Oriental e a União Indiana cinco divisões do exército paquistanês.

Devido ao afluxo incessante de refugiados paquistaneses a território indiano (mais de dez milhões) fugindo à perseguição e às atrocidades das autoridades do Bengala, o clima de tensão entre o Paquistão e a Índia tem assumido proporções cada vez mais graves. Será o começo de uma luta que, não sendo longa, poderá fazer centenas de milhares de vítimas?

A FRANÇA PEDE REPRESÁLIAS

Apesar da onda geral de protestos e de críticas que se erguem de todos os lados, os Estados Unidos mantêm a taxa de 10 por cento sobre as importações, como forma de pressão para obrigar países amigos e aliados a desvalorizar as suas moedas.

A França, que tem assumido o primeiro lugar na oposição aos Estados Unidos e nas soluções adoptadas foi estes para defender o dólar, resolveu agora, segundo consta em Bruxelas, fazer pressão sobre os seus parceiros do Euromercado, a fim de que seja estudadas medidas de represália contra as decisões de Washington.

NOVO AVIÃO ISRAELITA

A fim de contornar o obstáculo levantado pela França, ainda na presidência do general de Gaulle que proibiu a venda de 50 aviões «Mirage», Israel está em vias de obter a construção de um novo caça-bombardeiro, pela combinação da fuselagem do «Mirage» francês com o motor do «Phantom» norte-americano.

EQUIPAMENTO E MOBILIÁRIO DE ESCRITÓRIO

NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

DE 15 A 24 OUTUBRO

HORÁRIO DAS 17 ÀS 24

ENTRADA 10\$00

FILEME

ALLIANCE FRANÇAISE

A maior e a mais afamada escola de ensino da língua francesa no mundo

CURSOS DE FRANCÊS

LISBOA (Rua Braamcamp, 13-1.ª e Avenida Almirante Reis, 183-1.ª, Dto.). ALMADA (Rua Luis Queirós, 6, Lote n.º 4). S. JOÃO DO ESTORIL (Quinta da Carreira, Lote, 30, r/c., Esq.). ALGÉS (Parque Miraflores, Lote 111-1.ª, Dto., Frente).

ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES



A PÉRSIA, DE CIRO AO XÁ: OS SOMBRIOS BASTIDORES DOS FESTEJOS DO SÉCULO

Um imperador, oito reis, dezassete princesas, dez «sheiks», um duque, um cardeal, quinze presidentes e um vice-presidente estão presentes na grande festa de Persépolis, visitando túmulos, depondo flores, assistindo a um gigantes-

co espectáculo de luz e som, com desfiles, fogo de artifício, etc.

Foram necessários cerca de dez anos para preparar este grande espectáculo, e os últimos preparativos foram executados sob um estado de excitação muito perto do histerismo, já que os persas enfrentavam, simultaneamente, vários problemas: as críticas dos que não aprovam o custo excessivo da «festa» de Persépolis, as dificuldades de ultimar os dispositivos de protecção aos numerosos «VIP» presentes, os urgentes últimos retoques num sem número de monumentos, estádios e hotéis construídos propositadamente para o efeito e, por último, os problemas de protocolo, que são bastantes.

As estimativas sobre o custo das festas de Persépolis são as mais diversas. Começou por ser feito um cálculo aproximado que oscilava entre cinquenta e trinta milhões de dólares. Mais recentemente, o Ministro da Corte falou em cem milhões. Cada pavilhão de Chefe de Estado custou cento e sessenta e um mil dólares e a tenda onde foi servida o grande banquete ronda o milhão de dólares. Calcula-se que cada monarca consome entre 1.200 e 2.000 dólares de víveres durante a sua estadia em Persépolis.

Todos os pavilhões foram transportados de avião. Foram cento e vinte aparelhos a fazer a viagem de França à capital da Pérsia, dos quais quatro transportaram refeições do restaurante «Chez Maxims». Todos os dias, e também de avião, foram transportados ovos, manteiga, natas, faisões, vitelas etc.

A casa «Jansen» havia conseguido há um ano o contrato para a decoração de todos os pavilhões. «Disseram-nos para criarmos no deserto um ambiente para cinquenta reis», declara Pierre Deshayé, director geral desta empresa francesa. «Deram-nos carta branca para fazermos o que quiséssemos e nós nem sequer temos possibilidade de fazer uma estimativa do custo, já que aqui, em pleno deserto, foi neces-

sário criar tudo a partir do nada. Tivemos de «inventar» água, electricidade e até vegetação. Mas a central alimentará cinquenta povoações e essa despesa não pode ser incluída na Festa...»

A casa «Jansen», que forneceu à Imprensa todos os detalhes possíveis, não foi ainda autorizada a dar a conhecer ao público iraniano o custo da operação. De facto, não há praticamente nada publicado sobre esta dedicada questão, o que tem merecido fortes reparos por parte da Imprensa persa.

O Clube Mediterrânico, que tinha a intenção de explorar durante três anos a «cidade das tendas», retirou a sua proposta no último momento. Parece que o sistema de esgotos não é permanente, estando em funcionamento apenas durante o tempo necessário para que os hóspedes do Xá não tenham dificuldades.

O Governo persa, que despende somas consideráveis para atrair eventuais turistas ao país das mil e uma noites, cancelou todos os «vistos» desde a semana passada e até ao fim das cerimónias.

Os persas mais endinheirados que passaram dias em redor de todas estas decorações estão desolados. Não é só o elevado custo que as decorações acarretam e para o qual eles tiveram de contribuir largamente que lhes provoca descontentamento, mas o mau gosto que, segundo eles, abunda. Ainda se fala em Teerão do jantar que o Xá deu, no ano passado, em honra de duzentos iranianos ricos e que custou rios de dinheiro...

Tudo isto, segundo vem lembrar um intelectual persa, enquanto a FAO e as Nações Unidas devem distribuir leite em pó a oitenta mil famílias persas durante cinco anos, dado que um terço das crianças que actualmente estão hospitalizadas neste país padecem de deficiências alimentares. Um porta voz local afirmou, ainda, que a maior parte dos créditos foram lançados sobre o orçamento nacional e não sobre o da Corte.

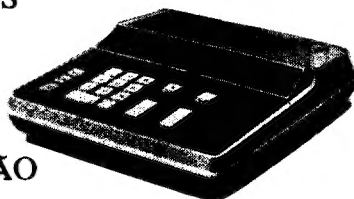
Continua na página seguinte



Canon
na
vanguarda

E EU
TAMBÉM,
COM A MINHA
CANOLA L.121

PARA ALÉM DE TODOS OS CONVENCIONALISMOS É TÉCNICAMENTE A MAIS EVOLUÍDA. OS SEUS 15.000 ELEMENTOS MICRO-ELECTRÓNICOS (LSIs) OFERECEM-LHE 3 REGISTOS, MEMÓRIA ACUMULADORA, CAPACIDADE DE 12 DÍGITOS, ARREDONDAMENTO, DECIMALIZAÇÃO DA POSIÇÃO «O À 6» E MUITAS OUTRAS CARACTERÍSTICAS.



OBEDECENDO AOS PRINCÍPIOS HABITUAIS DO «DESIGN CANON» ELA É COMPACTA, DE FUNCIONAL UTILIZAÇÃO E DE TRANSPORTE CÓMODO. CONSULTE-OS PORQUE ELES TÊM OUTRAS CANOLAS MAIS SIMPLES OU MAIS COMPLETAS, PROGRAMÁVEIS E IMPRESSORAS QUE CERTAMENTE SE ADAPTAM AOS SEUS PROBLEMAS.

Canon
Comundo

NA FILME DE 15 A 24 DE OUTUBRO
VISITE O STAND COMUNDO



Continuação da pág. anterior

A PÉRSIA, DE CIRO AO XÁ

No que diz respeito a problemas de segurança, as autoridades não deixaram nada ao acaso: mais de cinco mil homens pertencentes ao exército iraniano, à guarda imperial e à polícia secreta («Savak»), estão de serviço em Persépolis. Os pavilhões dos monarcas foram rodeados de arame farpado e protegidos por sistemas electrónicos especiais. As janelas das tendas e de um certo número de automóveis são à prova de bala. Em cada tenda existe, ainda, uma ante-câmara especial para os guardas. Isto para além da guarda pessoal que cada um dos convidados pôde trazer consigo. Há uma certa semelhança entre este dispositivo de segurança e o muro de Berlim, dado que será extremamente difícil um chefe de Estado conseguir sair da «cidade das tendas». Mais ainda: para desencorajar qualquer tentativa de manifestação contra o Xá, foi decretado o recolher obrigatório desde as vinte e duas horas até às cinco da madrugada.

O Xá previu numerosas cerimónias. O estádio «Aryamehr» («Luz do Mundo», um dos títulos do Xá), que comporta 100.000 pessoas, foi inaugurado durante as Festas. O seu custo ascendeu a vinte milhões de dólares. Constan, ainda, do programa anunciado, o descerramento de uma placa de ouro com a efígie do Xá, a ligação telefónica directa com Chiraz, e a inauguração de várias escolas (estão previstas 2.630 novas escolas). Mas já se pergunta onde vão os persas arranjar professores para elas. Os problemas protocolares afligiram os organizadores. De facto, apenas três tendas tinham dono a poucos dias do começo dos festejos: a do vice-presidente Spiro Agnew, a do príncipe Filipe e a da princesa Ana. Tudo ficou dependente de assistências de última hora, o que aconteceu com alguns monarcas, que se fizeram representar por personalidades menos importantes. O facto obrigou os responsáveis pela distribuição dos pavilhões a rever tudo para não melindrar ninguém. Um dos chefes de Estado que se fez representar foi Pompidou, que mandou em seu lugar o primeiro ministro Jacques Chaban-Delmas.

Tudo seria simples se não se verificassem estas desistências: à cabeça da lista ficariam aqueles que reinam há mais tempo. Para os «plebeus» foi destinado um outro sector da «cidade». Hailé Selassié é o primeiro da lista dos monarcas e por isso esteve ao lado de Farah Diba no grande banquete de quinta-feira.

A rainha Isabel de Inglaterra, declinou o convite, segundo se diz, porque o Xá, para além de ser um «rei de segunda geração», casou três vezes. Quanto à rainha Juliana da Holanda, figura-se-lhe que a dinastia dos «Pahlavi» é um pouco uma dinastia de novos ricos. No que diz respeito a Heinenman, presidente da República Federal Alemã, a ausência está justificada por doença. No seu lugar está o Presidente do Parlamento.

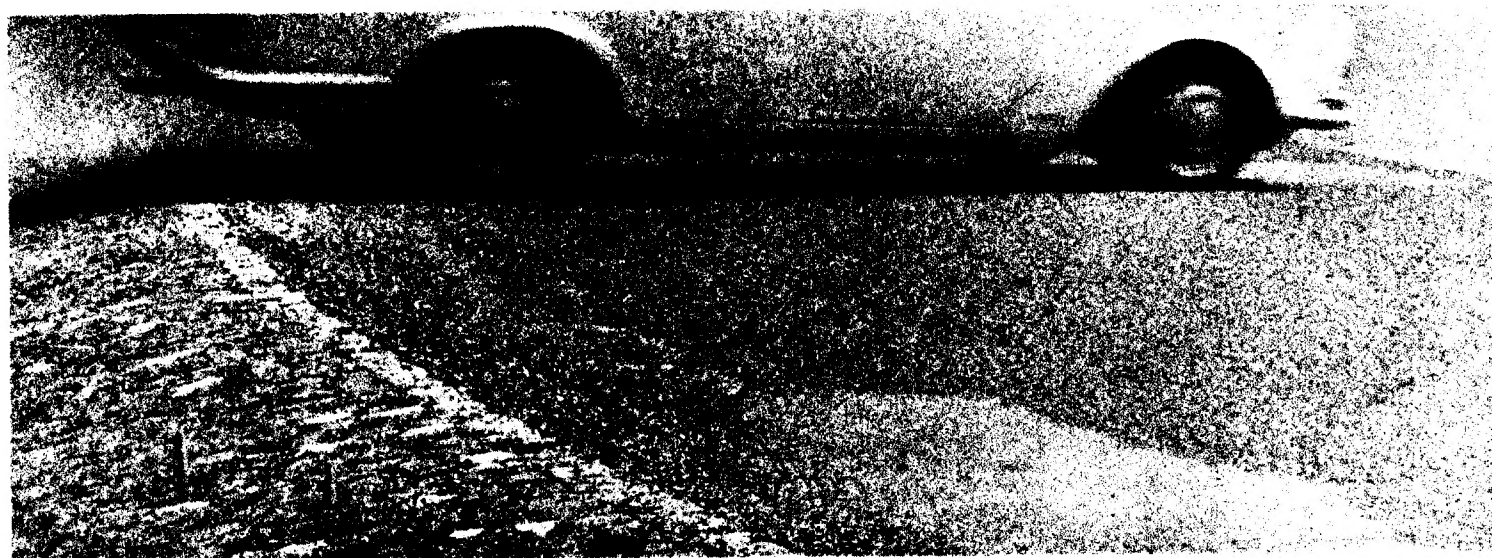
Consta ainda que Soraya foi convidada, mas não apareceu.

A «élite» social autóctone está indignada por não ter sido convidada, tanto mais que foi obrigada a contribuir largamente para as despesas do Festival. O «Xá não pode convidar quem quer», afirmam os organizadores, acrescentando que o protocolo é que manda nestas coisas. E o protocolo não perdoa: um funcionário dos serviços de informação explicou à imprensa que, devido ao protocolo, os «hóspedes de segunda ordem», como os primeiros ministros, os embaixa-

dores, os príncipes e os representantes de outros convidados, teriam de ficar alojados em hotéis os situados perto da «cidade das tendas», como o novo hotel «Darius», em Persépolis, ou o hotel «Kouroush», em Chiraz.



VIVER É UM PERMANENTE RISCO



O perigo é inesperado,
imprevisível.
Defenda o círculo das suas pessoas íntimas
de um imprevisto.
Segure a sua vida
na Ultramarina. Prefira as nossas modalidades
de seguro de vida.



COMPANHIA DE SEGUROS

ULTRAMARINA

SEDE: RUA DA PRATA, 108 LISBOA



Muito fácil ganhar prémios

No ano do seu cinquenta-
nário o «Diário de Lisboa» pro-
move iniciativas de grande intere-
resse para os seus leitores, ofere-
cendo-lhe, a par de um jornal
moderno, agora enriquecido
gratificamente, a possibilidade de
ganhar muitos e valiosos
prémios. A «Conta Corrente» é,
outra das grandes iniciativas do
nosso jornal que está a suscitar
o maior interesse entre os leito-

res. Conforme temos divulgado
proporciona idênticas oportuni-
dades a todos, independente-
mente dada sua capacidade de
compra. Desde 1 de Outubro
(data de começo da iniciativa)
até 31 de Dezembro os leitores
do Diário de Lisboa podem par-
ticipar. Por razões evidentes
não devem no entanto deixar
para a última hora pois, a «Con-
ta Corrente», está concebida de

forma a constituir como que um
passatempo desde o princípio.

O Regulamento geral da ini-
ciativa foi publicado no Diário
de Lisboa nas primeiras edições
antes e depois de a mesma ter
princiado. Basta portanto ad-
quirir os exemplares do nosso
jornal publicados depois do dia
1 de Outubro, (de qualquer for-
ma indispensáveis à partici-
pação na iniciativa) para ficar

ao corrente de tudo o mais que
é necessário.

A simplicidade, como poderá
observar, é uma das característi-

cas desta nova iniciativa do
Diário de Lisboa. Outro por-
mamente quem tiver somado
maior número de pontos na sua
Conta Corrente.

buição dos prémios. Ganha sim-
plesmente quem tiver somado
maior número de pontos na sua
Conta Corrente.

DL CONTA CORRENTE Diário de Lisboa

ANÚNCIOS PUBLICADOS em 16 de OUTUBRO de 1971

MARCAS E ANUNCIANTES	PÁGINA	ARTIGOS-PRODUTOS-SERVIÇO COMPRADOS	PONTOS	VALOR EM ESCUDOS
Halazon	2			
Torraltá	4			
Miraflores Lux	8			
Baume e Mercier	9			
J J Gonçalves	13			
Cometna	14			
Mobil	15			
J. Pimenta	16			
Intefi-Tiffany	20			
Timex	Dois			
Philips	Três			
Acral	Quatro			
Citröen	Cinco			
Estb. M. Simões Jor - NIKON	Seis			
Sarrio-Renor	Oito			
Baterias Hagen	Dez			
Sanyo	Doze			



ASSINATURAS PARA A INICIATIVA

Aceit am-se d es de
já assi n aturas pelo
período da iniciativa.
Essas assinaturas ga-
rantem aos interessa-
dos os e x e mpla res
pretendidos, com os
preços seguintes:

3 meses 130\$00
6 meses 250\$00
12 meses 485\$00

Pag a mento adian-
tado, em vale do cor-
reio, cheque ou selos.

O ENVIO DO SELO

Quem pretenda que
lhe e n v i e mos pelo
correio o cartão de
Identidade de Leitor
do «Diário de Lisboa»
deverá juntar ao seu
cupão duplo um selo
de correio de 1\$00.

VIAGEM A MUNIQUE PRÉMIO DA SEQUEL-KELVINATOR

Estas simpáticas hospedeiras, que vieram do Ghana, Índia, Ja-
pão, Brasil e Munique, são as oito primeiras recepcionistas
que nesta cidade receberão os visitantes. Um leitor do Diário
de Lisboa irá também assistir aos Jogos Olímpicos graças à
Sequel-Kelvinator, que instituiu como prémio de marca da sua
Conta Corrente uma viagem a Munique

LISTA DE PRÉMIOS CLASSIFICAÇÃO GERAL

- 1.º PRÉMIO** Uma vivenda na área de Cascais, construída por Baraona e Baraona, Lda., completamente mobilada com móveis Baía e um CITROËN AMI 8.
Um seguro Ramo fogo, na Garantia Funchalense, no valor de 1000 contos.
Um seguro Ramo Acidentes Pessoais, na Garantia Funchalense, no valor de 200 contos.
- 2.º PRÉMIO** Uma «station» AUDI 75 Variant.
Um seguro Ramo Acidentes Pessoais, na Garantia Funchalense, no valor de 200 contos.
- 3.º PRÉMIO** Um barco «DORI 13», equipado com motor EVINRUDE.
Um seguro Ramo Acidentes Pessoais, na Garantia Funchalense, no valor de 100 contos.

Esta bonita vivenda, situada na área de Cascais, é o prémio maior da nos-
sa iniciativa. Construída pela firma Baraona e Baraona, mobilada inteira-
mente com móveis Baía e — sensacional! — com um Citroën Ami 8 na
garagem, é (sem dúvida) uma espécie de «fábula»: que pode «virar», de
sonho em realidade, para um leitor do «Diário de Lisboa».

CLASSIFICAÇÃO POR MARCAS OU ANUNCIANTES

- PRÉMIO DO JORNAL «MOTOR»** Um Triumph Spitfire último modelo.
- PRÉMIO GARANTIA FUNCHALENSE** Um seguro Ramo Acidentes Pessoais no valor de 5000 contos.
- PRÉMIOS VOLKSWAGEN** 1.º Prémio Assistência técnica durante um período de 20 000 quilómetros a contar da data da atribuição do prémio.
- 2.º Prémio Jogo de extras «VW» constituído por faróis de nevoeiro e de longo alcance, tampões desportivos, alavanca especial e «cockpit» com relógio, manómetro de pressão de óleo, grelhas, termómetro e conta-rotações.
- 3.º Prémio Auto-rádio BENDIX, modelos Saphira XI incluindo antena e montagem.
- Prémio especial** Fim-de-semana em Paris com todas as despesas pagas (passagens de avião e hospedagem em hotel de 1.ª classe em regime de pensão completa) para duas pessoas, e ainda um Volkswagen às ordens no Aeroporto de Orly.
- Este prémio será sorteado entre todos os leitores do «Diário de Lisboa» que enviarem a esta firma o boletim de identificação que a mesma publicará no dia em que fizer a última inserção de anúncios incluindo na iniciativa «Conta-Corrente».
- PRÉMIO SEQUEL-KELVINATOR** Uma viagem a Munique para assistir aos jogos Olímpicos.

BOM APETITE



CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA

ESTRADA DA TORRE — LUMIAR - TELEF. 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SABADOS E DOMINGOS ORQUESTRA
PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE (M/15 anos)



SNACK-BAR APOLO 70
av. Júlio Dinis - Lisboa

durante o mês de Outubro
OFERTA DO APERITIVO
antes dos almoços e jantares

RESTAURANTE

QUINTA DE S. VICENTE

Telheiras de Cima, 144
Telef 790211

JANTARES
DANÇANTES
AOS SABADOS
E DOMINGOS
c/ conjunto privativo

AMBIENTE
DISTINTAMENTE
FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I.
(Maiores de 15 anos)



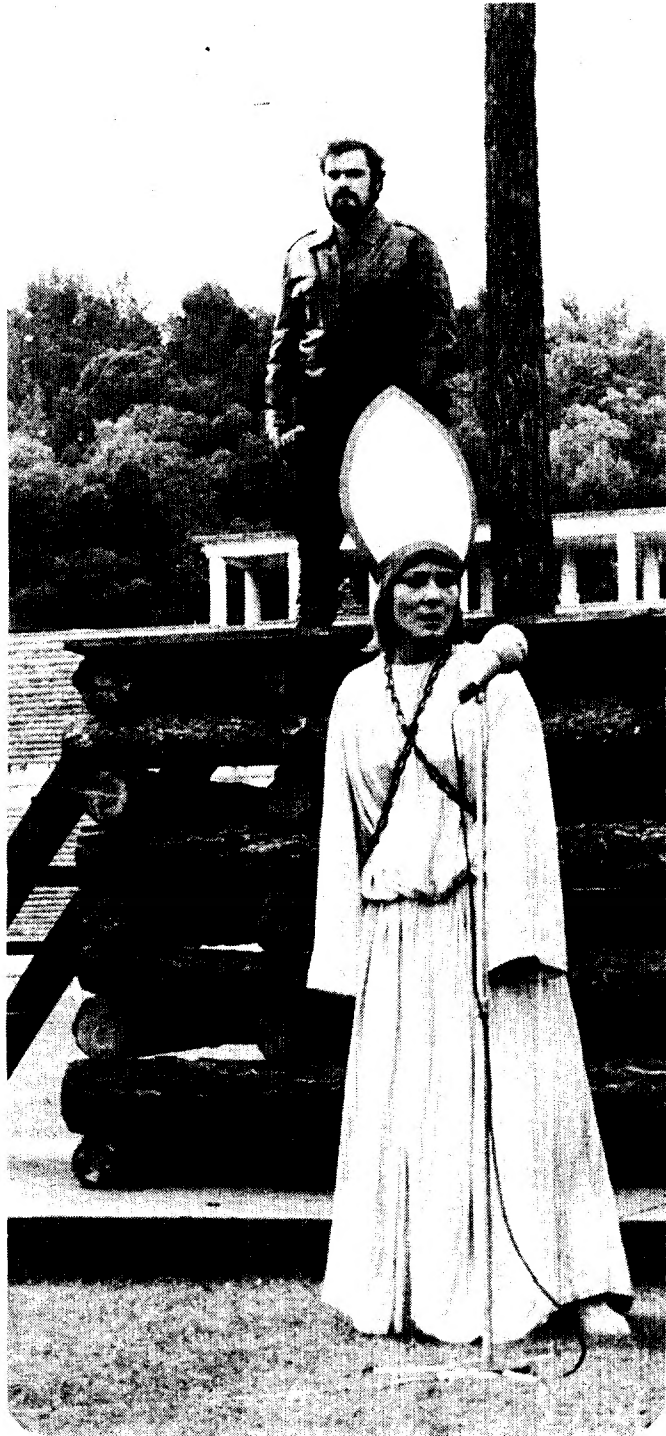
FEIRAS INTERNACIONAIS — 1971 —

VIAGENS IT

TRANSNAUTICA
Peça-nos programa especial
Agência de Viagens
e Turismo

Rua Duque de Palmela, 35
Telefones: 42640 - 49354
LISBOA

Uma "Joana D'Arc" insólita foi filmada no Estádio Nacional



Jorge Listopad acabou os trabalhos de filmagem de «Processo de Joana d'Arc», peça francesa que o conhecido realizador adaptou e dirigiu, dentro de uma versão absolutamente inédita e (sem dúvida) de arrojada concepção: o enredo enquadra-se em diferentes épocas, ligadas, no mesmo «plano», personagens caprichosamente vestidas dentro do espírito em que o diálogo as coloca.

«Joana d'Arc» é interpretada por outra Joana: a Clara, actriz que tem neste papel a «grande oportunidade» da sua ainda breve carreira. Outros personagens: Fernando Curado Ribeiro (1.º juiz), Orlando Costa, Luis Santos, Vicente Galfo, José Gomes e Melim Teixeira.

Algumas das cenas filmadas no Estádio Nacional: aí está o exemplo do traço entre a antiguidade e o moderno. A realização, de Jorge Listopad é controversa e vai rasgar horizontes para longos debates. Entretanto, ainda não se sabe quando a peça será exibida na RTP: apenas se pode já assinalar o termo das filmagens que, iniciadas em Agosto, foram incluídas esta semana no Jamor.



Personagens de ontem nun cenário insólito. Uma fantasia que desde já desperta pelo menos, muita curiosidade

OFERTA DE OUTONO DO INSTITUTO DE BELEZA RENÉ RAMBAUD - PARIS

As suas férias passaram e com elas o Verão, o sol, a praia, o campo, a vida ao ar livre. O Outono chegou e com ele a readaptação ao seu ambiente normal.

A sua pele é a sua própria imagem. E muda com as estações. Requer agora cuidados ainda mais especiais.

RENÉ RAMBAUD não o esquece e criou para si uma «OFERTA DE OUTONO». Mlle Sara esthéticienne e visagiste do Instituto RENÉ RAMBAUD, terá o maior prazer em lhe «oferecer» um «TRATAMENTO DE LIMPEZA» utilizando unicamente produtos da linha René Rambaud, justamente apreciados em todo o mundo feminino, devido aos cuidados com que é feita a sua preparação e apresentação pelos famosos laboratórios Parisienses. Basta telefonar para a PERFUMARIA DALILA - Avenida João XXI, n.º 7 C - Tel. 726401, onde Mlle. Sara espera por si de 18 a 2 de Outubro.

* VASCO MORGADO APRESENTA *

TEATRO • tel 327493

"CAPITOLIO"

la MAMMA

QUERIDA MAMMA

Famosa comédia de ANDRÉ ROUSSIN

COM CARLOS DUARTE
ALDA PINTO
ANTONIO MACHADO
LUIZ ALBERTO
ANTONIO RAMA
ANA LE MATTRE
CLAUDIA MARTINS
E OCTAVIO BORGES

Todas as noites, 21.45 h.
Domingo, à tarde, 16 h.
2.ªs-feiras, descanso da C.ª

10.º MÊS

TEATRO • tel 538586

"VILLARET"

O ANIVERSÁRIO DA TARTARUGA

de Carinei e Giovannini

COM FLORDELA QUEIRÓS
RUI DE CARVALHO

UM GRANDE BALLET INGLÊS
dirigido por ANTONIO BARDIS

Todas as noites
2-SESSÕES-2
20.45 e 23 h.

Domingos, à tarde, 16 h.
2.ªs-feiras, descanso da C.ª
GRUPO C (M/ 14 anos)

TEATRO • tel 326037

"VARIEDADES"

HENRIQUE SANTANA
MARIA DULCE

colaboração especial de PAULO RENATO

EMPRESTA-ME O TEU APARTAMENTO

de Ray Cooney e John Chapman

TRIPIDANTE, TRIDESPILANTE, TRIPICANTE

2.ªs, 3.ªs e 5.ªs, às 21.45 h.

6.ªs-feiras e sábados
2 SESSÕES
20.45 e 23 h.

Domingos, 16 e 21.45 h.
4.ªs-feiras, descanso da C.ª

5.ª SEMANA

TEATRO • tel 555133

"MONUMENTAL"

CAMILO DE OLIVEIRA

ARMANDO CORTEZ • CANTO E CASTRO
LINDA SILVA • FERNANDA FRANCO

MILU e IRENE IZIDORO

numa peça em que a vedeta é

uma cabana para toda a gente

3.ªs, 4.ªs e 5.ªs, às 21.45 h.

6.ªs-feiras e sábados
2 sessões: 20.45 e 23 h.

Domingos, 16 e 21.45 h.

GRUPO D (M/ 18 anos)
2.ªs-feiras, descanso da C.ª

4.º MÊS

NOVO CASINO ESTORIL

TELEF. 264521

SALA DE JOGOS

todos os dias das 15 as 3 horas

SLOT MACHINES

acesso livre maiores 21 anos

NEW YORK REVUE

pela primeira vez na Europa

ILES ROSETTI ★★

comediantes da acrobacia

MARIA VALEJO

Shagundo Galarza e seu Conjunto
Jirina's Combo
Ferrer Trindade e sua Orquestra

SO NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23.30 H.
Grupo C/Maiores de 14 anos
NO WONDER BAR ÀS 10H.
maiores de 21 anos

Teatro para rir

Dentro da ideia de exibir teatro fundamentalmente para pura diversão, Vasco Morgado tem em cena três espectáculos sem outras aspirações que não sejam «fazer rir», como a sua publicidade faz questão de salientar.

Se o leitor estiver interessado, aqui se referenciam essas três produções, em representação no Monumental, Variedades e Capitólio. No Monumental, Camilo e Milú, rodeados por bons actores (Cortez, Canto e Castro,

Irene Isidro) e por jovens actrizes (Linda Silva e Fernanda Franco) interpretam a comédia «Uma cama para toda a gente».

No Variedades, outra comédia: só que esta não é francesa, pois nasceu na América, saída da inspiração de Cooney e Chapman, os responsáveis por «O vison voador» e chama-se «Empresta-me o teu apartamento». No cartaz do Variedades (teatro condenado pelo camartelo municipal) podem vislumbrar-se os nomes de Henrique Santana, Paulo Renato, Ma-

ria Dulce, Maria Helena Matos, Henrique Santos, Helena Isabel, Maria Laurent, Alina Vaz e C. J. Teixeira.

Laura Alves, verdadeiramente a maior bilheteira dos palcos portugueses, continua a fazer de mamã, na peça de André Rousin que esgota as lotações no Capitólio. A seu lado, outro bom intérprete: Carlos Duarte. Depois, o complemento do elenco: Alda Pinto, António Machado, Octávio Borges, Luís Alberto, Ana Le Matre, Cláudia Martins e António Rama.



ANDREIA : ESTREIA COMO ACTRIZ

Andreia (23 anos, nascida em Setúbal mas vivendo durante largo tempo em Itália) vai dentro de dias iniciar uma digressão pelos Estados Unidos e Canadá, integrada num «show» organizado pelos empresários Francisco Penha, Amadeu e Artur Pereira.

A jovem cançonetista já gravou dois discos comerciais, ambos para a «Tecla» dirigida por

Jorge Costa Pinto. Números interpretados: «Um raio de sol», «O namorado que sonhei», «Bem vindo o sol», «Vou cantando», Por gostar de ti, «Canção de todos nós», «Tu disseste: amo-te» e «Côr branca de maré cheia».

Este ano fez larga temporada em Itália: durante 4 meses actuou nos melhores casinos e «boites» daquela que é, na verdade, a minha terra, porquanto estou naturalizada italiana.

Projectos imediatos: no regresso dos «States», Andreia irá cumprir um contrato (por seis meses) em Angola, Rodésia, África do Sul e Moçambique. Depois, está quase assegurada a presença no Festival de Brasov (Roménia) e, também, a gravação de mais dois discos.

Recebi um convite para fazer Cinema em Paris, e penso aproveitar esta excelente oportunidade de ser alguém na tela — diz Andreia, que ainda antes de partir para o outro lado do Atlântico gravará um «TV-Clube» com melodias italianas.

Cantando em público há cerca de dois anos, Andreia já se exibiu na Madeira (por duas vezes) e, praticamente, em todo o Continente, desde que realizou uma longa digressão incluída num cartaz elaborado por Marques Vidal.

Agora, na América e no Canadá, perante plateias de portugueses ali radicados, vou estreiar-me como actriz, ao lado de Spina, num quadro humorístico de «Vedetas-Show».

Andreia (55 quilos de peso, 167 centímetros de altura e uma casa em Lisboa e outra em Setúbal) quer ir por aí fora.

Sinto que tenho condições. Por isso não quero ficar na cepa torta-conclue.

SECRETARIADO INTERNACIONAL DA LÃ - ESPIRAL M 3

minha lâ meu amor

Sabe-se lá onde começa a pele e acaba a lâ!...

A Lã merece ternura.

VOCÊ MERECE A LÃ!



O HOMEM DA REGISCONTA PRESENTE NO



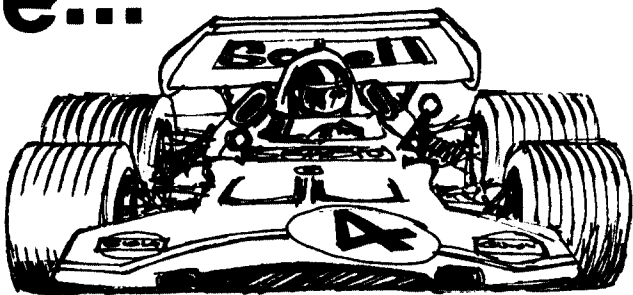
EQUIPAMENTO E MOBILIÁRIO DE ESCRITÓRIO

Regisconta

Lisboa - Porto - Coimbra - Faro - Leiria

gosta de...

Leia o motor



IWC Ingénieur

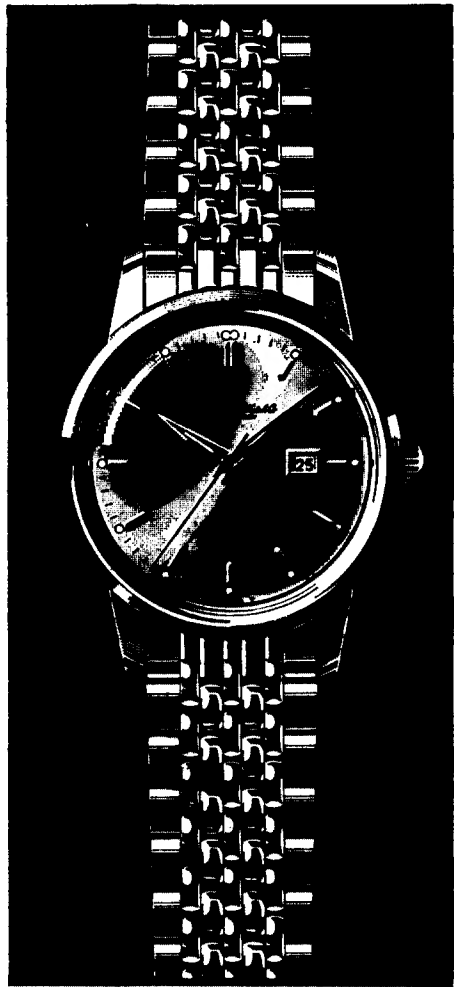
Anti-magnético.

Mantém toda a precisão IWC mesmo em campos magnéticos de 80.000 ampères/metro.

Automático estanque até uma profundidade de 120 metros (12 atm.).

Puxando a coroa, consegue-se parar o ponteiro dos segundos o que facilita o acerto exacto por um sinal horário.

O relógio recomendado para os físicos nucleares, os pilotos, os técnicos e os desportistas.

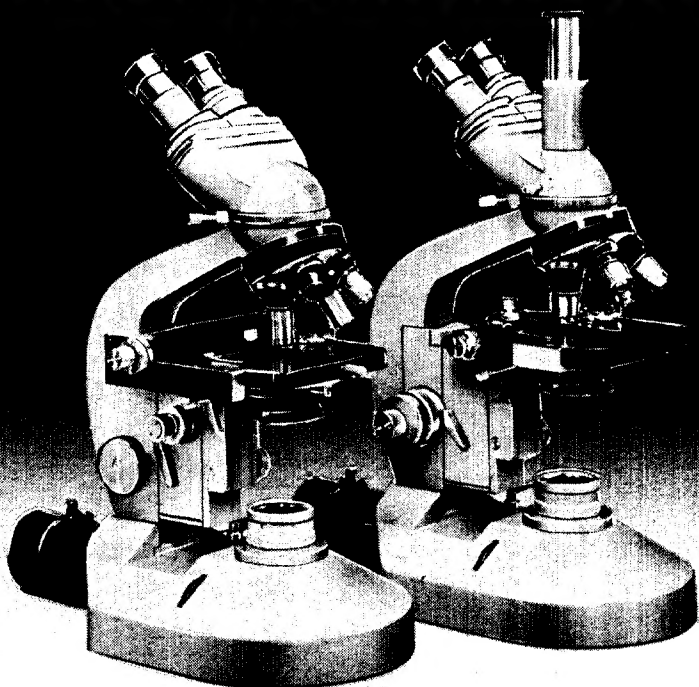


IWC
International Watch Co.
Schaffhausen/Switzerland

Em ouro de 18 quilates. Ref. 866 AD com correa de crocodilo 12.700\$00. O mesmo modelo em aço Ref. 866 AD com pulseira de aço 5.120\$00

A VENDA NAS MELHORES OURIVESARIAS E RELOJOARIAS DO PAIS

DOIS DOS MUITOS MICROSCÓPIOS DE INVESTIGAÇÃO DA GAMA OLYMPUS



OLYMPUS
TOKYO

Comundo

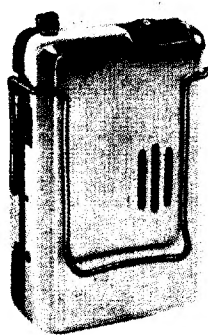
Os modelos HE e FH que figuram nesta ilustração, têm iluminação incorporada e caracterizam-se por uma sensibilidade de focagem inultrapassável na sua classe. Estes e todos os microscópios OLYMPUS aliam óptica de alta qualidade a uma precisão famosa em todo o mundo.

Lisboa - Av. 5 de Outubro, 56,1.º - Tel. 537091

Porto - A. J. BARBOT COSTA - R. Fernandes Tomás, 749, 1.º - Tel. 24165

LICENCIADO EM FINANÇAS MOÇAMBIQUE

PROCURA-SE PESSOA MUITO COMPETENTE E ACTIVA PARA LUGAR DE ADMINISTRAÇÃO EM GRANDE EMPRESA NA PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE. OFERECEM-SE CONDIÇÕES PERFEITAMENTE COMPATIVAS. RESPOSTA COM TODAS AS INDICAÇÕES, COMO IDADE, «CURRICULUM VITAE» PROFISSIONAL, ETC., A ESTE JORNAL, AO N.º 913.



SURDOS CASA SONOTONE

Há muitas casas da especialidade... mas... SONOTONE, há só uma. NÃO CONFUNDAM. Trocas, facilidades de pagamento, tudo encontrareis inclusive os aparelhos populares que continuamos vendendo por 2500\$00, com garantia. As nossas CASAS esperam-vos:

LISBOA - Poço do Borratém, 33-s/l - Telef. 868352
PORTO - Praça da Batalha, 91-1.º - Telef. 35602

- Recebidos cerca de dois mil desenhos em quinze dias



A propósito do lançamento do novo disco do grupo «A Pandilha» que inclui a canção de Vinícius de Moraes, «A Casa», os programas radiofónicos de Armando Marques Ferreira e Carlos Nascimento em Rádio Renascença organizaram um passatempo no qual as crianças dos 6 aos 12 anos eram convidadas a desenhar uma casa de sua invenção.

Receberam-se cerca de dois mil desenhos e a selecção dos 35 premiados foi efectuada por um júri constituído por representantes dos programas radiofónicos daqueles produtores, da Secção Infantil da Parceria A.M. Pereira, da «Movieplay» e dos professores da Escola de Artes Decorativas António Arroio, D. Teresa Calado e Sr. Vitor da Silva.

Os desenhos dos 35 premiados e mais um conjunto de 6 trabalhos distinguido extra-concurso, estarão patentes ao público a partir de sábado, 23 de Outubro no salão da Secção Infantil da Parceria A.M. Pereira, na Rua Augusta.

Na foto: elementos do Júri durante a apreciação dos trabalhos de todo o país.

ELA É A MELHOR CANÇONETISTA DA JUGOSLÁVIA



RADOYKA:

A fórmula para muitos triunfos

Radoyka da Jugoslávia e, também, a mais projectada internacionalmente: sobretudo após os seus êxitos nos festivais de Tóquio, Caracas, Atenas e Rio de Janeiro.

É uma rapariga bastante alta, morena, arrogante e segura de si e do seu talento. Estudou Ciências Económicas: «mas os números são demasiado frios para uma mulher temperamental como eu sou» — explica Radoyka, justificando a troca de curso pelo solfejo e piano «que combinavam melhor com o meu pensamento».

Em 1962 (ela tinha acabado de fazer 15 anos) um descobridor de talentos ouviu-a cantar e logo imaginou que Radoyka poderia tornar-se na «voz desejada». Encaminhou-se para Zagreb: e durante algum tempo a jovem andou perdida, sem acertar o seu próprio rumo e, em especial, sem atinar com o que seria a sua carreira futura. «Todos me faziam muitos promettimentos, todos diziam que eu poderia ser alguém: só que nem sequer chegara a cantar em público». E Radoyka acrescenta: «Cheguei a desanimar tão profundamente que senão tivesse aceite fazer uma grande «tour-née» acabava com os sonhos e empregava-me em qualquer coisa».

Diz a cançonetista:

«Aprendi a não confiar tanto nos outros e a ser um pouquinho egoísta. A acreditar sómente em mim própria».

Mas ela foi por aí fora: Beirute, Cairo, Alexandria, Atenas. Outras terras, outras esperanças. Durante o «IV Festival da Canção do Atlântico» vem até

Espanha: em Tenerife, interpretando «Nosso mundo», consegue o terceiro posto no certame musical.

Fica durante certo tempo no país vizinho: em Maiorca, cantando «Ilha do amor», logra outro terceiro lugar num festival de melodias. E, em 1969, regressa à Jugoslávia: para gravar o seu primeiro disco comercial na língua da sua terra a receber procuração para o segundo «Festival de Malta», onde ganha o título de «a melhor interprete» e coloca a canção que ia defender no primeiro posto da tabela.

Vai até Itália: novo prémio como «a melhor interprete» no Festival de Monsumano. E, em menos de seis meses, presenças destacadas nos cursos de música ligeira de Barcelona, Zagabria, Belgrado, Serejevo, Skpje, Rijeka e Slipt. No balanço: quatro primeiros lugares e cinco troféus de interpretação.

Os olhos cor de café de Radoyka animam-se:

«Decidi fazer carreira internacional e apenas momentaneamente ir até à Jugoslávia, onde já conseguira o «Disco de Ouro», o «Oscar» e todos os principais prémios que poderiam ser concedidos a uma cançonetista».

No Rio de Janeiro (1969 ainda) classifica-se em segundo lugar no F. I. C.. Vai a Tóquio e triunfa no conforto com cançonetistas de 44 países. Em Caracas, coloca a composição que defende em 2.º lugar, muito embora lhe pertença o título de interpretação. Nas «Olimpiadas da Canção» (em Atenas) joga a sua melodia para o terceiro

lugar. E, aqui há dias, vê sua canção bater-se pelo primeiro posto no F. I. C. do Rio de Janeiro: só que o júri internacional entendeu que a melodia interpretada por Radoyka era muito semelhante à que cantara em Tóquio, da autoria do mesmo compositor (Alfi Kabiljo) e o trecho foi arredado da luta.

Radoyka, aliás, só interpreta melodias de Kabiljo:

«Com ele tenho conseguido, de 1969 para cá, uma projecção extraordinária, dentro e fora da nossa terra. Filmei, gravei discos, consegui prémios muito expressivos: se esta é a fórmula do triunfo, que razão tenho para a alterar?»

Vale a pena falar de Alfi Kabiljo que, especialmente através a voz e o poder interpretativo de Radoyka, se transformou no melhor compositor de temas ligeiros da música jugoslava. Alfi nasceu em Zagreb (a 12 de Dezembro de 1935) e estudou música e arquitectura. Maestro e pianista, orquestrador por excelência, Kabiljo tem escrito música para filmes (18), discos (242), «shows» teatrais e, até, comédias musicais (caso de «Important to have a hat on your head»). Já dirigiu orquestras em França, Espanha, União Soviética, Polónia, Itália, Alemanha, Brasil, Venezuela, Estados Unidos da América do Norte, Roménia, Inglaterra, Brasil, Grécia, Chile, Malta, Checoslováquia, Noruega, Israel, Turquia, Egipto, Holanda, Bélgica e, naturalmente, na Jugoslávia.

Em 1968 conquistou o seu primeiro triunfo em festivais de canções internacionais; isso sucedeu em Malta, com o trecho «Parkovi». No ano seguinte, venceu em Maiorca («Island of love»), Tenerife («Our World») e Malta («Balalajke»). Na época transacta (com «Mr. Musical») triunfa em Tóquio e (mercê

«The big race») coloca-se no topo da classificação ao certame anual de música que tem lugar em Las Vegas.

Actualmente, Alfi Kabiljo trabalha em Nova York com o letrista Milan Grgie numa série a cores para a TV norte-americana: o título («Yalta, Yalta») será também o tema-base do novo L. P. com a voz de Radoyka.



Alfi kabiljo e Radoyka no Aeroporto de Atenas, quando concorreram às «Olimpiadas da canção».

Maria Vitória

2 SESSÕES AS 20 e 45 e 23 HORAS (GRUPO D - 18 ANOS)



Produção de GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO

IVONE SILVA A REVISTA POPULAR

«O ZÉ APERTA O CINTO!»

com SALVADOR, IVONE SILVA, NICOLAU BREYNER, VITOR MENDES, ANGELA RIBEIRO, VITOR ESPADINHA e, ainda, MARIEMA e RIBEIRINHO



Kabiljo dirigindo um ensaio de Radoyka no Teatro Municipal de Caracas, antes do Festival «Onda Nueva»

GASEL — GABINETE DE SELECÇÃO DE PESSOAL

SELECIONA PARA:

M D F

TÉCNICO DE ORGANIZAÇÃO

Para exercer a sua actividade predominante em Lisboa, mas também nas dependências em Tramagal e Porto.

PRETENDE-SE:

Pessoa experiente em análise e aperfeiçoamento de circuitos administrativos.

PREFERÊNCIA:

Ser igualmente experiente em organização industrial e ter conhecimento de Tratamento Automático da Informação.

OFERECE-SE:

Integrado em equipe dinâmica e remuneração compatível com as aptidões.

GARANTE-SE:

Rigorous sigilo.

Resposta manuscrita pelo interessado, dirigida a, METALÚRGICA DUARTE FERREIRA, S.A.R.L., Serviço de Organização, Avenida 5 de Outubro, n.º 122 • LISBOA - 1

"IVAN O TERRÍVEL" — 25 anos depois

TÍTULO ORIGINAL: «Ivan Grozny»

REALIZAÇÃO: Sergei M. Eisenstein (1944-45)

ARGUMENTOS E DIÁLOGOS: S. M. Eisenstein

MÚSICA: Sergei Prokofieff

INTERPRETES: Nicolai Tcherkassov, Ludmila Tzelikovskaia, Seraphina Birman, Pavel Kadotchnikov, etc.

ESTREIA: Apolo 70

Um quarto de século passou sobre a conclusão de «Ivan, o Terrível». Apesar disso, a sua estreia em Portugal constitui motivo de júbilo para quantos amam o cinema e sabem que esta oportunidade de encontro com Eisenstein é sempre de festejar, mesmo quando surge com um atraso de vinte e cinco anos.

Certo, há quem tenha visto (por 1930) «A Linha Geral» e os que nas suas surtidas ao estrangeiro viram «O Coraçado Potemkin», «Outubro», etc. Mas esses não passam de uma

minoría insignificante. São as excepções. O encontro verdadeiro do público português com Eisenstein — pelo menos o do público com menos de cinquenta anos — processa-se agora, com a projecção de «Ivan, o Terrível».

Se um quarto de século é, de um modo geral, muito tempo — pois sabe-se que os filmes envelhecem — para Eisenstein o tempo não conta do mesmo modo. As obras-primas reesistem melhor aos anos. E no caso de «Ivan» não só havia uma lin-

guagem e uma estética avançadas no tempo, como se tratava de uma tragédia histórica de pendor especulativo, cuja actualidade é manifesta. E não foi por acaso que a estreia mundial de «Ivan» se efectuou em Agosto de 1958, isto é, mais de dez anos após a morte do autor, que não chegou a começar as filmagens da terceira parte («Os Combates de Ivan»).

Léon Moussinac considerava Eisenstein um discípulo heterodoxo de Dziga-Vertoff, na medida em que o seu realismo não se contentava com o jogo das massas a ponto de fazer esquecer a personalidade de certos intérpretes. Usando a montagem, não como rotina expressiva, mas como base criadora, Eisenstein cuidava até à exaustão de cada palmo, preocupando-se da sua composição e duração como se estivesse a pintar um quadro

ou a compor uma sinfonia. Cada elemento funciona como de um todo, de um conjunto. O actor, por exemplo, nas mãos de Eisenstein é como barro moldado por um escultor.

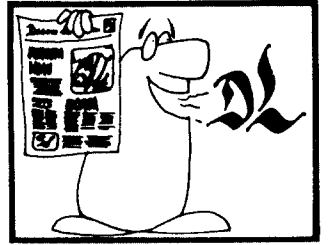
Estas e outras características dos filmes deste grande mestre do cinema estão presentes numa forma poderosa em «Ivan». Particularmente na segunda parte, onde está incluída uma notável experiência da introdução da música e da cor no cinema.

Por vezes acusado de formalista, Eisenstein surge-nos hoje como um génio incómodo para os mediocres do seu próprio país. Em «Ivan», Eisenstein, ao propor-se lançar a biografia do czar que, no passado, lutou contra os senhores da terra com o objectivo de unificar a Rússia e transformá-la numa grande e poderosa nação, estava simultaneamente a forçar o espectador

a refletir sobre o poder absoluto, sobre os perigos do poder pessoal, sobre as castas e as classes sociais, sobre a violência, sobre a situação europeia da Rússia, etc. Um certo paralelismo entre a Rússia de ontem e a do seu tempo (em 1945) dá à obra de Eisenstein uma densidade e uma força de consciencialização que não passou despercebida aos que quiseram ver nessa força reflexiva uma heresia ideológica.

Este filme, cuja grandeza é evidente até para o espectador médio, é também a prova de que, até depois de morto, Eisenstein ficou como um artista poderoso, cuja voz acabou por se impor a todos, porque o seu cinema atinge a face humana e desvenda as angústias que se escondem sob os «slogans» vazios.

MANUEL DE AZEVEDO



PROPRIEDADE VENDE-SE NO RIBATEJO

TENDO A ÁREA DE
230 HECTARES

Composta por sobreiros dando 30 000 arrobas de cortiça terras de semeadura, para cultivar árvores de Fruta e plantação de Eucaliptos, casas para caseiro, poço e bebedouros para gados.

Para mais detalhes informa na R. de S. Francisco, n.º 27 ou Telefone 62658
CORUCHE

REPORTER DE SERVIÇO

Um novo tipo de gasolina

POR MÁRIO CASTRIM

Caminhava-se para a meia-noite. Na televisão, o José Feliciano cantava «Y never fall in love». Era a hora em que o dia se considera vencido quase no instante em que outro dia levanta o punho vencedor.

De súbito, o estrondo, os vidros que estremeçam. As consciências abaladas. E não tarda nada, as janelas apinhadas de gente resignada para a noite: o pijama, a camisa com um abafado pelos ombros, as pantufas de grande bojo a espreitar pela grade da varanda.

Os «encontros» ali são o pão-nosso. As ruas cortam-se perpendicularmente e na placa central os automóveis retiram toda a visibilidade. Automóveis estacionados nos extremos das placas, no terreno onde se proíbe o estacionamento, fora daquele P garrafel, terminante, cómico. No cruzamento, durante o dia, os desastres e os quase-desastres sucedem-se, sucedem-se os guinchos das trovasgens ríspidas. O povo quase não liga. Chega-se à janela por rotina, por obrigação de coscuvilhice, para gozar o espectáculo das discussões, dos palavrões, para maiores de 100 à hora, das marcações meticulosas a giz, o giz que aparece sempre o giz que parece fazer parte obrigatória do equipamento, como o famigerado triângulo que dorme na caixa o sono dos justos.

Desta vez, porém, o estrondo foi...de estrondo. Mortos e feridos, com certeza, uma data deles. Os timoratos por ofício mas os fortes, os dinâmicos, os decididos, os de barba dura, aferiram-se ao telefone e alarmam o 115, os bombeiros, a Cruz de Malta, o Banco de S. José, os serviços de sangue, a esquadra do bairro. Lá em baixo, exactamente a meio do cruzamento, jazia um automóvel de rodas para o ar, indiferente ao pudor das suas entranhas e de seus trajes menores. Uma duzia de homens tinha corrido, esforçava-se por abrir as portinholas. Gritos.

Abandono a varanda, desço a rua sem me despedir da família. Esferográfica e bloco em punho, saber quantas vítimas, o nome, a profissão, a idade. Com uma pena danada que o Pimentel ou o Salvador não estivessem ali para fazer um boneco ao automóvel vermelho virado de cangalhas. Em plena Lisboa não é frequente.

Desejos gorados. Um grupo de jovens fazia cordão e depois, na impossibilidade de manter a ordem, circulavam entre a pequena multidão, irrepreensivelmente aflitos:

- Apaguem os cigarros! A rua está cheia de gasolina.

Estava. Em volta do carro, era um lago. Depois, aproveitando da inclinação da rua, a gasolina espalhava-se em várias direcções, formava um delta perfeito.

A muito custo cheguei ao carro voltado. Motor, não havia. O condutor, safo sem uma beliscadura. A senhora que seguia ao lado, apresentava um arranhão na fronte, visível apenas pela demagogia do mercuro-cromo. Tinham com certeza alguém: a pedir por eles no outro mundo. Pelo menos, era o que estavam a dizer num grupo de curiosos.

Falhara a notícia? Antes assim. Infelizmente não faltam ocasiões. Entretanto, sentia-me bem em recordar a acção daqueles moços preocupados com a catástrofe que poderia acontecer de uma beata na gasolina. Para mim, repetir: «há sempre alguém que diz não», e borbotavam-me as hipóteses de elogio aos moços. Não fazia mais do que o meu dever. Não se tema nunca fazer a publicidade do que é bom.

Lá andavam eles numa roda-viva, imperiosos no «apague o fósforo!» calmos na explicação do perigo, incêndio, explosão, pânico. Chegava uma ambulância do 115, com funcionários rápidos. Chegavam uma ambulância e carro de bombeiros que desceram com presteza dominadora, profissional. O arranhão na frente da passageira não justificava tamanho aparato, mas cada qual faz o que pode - o 115, os bombeiros e a sorte.

Assistia eu nas calmas ao debandar da multidão, já com o automóvel de rodas bem assentes no chão, quando vejo um dos moços com vocação de escuteiro, encaminhava-se na minha direcção. Se eu não fumo, se eu nem acendo fósforos, se eu até estava sofredoramente longe do perigo possível...

- Bolas! - diz o moço - aquilo afinal não era gasolina, aquilo era vinho tinto...

Os bombeiros mangleiravam a rua. Saberiam eles alguma vez a verdade?

UM CONCEITO NOVO NO ESPAÇO ECONÓMICO

AUGUSTINE REIS & CIA. BANQUEIROS

Para ver a banda tocar...



1917 músicos v a grande ave na grande cic

São 55 (e até vieram das Ilhas) os agrupamentos que, a chamamento inaplável da pequena vaidadezinha que representa «a honra de defender as cores da terra» **invadiram** alegremente Lisboa e, com as fusas e as colcheias em riste, vão deliciando o transeunte nas exibições promovidas pela F. N. A. T. para o «Concurso Nacional das Bandas Civas».

Pelos coretos e praças, à tarde (ou à noitinha, no Pavilhão dos Desportos) 1917 músicos tocam o melhor que sabem, com a pura sensibilidade dos homens simples, arrancados à ociosidade, ao «dolce farniente», por uma vontade maior.

Catorze dos conjuntos concorrentes ganharam o privilégio raro de conhecer Lisboa após uma série de longas e difíceis eliminatórias que começaram em 1968 (nos arquipélagos dos Açores e Madeira e se concluíram no final do último ano, com o apuramento dos representantes da chamada «Zona Norte do País».

Foi assim, como lhes contámos. Mas quantas histórias (de albor, luta e desânimo, esperança e fracasso) não ficaram sepultadas em tantos meses de sonhos albergados e desfeitos?

**Todos nós perdemos
dos empregos, mas o senhor
tamos vaidosos por ter che**

Tertuliano da Moura M
da Melrense (de Melres, G
nos ensaios da «Marcha m
ca, e desabafa:

**Nos últimos três m
dia «fora da música». Ens
vezes por semana e, indiv
tes. Olhe que nem sequ
visão. Veja lá como foi!**

Para estar ali, em força, i
los e toda impante nos far
de Melres teve de socorr
vontades lá de Gondoma
fardas e as 60 notas de mil
dos sons saiu da algibeira
Mota, um melrense que e
bons tempos em que a «á
pingava.

Vamos, rapazes. Agor
na Lua».



No sol da manhã, as notas em fuga



O SEU LAR FICARÁ MUITO MAIS ACOLHE-
DOR SE CONFIAR A SUA DECORAÇÃO AOS
NOSSOS TÉCNICOS

requinte

MÓVEIS E DECORAÇÕES

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 110
(Perto do Chile) ★ Tel. 822891

Desperdiçar não é gran-
deza. Coloque as suas eco-
nomias em objectos que
valham.

GRANDE OURIVESARIA
DA MODA
RUA DA PRATA, 257

viveram aventura dade



os dinheiro com a ausência
nhor já avaliou bem como es-
chegado até aqui?

Monteiro, regente-maestro
(s. Gondomar) faz uma pausa
a militar», de Nunes Chamus-

meses não estivemos um
ensaivamos em comum três
dividualmente, todas as noi-
quer espreitávamos a tele-

ca, reluzente nos seus amare-
fardamentos novos, a Banda
correr-se de todas as boas
mar: os 42 contos para as
mil que custou a ferramenta
ira endinheirada de António
e enriqueceu no Brasil, nos
«árvore das patacas» ainda

gora, é a vez de «12 Minutos

E a banda, mesmo sem estar o júri ainda presente, **desunhou-se** toda, em arrebitos de musicalidade que faziam corar de orgulho o autor da partitura, António Carvalho. Depois, já a rigor, **soltou-se** o programa todo: «Princesa do Lima», «Uma noite em Granada», «Recuerdos de Málaga», «Camélia», «Fantasia» e a «Rapsódia» (de Filipe da Silva). Aprumados, escorritos, sem pestanejarem, os defensores das cores Melres **entram a matar**. Mais tarde, encharcados em suor, abraçavam-se e felicitavam-se.

Não há pai para a gente trocavam entre si.

Vamos a ver se o júri foi na música.

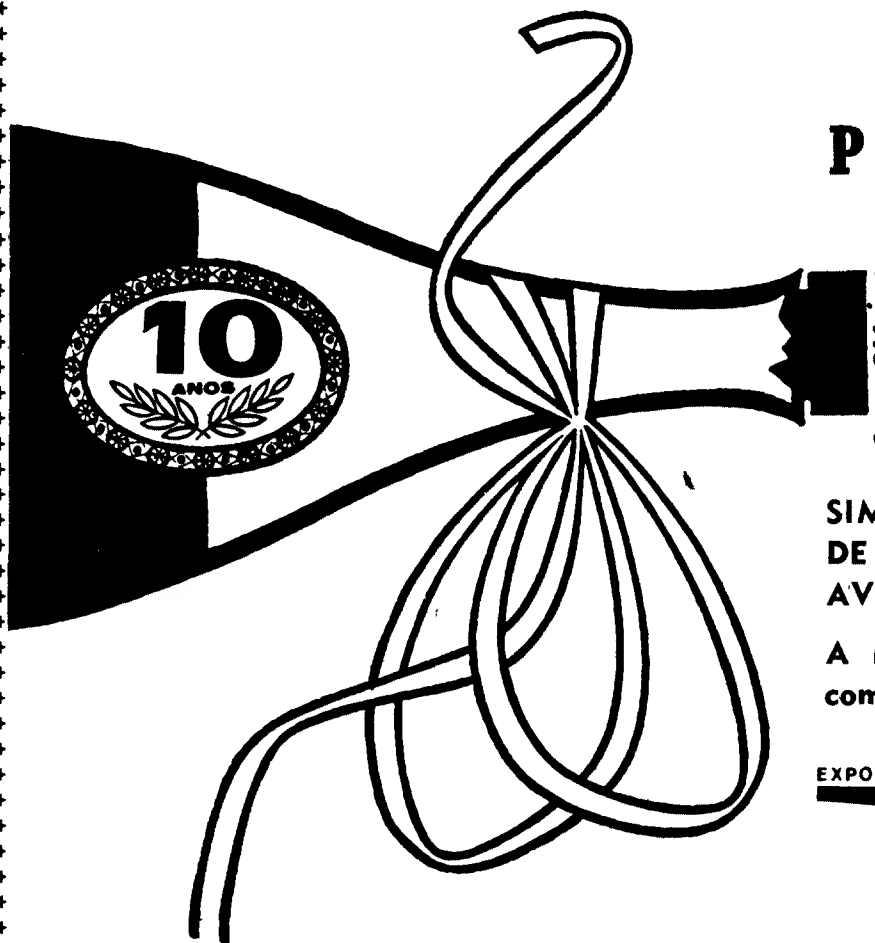
Logo à noite, no Pavilhão dos Desportos, os **técnicos** vão dizer de sua justiça. A decisão está nas mãos do cónego dr. José Augusto Alegria e dos maestros Armando Escôto, Manuel da Silva Dionísio, José Pinto Rodrigues, Marcos Romão dos Reis Júnior, Homero Apolinário e Duarte Pestana. Mas a aventura já está vivida: conhecer Lisboa.



O mais velho componente da Banda de Melres é o contra-baixo José Maria Alves Ferreira (maquinista, de 48 anos) também pai do mais novo concertista: José Joaquim Almeida Ferreira (9 anos, feliscorne)

PARABÉNS!

pelo aniversário do
PRIMEIRO SUPERMERCADO DE PORTUGAL
— O PIONEIRO DO LIVRE-SERVIÇO —



PARABÉNS AO «NOVO» SUPERMERCADO DO SALDANHA

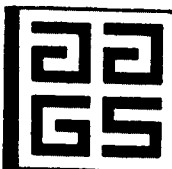
SIM NOVO, NOVÍSSIMO AO FESTEJAR OS SEUS DEZ ANOS
DE BEM-SERVIÇO ÀS DONAS-DE-CASA DO SALDANHA, DAS
AVENIDAS NOVAS E DE TODA A LISBOA!

A nossa organização se encarregou de lhe «dar-cara-nova»
com o moderníssimo material

EXPOSITORES **ZAF**

Costan®
EQUIPAMENTO PARA SUPERMERCADOS

para que o SUPERMERCADO DO SALDANHA
festejasse em beleza o seu 14 de Outubro de 1971.



SOMOS GARANTIA DE SERVIÇO E QUALIDADE

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS: J.J. GONÇALVES, SUCRS, C.I.S.A.R.L.
EXPOSIÇÃO: AVELIAS GARCIA, 123 - A - LISBOA



A operação de maior importância no penteado é, sem dúvida, a colocação dos rolos. No alto da cabeça, os caracóis são fixados com pinças; e junto à orelha, com uma tira de adesivo.

PENTEADOS O "New Style" em Lisboa

Mais de centena e meia de cabeleireiros provenientes de quase todo o País assistiu, na sede do Clube Artístico dos Cabeleireiros de Portugal, na «baixa» lisboeta, à apresentação dos modelos de penteados femininos para a nova temporada, acto que coincidiu com o lançamento dos novos cortes recentemente apresentados em Paris.

Os modelos foram assinados por alguns dos nomes de maior destaque na arte de pentear em Portugal, depois de terem assistido, na capital francesa, ao Festival Internacional onde foram apresentadas as últimas criações francesas na matéria.

Trata-se, na verdade, de criações em que a leveza é um

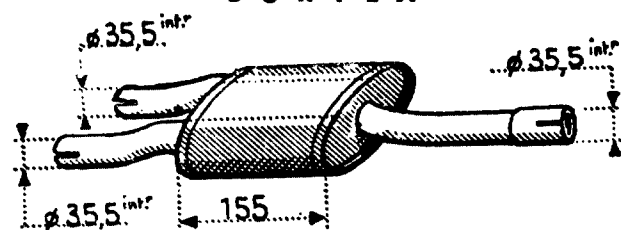
factor acentuadamente marcante, com cortes bastante curtos, em que os cabelos, não vão além dos sete centímetros à frente e seis no alto da cabeça, para não passarem de dois centímetros junto à nuca, numa amálgama de ondulações suavemente dispostas na cabeça.

As cores mantêm-se sensivelmente as mesmas do ano anterior, embora em tons mais abertos: às mais jovens

foram destinados tons acinzentados bastante claros. Para outras idades, os tons mostram-se mais equilibrados, levemente mais escuros, mas sobretudo de acordo com o tom da pele.

A ocasião foi ainda aproveitada pelo Clube dos Cabeleireiros de Portugal para proporcionar uma visita aos seus associados às instalações da sede, que passaram por importantes obras de beneficiações.

SILENCIOSOS E TUBOS DE ESCAPE B O R T E X



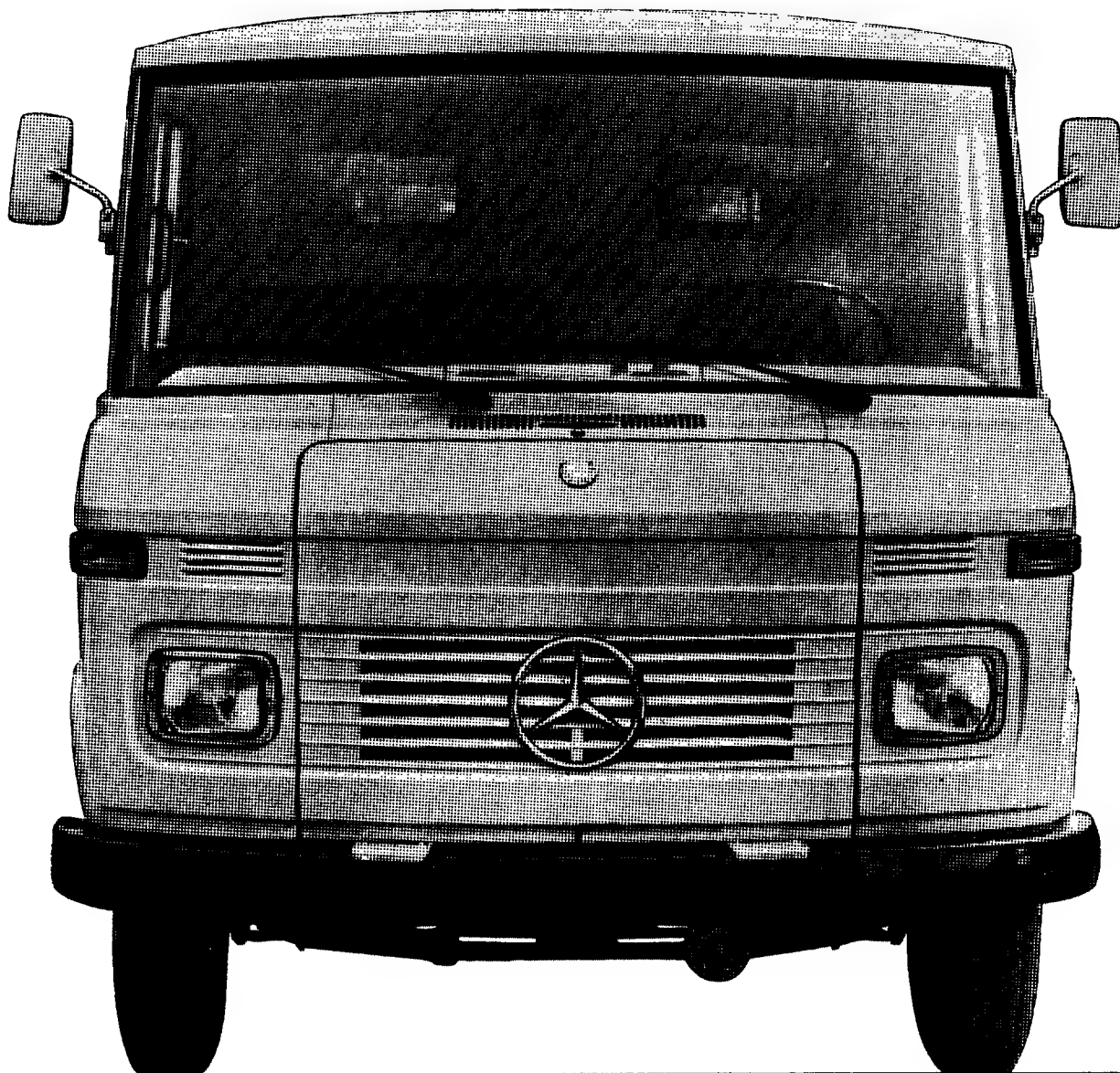
O nosso fabrico está garantido, por processos modernos todos mecanizados assim como a montagem rápida a preços excepcionais

Consulte-nos e verá

SEDE: Rua Marquês de Fronteira, 110 P. P. C. 651945-650763-680788

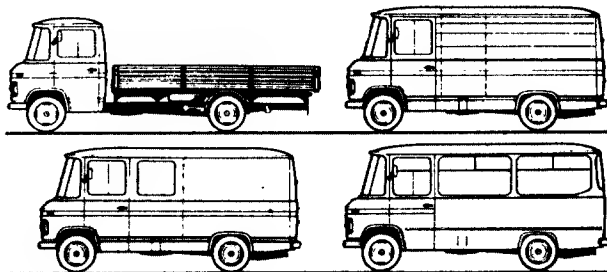
FABRICA: Rua Vitor Carlos, 10-12—PONTINHA—Telef. 990051
SECÇÃO DE MONTAGEM DE ESCAPES: Rua do Arco de Carvalho, 75-A — LISBOA

**Em transporte comercial
(na linha de 3.500 Kg de peso bruto)
só tem que decidir no modelo.**



**Porque a solução é sempre
uma Mercedes-Benz L406 D/Diesel**

Dinâmicas, versáteis, robustas e com grande disponibilidade de espaço e volume interior, as Mercedes-Benz L 406 D são realmente a melhor solução para qualquer problema de transporte, dentro da linha dos 3.500 kg de peso bruto. A variedade de modelos existentes — camioneta, furgão, mista de passageiros e carga, ambulância e autocarro para 20 a 24 pessoas, sempre patenteando no mais pequeno pormenor a mais alta qualidade técnica Mercedes-Benz, além de proporcionarem para cada caso a solução mais indicada, caracterizam-se pela sua excepcional facilidade de condução, elevada carga útil e economia de consumo. Assim, se entregar à Mercedes-Benz o problema do seu transporte comercial, nunca mais precisará de pensar nele.



Mercedes-Benz

C. SANTOS S.A.R.L.
Rua de Artilharia Um, 101-A, 101-B — Lisboa
Porto - Coimbra - Braga - Faro - Olhão
Agentes em todo o País

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

s. a. r. l.

CONCESSIONÁRIA DO ESTADO

CAPITAL — 800 000 000\$00

ESCRITÓRIOS — Aeroporto de Lisboa

3.º AUMENTO DE CAPITAL

2.ª PRESTAÇÃO

AVISO

Avisam-se os Senhores Subscritores que tenham optado pela liquidação das acções subscritas em duas prestações de que devem efectuar o pagamento correspondente à 2.ª prestação — 750\$00 por acção — durante o período de 18 a 29 de Outubro de 1971 nos estabelecimentos de crédito em que efectuaram a respectiva subscrição.

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

O Presidente do Conselho de Administração

a) **Alfredo de Queiroz Ribeiro Vaz Pinto**

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

R A T O

Obturações; Extrações; Correção de dentes; Dentaduras
Preços de Policlínica — Consultas das 9 às 20 horas
Calçada Bento da Rocha Cabral (ao Rato)
Telef. 68 41 91

GANHE ATÉ DEZ MIL ESCUDOS MENSIS

Trabalhando em sua própria casa, com actividades modernas, originais e agradáveis, sem diplomas nem conhecimentos especiais.

Escreva hoje mesmo a CONTINENTAL LABOR, Ref. 13, Calle Calvet, n.º 5 — Barcelona (Espanha).



O mundo misterioso dos perfumes

Desde há muito, que os perfumes ocupam lugar preponderante no campo sentimental, muito particularmente no feminino.

O seu aroma exerce, sobre certas pessoas, efeitos por vezes um pouco inconscientes, mas não menos resultadores.

A um homem apaixonado basta-lhe evocar o perfume daquela que ama, para imediatamente lhe virem à ideia as mais diversas recordações.

Existe, no mercado, uma tão grande variedade de perfumes como de qualquer outro artigo. Cabe à mulher seleccioná-los por qualidade, mas principalmente por preferência.

Uns agradam-nos, outros irritam-nos ou incomodam-nos e outros existem ainda que por muito caros ou penetrantes, nos deixem perfeitamente indiferentes.

Contudo, e isto está mais que comprovado, os perfumes mudam de efeito, segundo aquele/a que o usa. Se há uns que nos agradam quando empregados por determinada pessoa, enervam-se e afastam-se quando uma outra determinada pessoa o usa.

Em certos casos, a mulher, com o seu sentimentalismo nato, permanece fiel a uma certa marca de perfume, só porque lhe recorda um facto, um acontecimento ou uma pessoa.

COMO USAR O PERFUME

E bastante arriscado oferecer a alguém um frasco de perfume sem conhecimento da preferência da marca. Nunca se deixa influenciar somente pela amável sugestão da vendedora.

Poderá ser mais caros, dos mais em voga, mas não agradar à pessoa presenteada, por diversos motivos: o aroma demasiado penetrante, alergia epidérmica ou más recordações.

Para o dia a dia, basta-lhe possuir uma loção para o corpo (perfume de «toilette», ou água-de-colónia).

O perfume mais caro, ficará então reservado para as festas

ou horas de maior requinte.

Para que o cheiro não desapareça rapidamente, depois de nos perfumarmos, deverão as gotas ser colocadas do seguinte modo:

uma atrás de cada orelha e outra ainda na curva dos joelhos, sem esquecer os pulsos e a junção do peito.

Mas, nunca por nunca, mais que uma gota. Uma pessoa excessivamente perfumada, é tanto ou mais desagradável, do que sem perfume algum.

O perfume ou qualquer água-de-colónia devem somente ser colocados nas partes do

corpo que não apanham sol, pois a pele poderá ficar manchada. Também os tecidos podem, do mesmo modo, aparecer manchados por causa do uso de perfume em excesso.

Um dos factores que ajudam o rejuvenescimento da pele é a utilização de perfume, de acordo com a estação do ano. Na Primavera e no Verão deverá ser fresco, leve, à base de flores.

O resto é consigo. Perfumar-se é uma arte que exige um mínimo de habilidade, um pouco de experiência e até uma certa psicologia.

PROGRESSO NAS LENTES DE CONTACTO

Notícias sobre o Congresso Internacional de Lentes de Contacto, em Buenos Aires

Regressou recentemente de Buenos Aires o sr. Juan Delgado Espinosa, director em Portugal do Centro Internacional de Investigação e Adaptação de Lentes de Contacto, Pç. Marquês de Pombal, 1-3.º E (Lisboa), o qual assistiu ao Congresso Internacional de Lentes de Contacto na capital argentina na qualidade de vice-presidente.

O contactologista apresentou um trabalho sobre Ortoqueratologia, um novo sistema de adaptação de lentes de contacto a crianças, tendo este trabalho obtido assinalado êxito abrindo deste modo novos caminhos e possibilidades a um avanço na contactologia mundial, tendo este trabalho ficado classificado entre os congressistas como um dos mais avançados do mundo.

Neste congresso foram também apresentados trabalhos sobre técnicas e instrumentos contactológicos que permitem actualmente adaptar lentes de contacto de diâmetros diminutos e de finíssima espessura resolvendo assim problemas de adaptação que até agora eram difíceis ou impossíveis de adaptar.

Na base de diversos temas foi focado o da adaptação de lentes gelatinosas que permitem agora maior tolerância e cujos métodos se têm desenvolvido nos últimos anos.

O C. I. I. A. L. C. crê-se insinuante na medida em que está apetrechado com a aparelhagem e instrumentos técnicos mais avançados continuando o seu importante trabalho de investigação em colaboração com os médicos oftalmologistas e contribuindo desta forma para a saúde dos, que padecem de defeitos visuais...

Receitas de domingo

SALSICHAS RÁPIDAS

Ingredientes

8 salsichas
2 colheres de manteiga
3 chávenas de chá de cotovelos
2 ovos cozidos
1 colher de sobremesa de mostarda
sal e pimenta, q. b.

Enfie as salsichas em espetos, barrando-as com metade da quantidade da manteiga, misturada com a mostarda, sal e pimenta.

A parte, coza a massa em água temperada com sales, corra-a e adicione-lhe a restante manteiga. Deite, em seguida, a massa numa travessa funda, com as salsichas por cima, e ainda com os ovos cortados aos gomos.

Leve ao forno para aquecer levemente e sirva com molho

PUDIM DE LARANJA

Ingredientes

Sumo de duas laranjas grandes
2 colheres de sopa de dode de laranja
6 ovos inteiros
1 colher de chá de canela
250 gr. de açúcar
1 colher de sopa de farinha
1 colher de sopa de manteiga

Mistura-se o açúcar, a manteiga, a canela e a farinha e por fim o sumo de laranja. À parte batem-se os ovos e juntam-se depois o resto do pudim, batendo ainda mais um pouco. Por último adicionam-se as 2 colheres de doce de laranja.

Deita-se a massa numa forma untada com manteiga e levemente polvilhada com farinha. Leva-se ao forno, cozendo em lume brando.

Faz-se um caldo de açúcar queimado que se deita sobre o pudim depois de estar pronto e desenhado.

SOPA DE FEIJÃO FRADE

Ingredientes

Feijão frade - 2 dl e 1/2
1 couve
1 dl e 1/2 de azeite
2 colheres de sopa de manteiga
100 gr. de massa de cotovelos
1 cebola 2 dentes de alho
1 colher de chá de vinagre
2 colheres de sopa de calda de tomate
1 ramo de salsa
1 nabo e 2 cenouras
sal e pimenta, q. b.

Coze-se a couve, cortada em pedaços, em água temperada com sal.

Noutra panela coze-se o feijão frade, o nabo e as cenouras cortadas em quadrados ou em quartos.

Refoga-se a cebola, os alhos a salsa picada e a calda de tomate, nas gorduras. Junta-se a couve cozida e escorrida, e deixa-se ferver, cerca de 2 minutos e mistura-se ao feijão, com a água em que este cozeu o vinagre, sal, pimenta e os cotovelos.

Deixa-se ferver a sopa, até a massa estar cozida e serve-se bem quente.

«SAPATARIA DOBERT»

Últimas novidades
Homem, Senhora e Criança

R. Condes Monsanto, 2 - Tel. 866422
(À Praça da Figueira)

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av. 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).

VENDA AO PÚBLICO

INSTITUTO HUBERTO DE PORTUGAL

MEIAS ELÁSTICAS MEDICINAIS

PARA SENHORA

Finíssimas meias elásticas em nylon para alta toilette
Collants • Meias/cinta para grávida • Meias Relax

PARA HOMEM

Peúgas elásticas para toilette • Meias desde as mais suaves às de alta compressão para casos graves

MEIAS ATÉ AO JOELHO - COM JOELHO - COM MEIA COXA - COM COXA, PÉ, JOELNEIRA E COXA

PEDIDOS DE CATÁLOGO EXPEDIÇÕES POR C. T. T.

Departamento ELASTICAL

LISBOA

RUA NOVA DA TRINDADE, 6-A E 6-1º
TELEFONES: 32 41 68 - 36 59 62

LIVROS DE BOLSO

(POR CADA 10 EXEMPLARES OFERECEMOS 1)

BIBLIOTECA POPULAR MINERVA

Seleção das obras mais populares e apreciadas de todos os tempos

VOLUMES PUBLICADOS:

- 1-3 — OS TRÊS MOSQUETEIROS, por Alexandre Dumas
- 4-7 — O CONDE DE MONTE CRISTO, por Alexandre Dumas
- 8-10 — A FERRO E FOGO, por Henryk Sienkiewicz
- 11-18 — OS MISERÁVEIS, por Victor Hugo
- 19 — A TULIPA NEGRA, por Alexandre Dumas
- 20-25 — GUERRA E PAZ, por Leão Tolstói
- 26-27 — NOSSA SENHORA DE PARIS, por Victor Hugo
- 28-29 — SALAMBO, por Gustavo Flaubert
- 30-35 — AS MIL E UMA NOITES (Contos Orientais)
- 36-39 — A TÔNICA, por Lloyd C. Douglas
- 40-43 — O DILUVIO, por Henryk Sienkiewicz
- 44-46 — RESSURREIÇÃO, por Leão Tolstói
- 47-50 — OS POSSESSOS, por Dostoiévsky
- 51-54 — DOM QUIXOTE DE LA MANCHA, por Miguel Cervantes
- 55-58 — VINTE ANOS DEPOIS, por Alexandre Dumas
- 59-60 — O NOVENTA E TRÊS, por Victor Hugo
- 61-62 — A MAO DO FINADO, por Alexandre Dumas
- 63-65 — ANA KARENINA, por Leão Tolstói
- 66-69 — A TORRE DE NESLE, por Michel Zévaco
- 70-75 — MADAME SANS-GENE, por Edmond Lepelletier

Cada volume com cerca de 250 págs. e capa ilustrada a 4 cores, 12\$50



EDITORIAL MINERVA - LISBOA

A venda em todas as Livrarias e Papelerias

val
ao
PORTO?
Instale-se
mais
comodamente
na

Albergaria de São José

INSTALADA EM EDIFÍCIO PRÓPRIO
NO CENTRO DA CIDADE. ESTA LUXUOSA
E REQUINTADA UNIDADE HOTELEIRA
DE COMODIDADE E BOM GOSTO
INEXCERVIVEL OFERECE A TODOS OS
CLIENTES E AMIGOS UMA ESTADIA
INESQUECÍVEL QUANDO EVENTUAL-
MENTE VISITEM ESTA INVICTA
CIDADE DO PORTO



BARAGEM PRIVATIVA NO PRÓPRIO
EDIFÍCIO EM TODOS OS QUARTOS COM
BANHO MÚLTIPLO E TELEFONE
AQUECIMENTO EM SALAS DE ESTAR
E DE TELEVISÃO EM BAR E ETC...

Albergaria de São José ****

RUA DA ALEGRIA 172 (ângulo de Fernandes Torres)
Tel. 380261 (5 linhas) End. Tel. 340058-PORTO

DACTILÓGRAFA/O

Com muita prática em teclado internacional, 1.º ciclo liceal completo ou equivalente, idade mínima de 18 anos.
Resposta a este jornal ao n.º 914



motor

**PARA O PERÍODO
DE 17 DE OUTUBRO
A 23 DE OUTUBRO**

horóscopo

pelo
astrologo
HORUS

Aries

*Para os que nasceram
de 21 de Março a 20 de Abril*

AMOR: O período em curso apresenta-se numa maneira geral pouco favorável para si, no que se refere aos seus interesses de ordem sentimental e afectiva. Mantenha-se sobretudo vigilante contra as calúnias e palavras mal intencionadas de alguns amigos que farão tudo para o prejudicarem no aspecto amoroso.

DINHEIRO: A semana será demasiado fraca, no que se refere a ganhos financeiros. Os esforços que vier a desenvolver neste campo serão mal sucedidos, pouco proveitosos.

PROFISSÃO: Prepare-se para enfrentar toda uma série de discórdias divergências e mal-entendidos, no âmbito das suas actividades profissionais. Estes atritos poderão prejudicar seriamente a sua situação profissional, se não tomar a tempo as precauções que as circunstâncias exigem.

SAÚDE: Também no que diz respeito ao seu estado de saúde a semana em curso se apresenta um tanto crítica. Mantenha-se vigilante.

Taurus

*Para os que nasceram
de 21 de Abril a 21 de Maio*

AMOR: Sob o ponto de vista sentimental a semana em curso dá-lhe todas as probabilidades de vir a obter excelentes satisfações e alegrias. Pode portanto agir confiadamente, tomando as iniciativas que achar mais convenientes para o momento actual. No plano familiar tudo corre igualmente favorável para si.

DINHEIRO: Período muito favorável para realizar dinheiro. Dê a devida atenção aos seus negócios, pois os resultados serão muito compensadores.

PROFISSÃO: É este o momento mais indicado para iniciar sociedades ou para fazer pedidos a pessoas influentes, susceptíveis de se interessarem pela evolução da sua vida e dos seus interesses profissionais. Obterá com certeza os apoios e auxílios de que necessita para estabilizar a sua situação.

SAÚDE: O seu estado de saúde não será de molde a justificar preocupações importantes da sua parte. Se tem estado doente registará sensíveis melhoras.

Gemini

*Para os que nasceram
de 22 de Maio a 21 de Junho*

AMOR: Procure dar um pouco mais de maleabilidade aos seus sentimentos. Liberte-se do seu orgulho e procure exprimir com sinceridade, confiança e simplicidade, tudo o que lhe vai na alma. Conseguirá assim criar um clima de confiança mútua, que será muito propício ao bom desenvolvimento dos seus assuntos amorosos, da sua vida sentimental.

DINHEIRO: Poderá obter resultados muito interessantes através das suas iniciativas de natureza económica, durante a semana em curso.

PROFISSÃO: Registar-se durante a semana em curso uma evolução muito favorável de todos os assuntos que se relacionem com a sua vida profissional, com as suas actividades de todos os dias. Estude com muita atenção os seus projectos para o futuro, tomando decisões definitivas a esse respeito.

SAÚDE: Procure repousar, na medida do possível, pois isso será muito favorável para o seu estado de saúde. Evite as emoções fortes.

Cancer

*Para os que nasceram
de 22 de Junho a 22 de Julho*

AMOR: As suas influências astrológicas para esta semana apresentam-se mais ou menos favoráveis astrológicas para esta semana apresentam-se mais ou menos favoráveis para si, no que se refere aos seus assuntos e interesses de or-

dem sentimental e afectiva. Os seus problemas de natureza familiar e todos os assuntos que de qualquer modo se relacionem com as suas amizades serão igualmente muito favorecidos.

DINHEIRO: Desenvolva um máximo de esforços e de actividade, durante a semana em curso, pois o período é muito favorável para si, no que se refere a ganhos materiais.

PROFISSÃO: Procure agir tendo sempre em vista a necessidade de fazer progredir os seus empreendimentos e tarefas de natureza profissional, pois o período dar-lhe-á a possibilidade de obter progressos muito apreciáveis neste sector. Poderá melhorar consideravelmente a sua situação profissional.

SAÚDE: As suas condições de saúde serão razoáveis, durante este período. No entanto procure repousar o suficiente, evitando os esforços exagerados.

Leo

*Para os que nasceram
de 23 de Julho a 22 de Agosto*

AMOR: Os seus problemas de ordem sentimental e familiar poderão durante a semana em curso sofrer algumas transformações, que serão provavelmente desfavoráveis para os seus interesses. Os factores de ordem económica desempenharão um papel preponderante na sua vida familiar, podendo mesmo dar origem a grandes complicações.

DINHEIRO: Os seus interesses financeiros correm um sério perigo durante a semana em curso, sobretudo porque não saberá dar a melhor orientação à sua actividade neste capítulo. Use de muito cuidado e prudência.

PROFISSÃO: Os projectos e ideias que tem vindo a estruturar e que pretende agora levar à prática, não poderão ser realizados em condições satisfatórias, pelo que seria certamente preferível adiá-los para outra altura mais propícia. Sob o ponto de vista profissional será aconselhável que se limite a uma estrita rotina.

SAÚDE: O seu estado de saúde não registará alterações importantes durante a semana em curso.

Virgo

*Para os que nasceram
de 23 de Agosto a 22 de Setembro*

AMOR: À medida que a semana fôr avançando irão estando mais próximos da realização todos os seus projectos de ordem sentimental. Terá assim oportunidades de transformar em realidades alguns dos seus sonhos e desejos mais queridos. No plano familiar tudo correrá normalmente.

DINHEIRO: Sob o ponto de vista financeiro o período apresenta-se auspicioso, mas para obter bons resultados terá de empregar-se a fundo e com inteligência.

PROFISSÃO: A evolução das suas actividades de natureza profissional, durante a semana em curso, dependerá quase exclusivamente de si próprio, do ardor com que se dedique ao trabalho, da sua capacidade de iniciativa e da sua força de vontade. Apesar disso será útil dar atenção aos conselhos de algumas pessoas amigas, cuja experiência lhe poderá ser muito proveitosa.

SAÚDE: Vigie especialmente o funcionamento do fígado e dos intestinos, durante a semana em curso. Quanto ao resto, tudo correrá normalmente.

Libra

*Para os que nasceram
de 23 de Setembro a 22 de Outubro*

AMOR: É muito provável que venha a sofrer algumas pequenas desilusões e aborrecimentos, no que se refere à sua vida sentimental e afectiva. Será no entanto preferível que não se preocupe demasiado com pequenos incidentes que na realidade não têm metade da importância que, no primeiro momento, lhes atribuirá.

DINHEIRO: Serão eficientemente protegidos todos os seus interesses de ordem material, durante a semana em curso. Tudo correrá muito bem no que se refere a finanças.

PROFISSÃO: O seu trabalho será de tal modo extenuante, durante a semana em curso, que começará a sentir sintomas evidentemente de saturação e de cansaço, sobretudo se nas suas actividades profissionais são de natureza comercial. No entanto não deve pensar sequer em diminuir os seus esforços, pois está a dois passos do triunfo.

SAÚDE: O nervosismo, o cansaço e por vezes o desânimo, serão as principais causas do seu abatimento, durante a semana em curso. Não se observam no entanto complicações importantes, no que se refere à sua saúde.

Scorpius

*Para os que nasceram
de 23 de Outubro a 21 de Novembro*

AMOR: A semana será muito tranquila e calma, no que se refere aos seus assuntos de natureza sentimental. O mesmo se verifica na sua vida familiar e nas suas relações domésticas, sociais ou de amizade. Terá tendência a afastar-se, a isolar-se, a procurar a tranquilidade. No entanto será conveniente que não exagere essa tendência.

DINHEIRO: Durante esta semana não se esforçará muito para aumentar as suas receitas. Terá antes tendência a recorrer

às reservas, o que pode criar-lhe algumas situações um tanto embaraçosas.

PROFISSÃO: O período em curso é muito favorável para estudar e estabelecer novos projectos e empreendimentos, no âmbito das suas actividades profissionais. Pode sem receio dar andamento a todas as ideias novas que lhe surgirem, pois o seu cérebro estará a trabalhar muito acertadamente.

SAÚDE: Use de muito cuidado e prudência em todas as deslocações que fizer, e mesmo na sua vida de todos os dias, pois está muito exposto a acidentes, especialmente na via pública ou em viagem.

Sagittarius

*Para os que nasceram
de 22 de Novembro a 21 de Dezembro*

AMOR: Procure ser menos prático e materialista nas atitudes que tomar, no âmbito das suas relações de ordem amorosa, pois isso tornará mais fácil a realização dos seus projectos e objetivos. Os assuntos domésticos exigirão da sua parte, durante a semana em curso maior interesse e atenção.

DINHEIRO: Período pouco animador no que se refere às suas finanças. Será conveniente que discipline a sua vida financeira, respeitando o orçamento estabelecido.

PROFISSÃO: O período apresenta-se numa maneira geral muito favorável para as suas actividades e interesses de ordem profissional, sobretudo se o seu trabalho diz respeito a assuntos que exijam muito estudo e meditação antes de serem resolvidos. A sua capacidade mental estará à altura da tarefa.

SAÚDE: Use de muito cuidado no que se refere ao seu estado de saúde, pois poderia sofrer algumas surpresas deveras desagradáveis.

Capricornius

*Para os que nasceram
de 22 de Dezembro a 20 de Janeiro*

AMOR: As suas relações familiares atravessam um período bastante favorável, sendo portanto de prever que tudo corra mais ou menos à medida dos seus desejos. No plano sentimental a situação apresenta-se igualmente muito propícia, sobretudo se tem em vista qualquer projecto de casamento.

DINHEIRO: Embora os seus ganhos sejam provavelmente superiores à média, durante a semana em curso, será aconselhável ser prudente nas despesas, pois poderia deixar-se arrastar para alguns gastos desnecessários e demasiado avultados.

PROFISSÃO: No sector profissional tudo correrá de maneira mais ou menos normal, sem acontecimentos verdadeiramente importantes a assinalar. Vá prosseguindo calmamente na execução das suas tarefas e deixe para mais tarde todas as iniciativas que tenha em mente.

SAÚDE: Período bastante favorável no que diz respeito ao seu estado de saúde.

Aquarius

Para os que nasceram de 21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

AMOR: A sua vida familiar e doméstica será muito preocupada durante esta semana. É nesse sentido que deve dirigir-se toda a sua atenção, pois o desinteresse ou indiferença da sua parte, em relação aos seus problemas familiares, poderia trazer graves consequências.

DINHEIRO: É muito provável que tenha de enfrentar durante esta semana alguns problemas de difícil solução, no plano financeiro. Use de toda a prudência.

PROFISSÃO: As suas actividades e interesses de ordem profissional atravessam actualmente um período um tanto crítico, embora não haja motivos para pessimismos exagerados. Conseguirá evitar danos de maior se souber adoptar uma atitude de expectativa e de reserva, mantendo-se sempre vigilante na defesa dos seus interesses e dos seus direitos.

SAÚDE: As pernas são a parte do seu organismo mais susceptível de sofrer perturbações ou acidentes durante a semana em curso. Tome as precauções necessárias.

Piscis

*Para os que nasceram
de 20 de Fevereiro a 20 de Março*

AMOR: Período bastante ameno e tranquilo para si, no que se refere à sua vida sentimental, e afectiva. Não se notam acontecimentos importantes neste capítulo, pelo que tudo correrá normalmente. No plano familiar terá a possibilidade de resolver definitivamente um problema antigo.

DINHEIRO: Obterá certamente ganhos avultados durante a semana em curso, especialmente através duma operação financeira muito inteligente.

PROFISSÃO: A semana em curso proporcionar-lhe-á êxitos verdadeiramente sensacionais, no plano das suas actividades profissionais. Esses êxitos serão possíveis não só graças à sua capacidade de trabalho e à boa orientação escolhida, como ainda aos auxílios e apoios que lhe serão prestados.

SAÚDE: Período magnífico no que diz respeito à sua saúde. Não se notam nenhuns indícios de complicações ou aborrecimentos neste sector.

HORUS
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO

Tem problemas na vida?!

Precisa fazer uma VIAGEM um Negócio IMPORTANTE
Tenciona dar uma nova orientação à sua VIDA PROFISSIONAL? Pretende formar uma SOCIEDADE comercial? Quer saber se os seus PROJECTOS PARA O FUTURO serão bem sucedidos? Como evoluirá a sua vida SENTIMENTAL e Familiar?

A resposta para estas perguntas podem ser-lhe dadas por «HORUS» — todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas.

Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro)
— Telef 724162 — LISBOA

Muitas inovações no "MOTOR SHOW 71"

Carros, carros e mais carros... mais de 350 tipos diferentes que vão constituir a atracção principal no Salão Automóvel Internacional de 1971, em Earls Court, de 20 a 30 de Outubro próximo.

Apesar disso, automóveis estão longe de constituir as únicas atracções.

Mais do que nunca os Organizadores do Salão, a Society of Motor Manufacturers and Traders, serviu-se da oportunidade para apresentar este ano ao público muitas facetas especiais que asseguram uma visita de grande interesse a Earls Court não apenas para os entusiastas em automobilismo ou visitantes interessados em comprar.

A ideia da SMMT em tornar o Salão Automóvel mais espectacular deve-se a um grande número de factores. Alguns dos exibidores «tradicionais» como, por exemplo, os fabricantes de pneumáticos, estão ausentes (excepto a Avon, Continental e Ceat), fabricante de caravanas de reboque e algumas das firmas produtoras de artigos para garagem. Consequentemente com espaço disponível, pela primeira vez, nas salas sempre à cunha, há a possibilidade de apresentar ao público coisas que investigações de mercados comprovam serem de interesse e outras que os organizadores desde longa data têm desejado apresentar mas para que nunca tiveram espaço. Foram também alterados alguns dos regulamentos que eram antiquados e consultadas muitas partes interessadas, incluindo jornalistas.

VEÍCULOS CÉLEBRES

Estas apresentações especiais

abrangem muitos campos automóveis históricos (nove ao todo) na galeria, cedidos pelo Museu Nacional de Automóveis; o Ford-Tyrrell Britânico que ganhou o campeonato mundial que será exibido no principal stand da Ford, e a única réplica, em escala natural, do primeiro automóvel que foi à lua e que será apresentado pela General Motors. Existirá também uma secção especial destinada a «entretimento dentro do automóvel» onde expõem oito das principais companhias especializadas em música gravada em «cassettes» e estereofónica bem como uma ampla secção que demonstrará o rápido crescimento dentro da indústria automóvel das caravanas motorizadas.

Um serviço assistido por um computador que custou 32.000 libras, patrocinado pela SMMT, promovido pela revista Drive e pela Honeywell assiste os visitantes a pré-seleccionarem, de entre os 350 automóveis e motorcaravanas exibidos e fabricados por mais de 60 empresas em 13 países, o veículo que melhor corresponde às suas necessidades individuais.

Um stand de desenho britânico, patrocinado pela Revista do Daily Telegraph e pelo Instituto Britânico de Construtores de Carroçarias e Automóveis e 320 km.p.h. com o motor ao centro que foi construído na Grã-Bretanha exclusivamente para o Salão Automóvel, acompanhado de outra especialidade de desenho britânico.

O Showbiz Car Club faz a sua primeira aparição de relevo em público com um stand que apresenta diariamente estrelas de todas as actividades artísticas

para assinar autógrafos e incitar membros a que entrem para este exclusivo clube automobilístico que desde 1965 recolheu mais de 100.000 libras para a National Society of Mentally Handicapped Children. (Sociedade Protectora de Crianças com Doenças Mentais).

A POLÍCIA E A BOA CONDUÇÃO

Depois do êxito fantástico que obteve o ano passado, a Polícia de Londres apresenta exibições na arte de boa condução, controle de tráfego, segurança de veículos contra o roubo e, inclusivamente uma demonstração da forma como a polícia verifica, por meio de um tubo de assopramento, o montante do álcool bebido.

O British Automobile Racing Club tem um stand de promoção de corridas de automóveis.

Eis aqui em poucas palavras algumas das «variedades» no mais fenomenal Salão Automóvel já mais apresentado em Londres. Estas exibições serão localizadas em várias partes da sala principal e na galeria, lado a lado com os produtos dos fabricantes mundiais de automóveis e mais de 300 produtores de todos os artigos possíveis e imaginários desde carburadores a macacos, de transmissões automáticas a instalações para lavar carros e as principais editoras de publicações do ramo automóvel, organizações de assistência e clubes automobilísticos, famosos construtores de carroçarias e desenhadores Britânicos e Europeus.

FIRENZA um coupé da Vauxhall



Um novo elemento para a gama Vauxhall foi esta semana apresentado pela General Motors à Imprensa numa das suas habituais reuniões em Cabo Ruivo. Trata-se do Firenza, «coupé» semelhante ao Viva de 2 portas, com o mesmo «capot» e as mesmas portas até à linha de cintura. O tejadilho e a traseira têm no entanto novo e característico estilo, oferecendo uma mala com capacidade superior à do Viva. Em Portugal o Firenza está disponível apenas na versão equipada com motor de 2000 cc.

No aspecto estilístico a linha Vauxhall tem-se caracterizado

por modelos de larga aceitação junto de uma massa média de compradores que buscam o tipo de viatura estritamente familiar. Este novo modelo não foge à regra dentro de uma característica mais desportiva.

O Vauxhall Firenza está equipado com um motor de 1975 cc, com uma taxa de compressão de 8,5: 1. A potência ao freio é de 112 HP/SAE a 5250 rpm. Os 100 metros de arranque são percorridos em 12 segundos e a velocidade máxima é de 161 Km/h.

Os travões são de disco à

frente e tambor à retaguarda assistidos por servo-freio. A suspensão dianteira é independente com molas helicoidais, triângulos de diferentes dimensões esticador de afinação de carter e amortecedores telescópicos de dupla acção. Atrás possui molas helicoidais, assentes em braços longitudinais, braços superiores diagonais e amortecedores telescópicos. A direcção é de cremalheira e pinhão, com haste e cardan de borracha e coluna amortecedora de choques.

Jantes tipo Rostyle completam o perfil desportivo do Firenza.



FORÇA AÉREA

CENTRO DE RECRUTAMENTO
E MOBILIZAÇÃO N.º 1

ANÚNCIO

RECRUTAMENTO DE MANCEBOS VOLUNTÁRIOS

Faz-se público que, nos termos da Portaria n.º 260/70, de 30 de Maio de 1970, está aberto concurso para admissão de mancebos voluntários com destino a aprendizes na Banda de Música.

Aprendizes de música:

Flautim — Flauta — Requinta — Clarinete — Fagote — Feliscorne — Cornetim — Trompete — Trompa de Harmonia.

Condições de Admissão

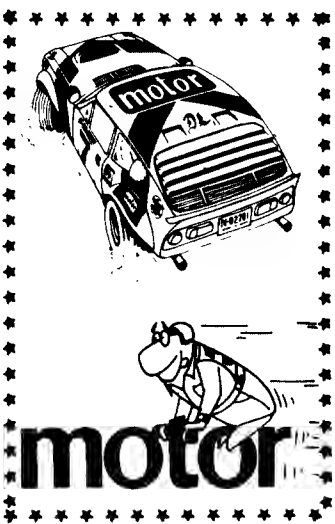
1. Ter mais de 17 e menos de 21 anos de idade no acto de alistamento;
2. Se não for emancipado, estar autorizado por seus pais ou tutores a alistar-se na Força Aérea;
3. Ter a altura mínima de 1,60 m e possuir a aptidão física necessária verificada pela Junta de Admissão da Força Aérea;
4. Ter como mínimo de habilitações literárias a 4.ª classe;
5. Ser solteiro ou viúvo, sem encargos de família;
6. Ter bom comportamento moral e civil e estar em pleno uso dos seus direitos constitucionais;
7. Possuir conhecimentos de música.

Têm preferência na admissão, os mancebos que se comprometerem a servir na Força Aérea por um período de 6 anos e os que possuírem melhores habilitações artísticas.

Os interessados devem fazer as suas inscrições e dirigir os seus pedidos de esclarecimentos ao Centro de Recrutamento e Mobilização n.º 1 — Rua Newton, n.º 6, r/c — LISBOA, até ao dia 30 de Novembro de 1971.

Lisboa, 12 de Outubro de 1971.

O CHEFE DO CENTRO
Giordano C. Bailey
Major



Tem 25 contos? Tem 1.000 contos? Tem outra quantia?

ADQUIRA EM COMPROPRI-
DADE OS NOSSOS IMÓVEIS

COMPRE APARTAMENTOS
EM J. PIMENTA, SARL

INFORMAÇÕES

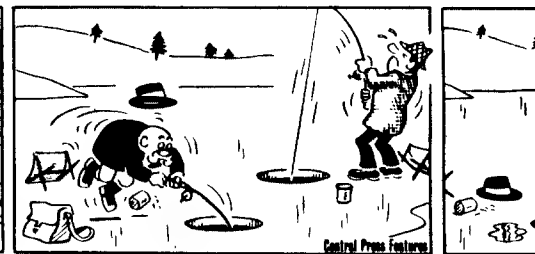
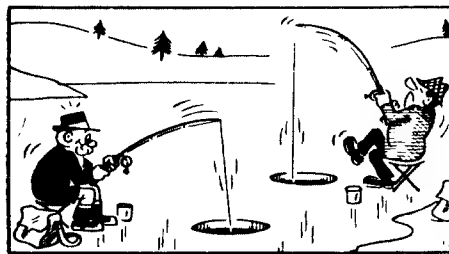
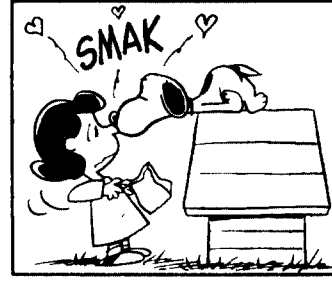
LISBOA — Pr. Marquês de Pombal, 15 — Telef. 45843 - 47843
QUELUZ — Edifício Sede — R. António Enes, 25 — Tel. 952021/2

Locais de construção e venda de propriedades

CASCAIS • PAÇO DE ARÇOS
REBOLEIRA • LISBOA



Este simpático chefe índio está em Londres disposto a angariar fundos que lhe permitam escrever as suas memórias (que serão «famosas...»). Processo utilizado para o conseguir os tais níqueis: coloca-se à porta do London's Waldorf Hotel e faz sinais de fumo aos ricos hóspedes, com um enorme charuto. Pode ser que o «chefe» jamais venha a escrever o tal livro, mas o certo é que terá muitas histórias que contar...



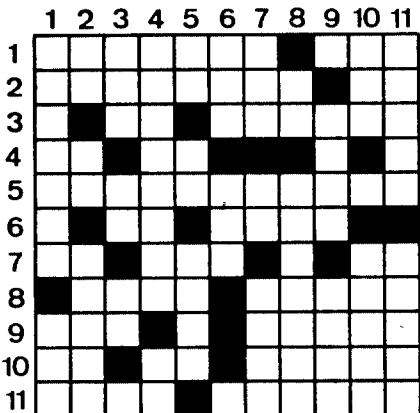
palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 6047

HORIZONTAIS:

- 1 Fazer fermentar. Espaço de doze meses.
- 2 O que fabrica ou trabalha em arame. Interjeição de dor.
- 3 O mesmo que uma (ant e pop). Dançar o samba.
- 4 Preposição. Vê.
- 5 Que têm modos ou acções de saloios.
- 6 Sufixo que designa estado. Corrupto de itá (Bras).
- 7 Preposição e artigo definido. Falda. Vi.
- 8 Tome rumo ou direcção. Apelido.
- 9 Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. O mesmo que choupo.
- 10 Níquel (s.q). Artigo definido. Tambor achatado, cujo som é claro, mas não se ouve ao longe.
- 11 Serra de Portugal Vagrosa.



VERTICAIS:

- 1 Capital do conchelo de Congo (Angola). Espaço de doze meses.
- 2 Erbio (s.q). Pertences. Verbais.
- 3 Freguesia do conchelo de Obidos. Solitário. Freguesia do conchelo de Oliveira de Azeiteis.
- 4 Meteram em mala. Em partes iguais.
- 5 Preposição. Artigo definido (ant). Riquezas.
- 6 Suspiros. Freguesia do conchelo de Oliveira do Bairro.
- 7 Caminhará. Prefixo de negação. Natural.
- 8 Grande ribeira da Ásia Russa. Engatar.
- 9 Casamento. Trespasso.
- 10 Despida. Apelido.
- 11 Entonteces. Separa de outro.

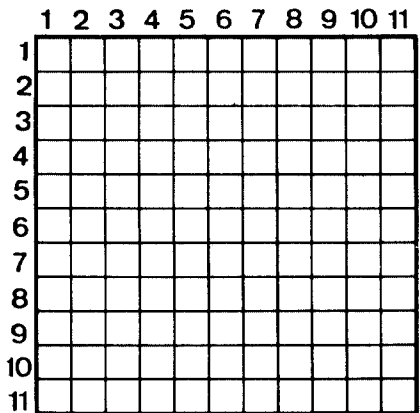
Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 9889

HORIZONTAIS:

- 1 Activo. Uma das ilhas de Sunda.
- 2 Tempo do verbo ir. Futuro. Viscera dupla.
- 3 Prefixo de negação. Espécie de pano de lá azul. Medida japonesa igual a dois decímetros.
- 4 Movera os remos. Verdadeira.
- 5 Rezas. Animal herbívoro africano, do tamanho duma cabra pequena.
- 6 Acreditei. Caminhar para cá.
- 7 Água. Categoria.
- 8 Dar mios. Furiosos.
- 9 Prefixo de privação. Queimas. Artigo definido.
- 10 Freguesia do conchelo de Penafiel. Conjunção. O vencimento diário de um soldado.
- 11 O mesmo que alime. Vendem a crédito.



VERTICAIS:

- 1 Comparo. Estimara.
- 2 Dissipar (Fig). Ultimo.
- 3 Troça. Branda. Nota musical.
- 4 Untara.
- 5 Atravessei. Samário (s.q).
- 6 Divisões de uma casa. O mesmo que cissão.
- 7 Apelido. Ramos.
- 8 Tramamos.
- 9 Atmosfera. Freguesia do conchelo de Coimbra. Letra grega.
- 10 Atam. Fizera doação de.
- 11 Sacrifica. Queimem.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6046

HORIZONTAIS:

- 1 Sai. MAUS. ML
- 2 Urnas. Tocai.
- 3 Açor. Nios.
- 4 VIZINHOS
- 5 Arado. Sou.
- 6 Adoa. Asoto.
- 7 Tio. SSS Sôr
- 8 Oo Ar.
- 9 Remoera
- 10 Opado. Namur
- 11 Sôsia. Aroma.

VERTICAIS:

- 1 Suara. TODOS.
- 2 Arc. Raro. Po
- 3 Inovado. Ras.
- 4 Arido. Medi
- 5 Ms. Zoas. Moa.
- 6 Vi. SAO.
- 7 Ut. Nuas. Ena!
- 8 Sonhos. Arar.
- 9 Ciosos. Amo
- 10 Mãos. Toa UM
- 11 Lis. Correrá

Provérbo: MAUS VIZINHOS, TODOS SÃO UM

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9888

HORIZONTAIS:

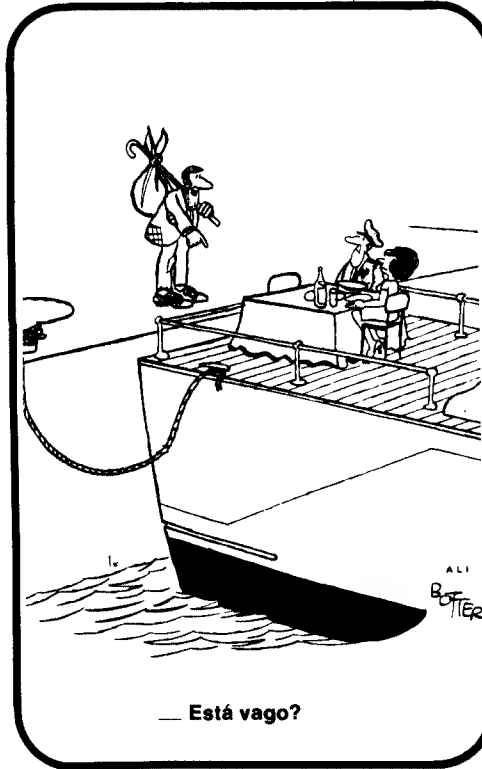
- 1 Repor. Peste
- 2 Alela. Alais
- 3 Maçar. Raias.
- 4 Pia. Abé. Ará
- 5 Asso. Asas
- 6 Beata
- 7 Bacá. Roca.
- 8 Ata. Uai. Cal
- 9 Nucas. Açana
- 10 Cairo. Rosar
- 11 Arais. Amola

VERTICAIS:

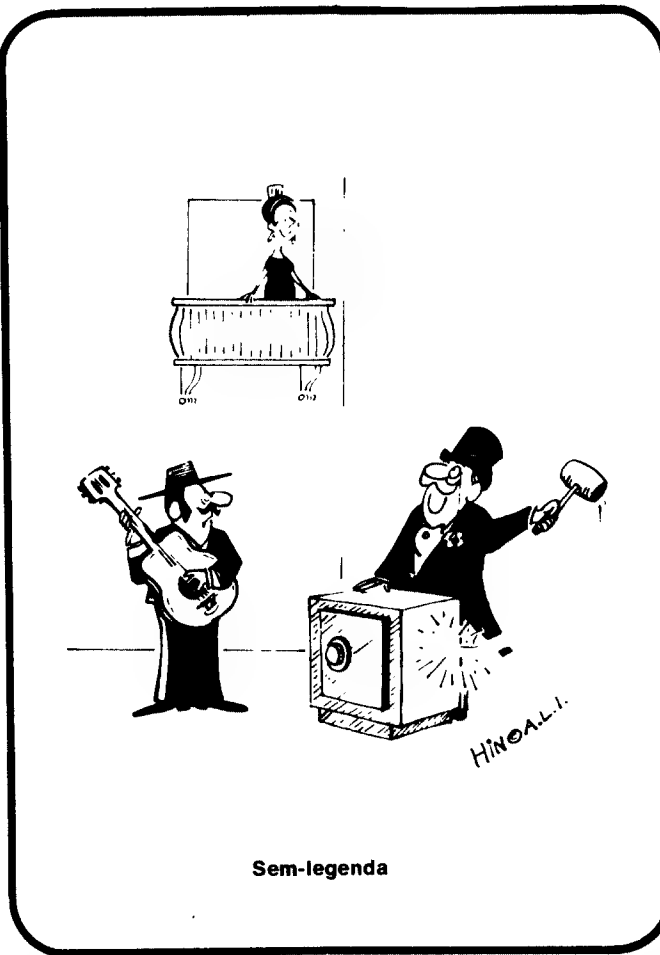
- 1 Rampa. Bancá
- 2 Elais. Atuar
- 3 Pecos. Cacia
- 4 Oia. Obá. Ari
- 5 Rara. Usos.
- 6 Braga
- 7 Pare. Lara
- 8 Ela. Aar. Com.
- 9 Saras. Ocaso.
- 10 Tiara. Canal
- 11 Essas. Alara



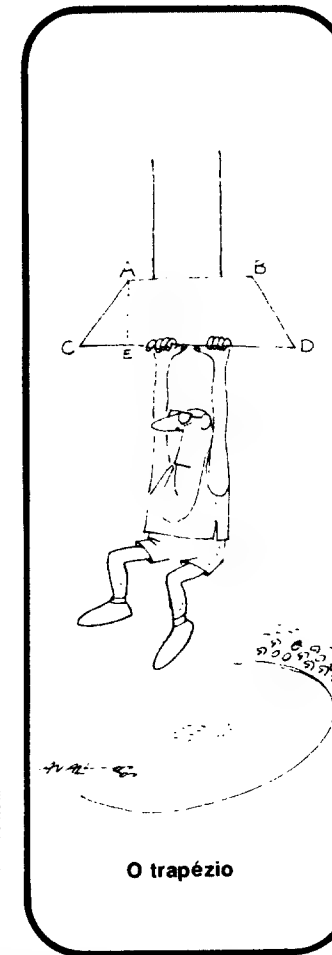
... E agora, de Filipe para Isabel... «God save the Queen»!



— Está vago?



Sem-legenda



O trapézio

Livre e directo



O primeiro dos «Livres» que marquei nestas colunas atingiu em pleno o valoroso defensor sesimbrense Fragata. Daí resultou que o brioso atleta foi atirado ao ar e milhares de pessoas que mal o conheciam (ou ignoravam mesmo a sua existência) puderam, dessa forma, saber que existia em Sesimbra um senhor atleta de seu nome Martello, popularizado sob a forma de Fragata, ou não fosse homem do mar.

Volto hoje a colocar a bola na marca e, com todo o gosto, tomo balanço (sem inclinar o tronco á frente, á boa maneira eusebiana) para visar um jogador que, de certeza absoluta, não se vai desviar nem encolher nem virar as costas. Aliás não é preciso que o faça pois não o vou ferir a não ser na sua modestia. Este livre será marcado mais em jeito do que em força. Direi o mesmo que será em jeito de panegírico. Mais um, é verdade.

Convirá, desde já, acrescentar que não faço negócio com estes elogios. Mais ainda! Se fosse necessário, pagaria para os tecer já que o mínimo que posso fazer por quem me merece tal admiração. Como, por outro lado, imagino que o grande público terá também curiosidade em conhecer melhor as figuras cujos nomes aprendem a decorar, eis que recebo mais um retrato de corpo e alma inteiros (ou quase):

Pois, noutro dia, li num jornal da especialidade que o meu velho amigo António de Medeiros regressou do Canadá e se encontra a representar o Cova da Piedade. A informação surgiu, discretíssima, ao correr da pena do repórter que se encarregou da crónica do jogo. Confesso que fiquei um tanto chocado com o facto. Não pelo motivo de o Medeiros estar a jogar no Cova da Piedade que é um clube que merece a maior consideração e está envolvido numa campanha de produção que é de enaltecer. Terá mesmo dado um passo acertadíssimo ao contratar Medeiros, um homem que poderá marcar posição de grande relevo na manobra de equipa. No entanto, para ser sincero (mas um tanto idealista) devo dizer que determinados jogadores só deveriam jogar no primeiro plano. Depois, a retirada pura e simples. Mas isso é outra gestão que talvez fique para ocasião próxima...

O que me chocou, voltamos ao ponto, foi o desaparecimento de um jogador, como o Medeiros, do futebol da alta roda sem que a imprensa desportiva lhe tivesse dedicado uma linha de atenção. É certo que na guerra do futebol não há lugar para sentimentalismos mas, apesar disso, não me parece justo (pelo menos isso) que os homens dos jornais deixem partir assim um atleta da estirpe de Medeiros sem, sequer dizer que era boa pessoa. (Vide «Manual de Epitáfios e Alocuções Fúnebres»). Chocou-me na realidade este alheamento tanto mais que Medeiros não é um jogador qualquer, dos muitos que pisam relvados e pelados deste Portugal conhecido como grande potência do futebol mundial.

Nascido nos Açores (se bem me lembro...) ingressou no futebol do Continente pelos portões verdes do Desportivo da CUF, lá se mantendo por mais de dez anos. Veio endereçado á cami-

A colaboração de Gagic

sola nº 9 e logo se revelou um executante de eleição. Terrível o seu jogo de cabeça, aliando a eficiência a uma elegância comparável á de um Aguas ou Artur Jorge. Inteligentemente, sabia quando devia rematar e quando era preferível ceder a ocasião a um colega melhor colocado. Sóbrio, modesto, foi sempre, e acima de tudo, jogador da equipa que abdica do brilho individual para colocar o interesse do clube antes da glória pessoal. Um avançado centro de alto a baixo. Tecnicamente é um jogador dotadíssimo com a vantagem dos predestinados que é a versatilidade. Mesmo a guarda-redes ele joga bem. Que o digam os colegas que o têm apreciado nos treinos.

Recordo-me (sem mágoa, apesar de tudo) de um jogo no velho e «gaseado» campo de St.ª Bárbara em que jogando pela Académica levei 6 golos no «saco» tendo sido Medeiros autor de quatro, um deles com a barriga, num alarde quase gastronómico. Lembras-te, ó Viegas? O seu impecável jogo de cabeça, sentido posicional e capacidade atlética foram trunfos que Manuel de Oliveira aproveitou para lhe colocar nas costas um 9 ao contrário e fazer dele o quarto-defesa da CUF para a vida e para a morte. Só acidentalmente a camisola n.º 6 conheceu outro dono nestes últimos anos. Se tivesse trocado a sua equipa de sempre por um grande, tê-lo-íamos tido como um dos mais credenciados a um lugar na equipa nacional. Assim, teve de se contentar com uma intervenção na B e uma «suplantada» na A. E viva o velho Medeiros!

Aliás, é o problema dos bons jogadores que actuam em clubes de segundo plano. O motivo do divórcio Arnaldo-Seleção será a tradicional crueldade mental?... Ou será o cufista Arnaldo ainda pouco «activado»? Bom, mas essa era outra questão...

Voltemos ao nosso «Tonho» Medeiros com quem (muito orgulhosamente o digo) tentei fechar o corredor central que dá (ou daria) acesso á baliza da CUF. Devo mesmo dizer que se alguma vez ganhei alguma evidência muito devo ao Medeiros porque jogar a seu lado se torna fácil. Para além da sua valia técnica é um companheiro fantástico com quem podemos contar em quaisquer circunstâncias, que se sacrifica, que não receia ir «á queima» que está sempre pronto a dobrar, a emendar uma falha nossa sem para ela chamar as atenções gerais (como alguns fazem...), enfim um camarada a sério, de uma dignidade a toda a prova.

Como homem, como colega, é muito, muito difícil encontrar melhor. Não é muito comunicativo, antes reservado, mas é leal, honesto, puro. Como profissional é impecável, dentro e fora do campo. Vai até ao sacrifício. Só lhe aponto um defeito: é demasiado ingénuo e leal a jogar.

Por isso se magoa muitas vezes. Ao longo de uma carreira regularíssima e brilhante, Medeiros deixou, certamente, um amigo em cada adversário. Ouvi dizer (ou sonhei) que o Grupo Desportivo da CUF lhe vai promover uma festa de homenagem. Mas aqui fica desde já a minha homenagem pessoal em todos os que conhecem o «Tonho». Já que me é dada esta oportunidade, aqui fica este «livre e directo» todo ele um hino de admiração e amizade que, de algum modo, disfarçará a falha da imprensa desportiva ignorando o afastamento de um tão excepcional jogador e de um desportista tão nobre. portista tão nobre.

Se algum atleta do Desportivo da CUF terá justificado uma festa de homenagem, nenhum o fez em mais alto grau do que Medeiros. E lá estará esse impagável Eliseu para um longo abraço ao «Tonho», com uma lágrima à mistura...



Príncipe coroado...
...com sorte

Príncipe Coroado (Crowned Prince) é o nome do cavalo. Foi sorte... porque ganhou. A foto é «foto-finish»: da corrida «Clew-hurst Stakes», em Newmarket, E. U.. O Crowned Prince é a nova coqueluche dos páreos norte-americanos, perfeitamente á altura do seu jóquei, que dos mais renovados, Lester Piggott

CÁLEM-VELHOTES ETERNAAMENTE JOVENS



PORTO CÁLEM
um PORTO velho
do nosso tempo!

Boxe: Quando o título é alvo o sabor é diferente

Quando, no próximo dia 22, dois pugilistas subirem ao ringue instalado no Pavilhão dos Desportos de Lisboa para o último combate da noite, começará a ser escrita uma página de especial significado na história do boxe português: pela primeira

vez após um interregno de longos anos, estará em jogo um título de campeão ao nível de profissionais.

Merece uma palavra de elogio o labor desenvolvido até agora pelos homens que constituem a «Lisboaboxe». E mere-

ce-a pelo espírito de aventura e gosto pela modalidade de que tem dado sobejas provas: é que nisto de organizações comerciais, não é fácil persistir quando a balança financeira acusa saldo negativo...

A realização de combates de campeonato, impunha-se. Um tanto surpreendentemente (para muitos), bastou que se verificasse a oportunidade para que os pugilistas «nascessem» passe o termo tentando aproveitá-la. Ora, para que o boxe português ao nível de profissionais se mantenha no caminho do amanhã desejado, tornava-se imprescindível a efectivação de combates para o título, de títulos que definissem campeões que, através dos títulos conquistados, pudessem ter acesso mais fácil aos ringues internacionais.

O título em jogo na próxima sexta-feira, entre Francisco Realinho e Carlos Anjos, será o começo. Outros vão seguir-se, até titular para cada categoria. Entretanto, o caminho fica aberto. Mas não foi fácil abri-lo...

O PROGRAMA

O programa da próxima sessão compreende cinco combates: a abrir a sessão, teremos os «meios-médios ligeiros» João Gato e João Nunes, em 4 assaltos de 3 minutos. Seguem-se os «ligeiros» Orlando Silva e Vítor Piedade em 5 assaltos de 2 minutos e, antes do intervalo, combatem António Augusto e Kaká, em 6 assaltos

de 2 minutos, categoria de médios.

Depois do intervalo, um combate de sensação: Costa Rodrigues contra Fernando Tavares, categoria de «meios-médios ligeiros», em 8 assaltos de 3 minutos. Qualquer deles venceu, recentemente, o consagrado Carlos Almeida e esta vai ser a primeira vez que ambos se defrontam.

Finalmente, a fechar o programa, teremos o combate para o título, entre Realinho e Anjos. Doze assaltos de 3 minutos que se prevêem emotivos e espectaculares. Realinho, mais leve (ele pertence à categoria de «plumas» mas que quiz disputar o título de «ligeiros») possui qualidade que poderão fazer de si um pugilista de largo futuro no plano internacional. Além disso, tem, sobre o ringue, a descontração activa que impressiona. Quanto a Anjos, ele é, para já, o ídolo número um do público lisboeta e nunca é por mero acaso que tal acontece. Anjos mereceu a eleição pela verdade dos seus combates, pela sua elegância em ringue, pelo poder e agressividade do seu jogo. Entre ambos, um combate que poderá ficar memorável. De qualquer forma, um combate para ver.



Frank Realinho. Ele pediu dificuldades... e vai tê-las



Carlos Anjos. Qualidades de campeão... Ainda sem título

...mas tudo correu bem às hostes de Celorico!

Nesta era de protestos (em futebol, em futebol...) surgiu agora um, entre muitos, que não deixa de ter a sua piada.

Mais ou menos foi assim: para a Taça de Portugal estava marcado um encontro de desempate entre o Celoricense eo Cultural da Guarda. Campo previsto: o de Celorico da Beira.

Mas, e lá vem o tal mas, a Associação da Guarda resolveu considerar o recinto «impróprio» para um jogo de tamanha importância e, vai daí, oficiou à F.P.F. a sua deliberação.

Porém, as gentes de Celorico, com uma vida pacata, calma, de bons costumes, não se ficou.

O presidente da Câmara foi chamado e informou a Federação que o campo era Municipal e estava em condições. A população ficou agradecida ao sr. Presidente (sempre interessado na resolução dos grandes problemas da comunidade),

mas os resultados foram nulos. A deliberação da Associação de Futebol da Guarda e da F.P.F. cumpriu-se e os bravos jogadores de Celorico, com muitos conterrâneos atrás da camioneta, lá foram para o local combinado: Gouveia.

Por acaso tudo correu bem às hostes celoricenses três a um aos da Guarda, sem tirar nem pôr. E a satisfação, misto de orgulho e vingança, foi festejada pela população feliz da vila serrana.

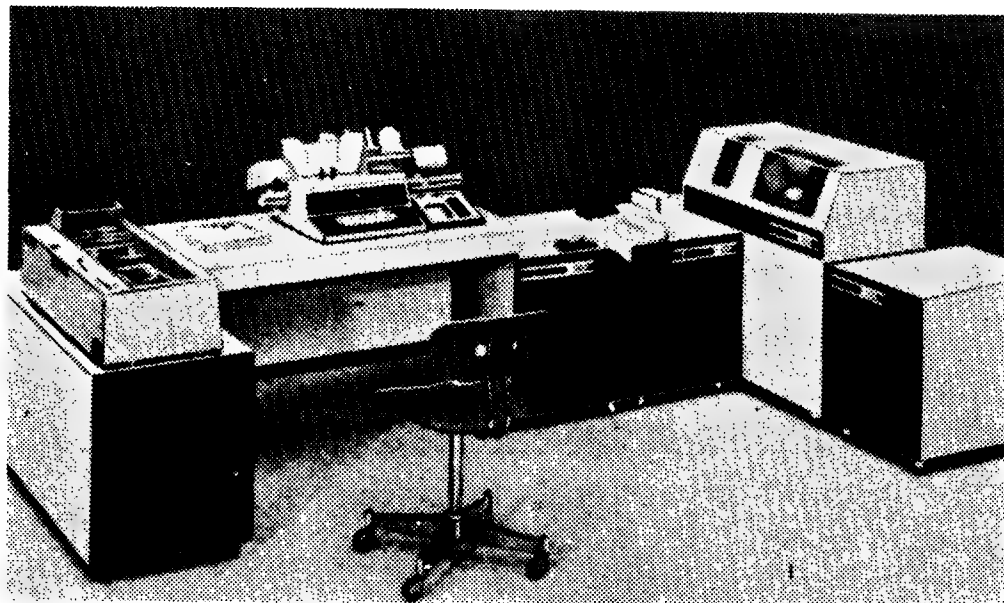
Claro - para lá da questão de «lana caprina» que virou em «caso regional», agora entoam-se loas aos valentes celoricenses que continuam a ser de granito, não havendo quem os pise...

Gloriosa gente da serra não há quem os pise no vosso quotidiano agreste ó futebolístico!



O COMPUTADOR DO NOSSO TEMPO E DO FUTURO

ADLER

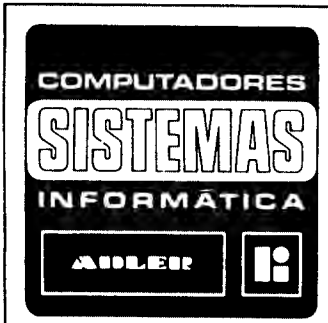


a mais perfeita combinação
HARDWARE - SOFTWARE

visite o nosso Stand na FILEME

Representantes em Portugal:
Soc. de Rep. SIDA-SUECA, LDA.
R. Augusta, 118, 4.º - Tel. 369331 - LISBOA

Distribuidores para o Norte:
Estabelecimentos SIDANORTE, LDA.
R. Formosa, 447, 1.º - Tel. 34536 - PORTO



EMAGREÇA

SÓ NOS PONTOS ONDE NECESSITA SEM GINÁSTICA NEM DIETAS COM O VESTUÁRIO

STEPHANIE BOWMAN

Há 13 modelos diferentes à sua escolha — Um resolve o seu caso!

Pedidos ao AGENTE OFICIAL EM PORTUGAL

MARIA PENICHE

PEÇA CATALOGOS GRÁTIS

Cuecas 200500

Rua Rodrigues Sampaio, 32-2 - LISBOA - Telef. 536403

O JULGAMENTO

ROMANCE DE
JOAQUIM DE AZEVEDO E SILVA

Um ponto de vista inesperado

LIVRARIA PETRONY — R. da Assunção, 90 — LISBOA

Chá de Hamburgo

LEGÍTIMO

Estimulante digestivo.
BOA DISPOSIÇÃO PARA TODO O DIA
Benefícios nas perturbações das vias urinárias.*
À venda nas farmácias



MINISTÉRIO
DA ECONOMIA

SECRETARIA
DE ESTADO DA
AGRICULTURA

ESTACÃO AGRONÓMICA
NACIONAL

O Conselho Administrativo da Estação Agronómica Nacional aceita propostas para a venda de palha enfiada de trigo e de ervilhaca da sua produção em Oeiras — Quinta do Marquês, na base do quilograma.

As propostas devem ser enviadas no prazo de 8 dias a contar da data desta publicação, em carta lacrada e fechada.

Mais de oito mil saltos

Em 72 minutos, o jovem inglês que vemos na foto deu 8.001 saltos, com o auxílio do brinquedo que começa a divulgar-se por toda a Europa - uma espécie de mola que confere, a quem a utilize, uma facilidade extraordinária de andar aos pulinhos.. Brincadeiras para crianças.



CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADE

No dia oito de Outubro de mil novecentos setenta e um, neste Cartório Notarial de Oeiras, perante mim, o Notário Licenciado, Júlio de Oliveira Manaia, compareceram, como outorgantes:

Primeiro:

Manuel dos Santos, casado com Cecília Maria do Rosário, no regime de comunhão geral de bens;

Segundo:

João Maria dos Santos, casado com Maria Conceição Martins dos Santos, no regime de comunhão de adquiridos; e

Terceiro:

Alvaro Maria dos Santos, solteiro, maior. Todos os outorgantes são naturais da Freguesia do Souto, concelho de Abrantes, e com residência habitual na Quinta da Figueirinha, lote 13-A, 4.º andar, direito, nesta vila de Oeiras.

Verifiquei a identidade dos outorgantes, por me terem exibido os seus bilhetes de identidade respectivamente números 453928 de 12-10-67; 4799649 de 1-5-69; e 5038964 de 22-7-68 e todos expedidos pelo Arquivo de Lisboa.

Os outorgantes declararam:

Que constituem entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

Primeiro: — A sociedade adopta a denominação de Sossanfil — Sociedade Construtora e Urbanizadora de Santos & Filhos, Limitada, e vai ter a sua sede na Quinta da Figueirinha, lote treze A, quarto andar, direito, nesta vila de Oeiras; durará por tempo indeterminado e conta o seu início a partir de hoje;

Segundo: — O objecto social consiste no exercício das actividades de construção civil, por conta própria ou por meio de empreitada, e compra e venda de propriedades rústicas ou urbanas, ou qualquer outro ramo em que os próprios acordem e seja permitido por lei;

Terceiro: — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de um milhão e duzentos mil escudos, e, corresponde à soma das quotas dos sócios, sendo, uma de seiscentos mil escudos do sócio Manuel dos Santos; uma de trezentos mil escudos do sócio João Maria dos Santos e outra de trezentos mil escudos do sócio Alvaro Maria dos Santos.

Quarto: — As cessões de quotas a estranhos, dependem do consentimento da sociedade.

Quinto: — A gerência dispensada de caução, pertence a todos os sócios, mas, para obrigar a sociedade em todos os actos e contratos e para a representar em juízo e fora dele, activa e passivamente, é sempre necessário a assinatura de dois dos gerentes, uma das quais, será sempre, a do gerente Manuel dos Santos, podendo este delegar os seus poderes; Sexto: — Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões de assembleia geral serão convocadas, por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios, com dez dias de antecedência, pelo menos.

E que nos termos expostos, dão como constituída a sociedade.

Preveni os outorgantes, da obrigação de requererem o respectivo registo, no prazo de três meses, a contar de hoje.

Arquivo: uma certidão passada em 10 de Setembro findo na Repartição do Comércio, e a qual se verifica não haver ali matriculada denominação igual à ora constituída ou qualquer outra por tal forma semelhante que, com ela, se possa confundir ou induzir em erro.

Foi feita aos outorgantes, em voz alta, na presença simultaneamente de todos, a leitura desta escritura e a exploração do seu conteúdo.

ÓPIO, O LEGAL E O CLANDESTINO

Durante os últimos dez anos, quase toda a produção mundial, legal, do ópio foi fornecida pela Índia, pela U.R.S.S., e pela Turquia. Tanto no caso da Índia como no da U.R.S.S., as ligações com os mercados clandestinos eram pequenas, ou mesmo inexistentes. No entanto, no caso da Turquia, e tal como as próprias autoridades locais reconhecem, uma parte das colheitas de ópio é destinada ao fabrico clandestino.

A recente comunicação, vinda das autoridades turcas, de que a produção de ópio nesse país iria desaparecer em 1972, de que a produção de ópio nesse país iria desaparecer em 1972, deu motivos para manifestações optimistas por parte dos círculos ligados ao controle de narcóticos: de facto, uma medida desta natureza reveste-se da maior importância, ao nível mundial. Quanto menor for o número de países produtores de ópio, é o perigo do seu desvio para os mercados ilegais.

Uma das outras fontes que alimentam este tráfico, é a produção ilícita ou não fiscalizada, estimada em cerca de 1200 toneladas pela «Central Permanente de Narcóticos»; o seu sucessor, o «gabinete Internacional de Controle de Narcóticos», calculou que a actual quantidade era, provavelmente, muito superior. Consequentemente, mesmo admitindo que cesse por completo a produção na Turquia, a totalidade do ópio clandestino não será, de modo algum, afectada, especialmente porque, tendo perdido a sua fonte abastecedora, os fornecedores clandestinos estão prontos a virarem-se para outros países, em busca do seu ópio.

Dum modo geral, o referido comunicado do governo turco para as agências internacionais, demonstra que o comércio legal de narcóticos dificilmente afecta o mercado clandestino. Por exemplo, uma terça parte da produção mundial de morfina

é derivada da palha das papoilas, o que não origina qualquer comércio á margem da lei (nem directamente, nem em formas concentradas); da mesma maneira, as quantidades vindas das fábricas de morfina ou de codeína, não são de consideração; finalmente, á parte alguns assaltos a armazéns de farmácias ou a outros roubos ocasionais durante o transporte, a quase totalidade da produção ilegal de heroína pode dizer-se que provém das plantações clandestinas de papoilas (com excepção do caso da Turquia).

Para sermos mais precisos, em todos os países existe um certo número de viciados, que assim se tornaram em consequência de tratamentos médicos, por exemplo, e que continuam a obter opiáceos através do mercado legal, mas apenas constituem uma pequeníssima minoria; para além disso, o número daqueles que usam os produtos manufacturados segundo a lei, tais como a codeína ou o elixir paregórico (que não origina qualquer espécie de mercado clandestino) não tem significado.

A SUBSTITUIÇÃO DOS PRODUTOS

Por outro lado, teria sido utópico esperar que a descoberta dum substituto válido para a codeína (cuja manufactura consome, praticamente 90 por cento da produção mundial da morfina) pudesse afectar significativamente o tráfico ilegal, e a expansão clandestina ou não controlada, um objectivo que só pode ser atingido, a um nível mundial, mercê duma grande variedade de medidas: em primeiro lugar, dando aos produtores de ópio clandestino ou semi-clandestinos outras possibilidades de ganharem a sua vida, e, em segundo, lançando contra o tráfico á margem da lei uma campanha á escala internacional.

A PRODUÇÃO LEGAL DE ÓPIO

A década de 1960-1969 foi

marcada por um decréscimo da produção legal de ópio, de 1261 toneladas em 1960 para 662 toneladas em 1967. Durante os primeiros oito anos da década, apenas 1962 foi o ano em que essa diminuição não se verificou. Contudo, uma subida em 1968, e uma outra ainda maior em 1969, trouxeram a produção para 1219 toneladas, próximo do nível atingido em 1960.

OS PAÍSES PRODUTORES

A Índia, a U.R.S.S. e a Turquia fornecem quase toda a produção mundial legal de ópio.

Das 1219 toneladas produzidas em 1969, em todo o mundo, 1202 são originárias destes três países: 868 toneladas na Índia,

217, na U.R.S.S., e 117 toneladas na Turquia.

Os países importadores de ópio são principalmente abastecidos pela Índia e pela Turquia. No ano de 1969, estes dois países exportaram, respectivamente, 602 toneladas e 118 toneladas, constituindo 93 por cento das importações mundiais. Esta situação rapidamente será modificada quando, em 1972, a Turquia puser em vigor a lei que proíbe as plantações de papoilas e a produção de ópio.

NECESSIDADES AUMENTADAS

A utilização do ópio com fins médicos ou científicos tem vindo a aumentar gradualmente,

atingindo 877 toneladas durante os primeiros cinco anos da última década, e 1027 toneladas ao longo dos últimos cinco.

De 1960 a 1963, o uso legal de ópio situava-se abaixo da sua produção, e os «stocks» de fim de ano aumentaram mais de duas vezes, de 860 toneladas em 1960, para 1998 toneladas em 1963.

Por contraste, de 1964 a 1968, a produção estava constantemente abaixo das necessidades e os «stocks» tiveram de ser utilizados, trazendo o seu nível, em 1968, para 950 toneladas.

A década acabou com um ano de produção excessiva, quando os «stocks» atingem 12 toneladas.

Atenção! As zonas de Cascais, Almeirim, Évora e Beja já se encontram preenchidas para a distribuição dos nossos produtos

GRANDE OPORTUNIDADE

FORDCAR P.D.C., LDA.

- Procura:**
- 1) A oportunidade de ter um negócio próprio.
 - 2) Poder participar em benefícios importantes em conjunto com a Companhia.
 - 3) Conselho técnico e controle de profissionais.
 - 4) Campanha de promoção e publicidade.
 - 5) Locais de venda seleccionados mediante contrato.
 - 6) Exclusividade de zona.

- Oferece:**
- 1) Pessoa séria e responsável.
 - 2) Que disponha de 2 a 4 horas livres, semanais, só para controle.
 - 3) Que disponha de um mínimo de Esc. 48 000\$00.

Para informações: FORDCAR PROTECÇÃO DE CARROS, LDA.
Alameda de Sto. António dos Capuchos, n.º 6-2.º-A e B
LISBOA

BOLSA DE LISBOA

FUNDOS DE ESTADO

	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4 %	447\$	—	—
Consolidado 3 %	470\$	—	—
Consolidado 3 1/2 %	—	573\$	—
Centenários 4 %	1.320\$	1.320\$	—
Obrs Tesouro 5 %	1.000\$	—	1.000\$
Externo 1ª Série	595\$	595\$	610\$
Externo 1ª Série c	—	600\$	620\$
Externo 3ª Série	—	700\$	—
Externo 3ª Série c	—	710\$	—
Cautelas 3ª Série	—	—	—

OBRIGAÇÕES

Aguas de Lisboa 5 %	490\$	—	—
A P T 5 % 56	860\$	—	—
A P T 5 % 58	860\$	—	—
C P 4 1/2 % 65	820\$	—	—
C P 5 1/2 % 67	980\$	—	—
C U F 6 %	940\$	970\$	—
C U F 6 % 68	—	965\$	—
Gas Elect 4 % 48	860\$	860\$	—
Gas Elect 4 1/2 % 51	—	865\$	—
Gas Elect 5 % 52	—	—	—
Gas Elect 5 % 58	840\$	—	—
Gas Elect 5 % 59	840\$	—	—
Gas Elect 5 % 62	960\$	—	—
Gas Elect 5 % 63	—	—	—
Gas Elect 5 % 65	—	—	—
Gas Elect 5 % 67	—	990\$	1.000\$
H E Alto Alentejo 5 %	—	810\$	—
H E Cavado 5 %	770\$	770\$	775\$
H E Cavado 6 %	—	975\$	—
H E Douro 5 %	—	770\$	—
H E Douro 5 %	—	980\$	—
H E Norte Port 5 %	—	—	—
H E Serra Estrela 6 %	—	980\$	—
H E Zêzere 5 % 55	—	—	—
H E Zêzere 5 % 57	770\$	780\$	—
Lisnave 6 %	990\$	985\$	—
Metropolitano 4 %	—	950\$	1.000\$
Metropolitano 5 3/4 %	560\$	560\$	—
Moçambique 5 %	—	—	—
Nac Electr 5 %	—	770\$	—
Nitratos 5 %	—	—	—
Nitratos 5 % 60	—	—	—
Petroquímica 5 %	—	—	—
Port Celul 5 %	—	—	—
Sacor 5 % 54	—	—	—
Sacor 5 % 60	—	865\$	—
Siderurgia 5 % 2ª	—	765\$	—
Siderurgia 5 % 3ª	—	765\$	—
Siderurgia 5 % 4ª	—	765\$	—
Sonete 5 %	—	820\$	825\$
T A P 4 %	—	—	—
Termoelect Port 5 %	—	—	—
U E P 3 3/4 %	—	—	92\$5
U E P 4 %	—	—	—
U E P 4 1/2 %	—	—	—
U E P 5 %	80\$	79\$	—
U E P 5 % 60	—	—	—
U E P 5 % 63	—	—	—

ACÇÕES

Bancos			
Agricultura	2.250\$	2.245\$	2.555\$
Alentejo	1.290\$	1.285\$	1.300\$
Angola	4.700\$	4.660\$	4.700\$
Burnay	—	—	—
Cred Predial	6.100\$	6.050\$	6.200\$
E Santo	7.350\$	7.300\$	7.350\$
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S p	—	25.500\$	—
Fomento	—	2.900\$	2.950\$
P Atlântico p	7.010\$	7.000\$	7.010\$
Portugal n	—	3.800\$	3.900\$
Portugal p	4.750\$	4.750\$	4.800\$
Totta Aliança	4.770\$	4.750\$	4.770\$
Ultramarino n	4.400\$	4.400\$	4.420\$
Ultramarino p	4.900\$	4.890\$	4.900\$

Seguros			
Alentejo	141\$	140\$5	142\$
Douro	—	—	—
Mundial	1.020\$	1.020\$	1.030\$
Sagres	—	3.150\$	3.500\$
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarina	—	—	—

Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	710\$	—
Aç Cassequei	877\$	877\$	880\$
Aç Incomat	1.600\$	1.580\$	1.620\$

J. BURNAY, LDª

Notas estrangeiras
Papéis de crédito

RUA DO OURO, 72 TEL. 231278

INDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dêz. 65 100)

	15-10-71	8-10-71	14-10-71
GERAL	162,2	162,5	161,8
METROPOL	160,4	160,8	160,0
ULTRAM.	175,8	174,6	175,0

Ultramarinas	Efec	Compra	Venda
AG Neves	—	—	—
Ag S Tome e Principe	—	—	—
Boror	—	—	—
Buzi	—	73\$	74\$5
Cabinda	—	—	—
Damantes Angola	1.970\$	1.960\$	1.975\$
H E Revue	—	—	—
Ilha do Principe	—	—	—
Moçambique	—	—	—
Sonete n	—	371\$	375\$
Sonete p	384\$	384\$	385\$
Zambeza	—	66\$	67\$5

Diversas	Efec	Compra	Venda
Cid'a	—	6.920\$	7.000\$
Cim Leiria	—	—	—
Cim Tejo	—	—	—
Col Navegação	—	—	1.560\$
C U F	3.270\$	3.270\$	3.300\$
Ind Aliança	—	—	—
Nac Navegação	3.800\$	3.750\$	3.800\$
Petroquímica	—	—	1.400\$
Port e Colónias	1.075\$	1.060\$	1.100\$
Port Celulose	—	3.800\$	3.850\$
Port Pesca	—	—	1.150\$
Port Tabacos	616\$	616\$	618\$
Sacor	3.993\$	3.990\$	3.995\$
Siderurgia Nac	2.480\$	2.480\$	2.490\$
Socel	3.630\$	3.630\$	3.650\$
Tabacos de Portugal	—	—	1750\$
Tabaqueira	6.600\$	6.600\$	—
U F Azoto	850\$	850\$	860\$

Agua, Elect. e Gas	Efec	Compra	Venda
Aguas Lisboa p	—	400\$	—
Aguas Lisboa 34	—	415\$	—
Aguas de Lisboa 36	—	400\$	—
Elect. Buzi	1.770\$	1.760\$	1.788\$
Gas Elect	366\$5	366\$	367\$
H E Alto Alentejo	181\$5	181\$	—
H E Cavado	—	—	—
H E Douro	—	—	—
H E Norte Port	—	240\$	249\$
H E Serra Estrela	—	—	—
H E Zêzere	—	—	—
Termoelect Port	—	—	—
Nac Electr 1970	—	—	—
E P	193\$5	193\$	193\$5

FUNDOS DE INVESTIMENTO

F.I. Atlântico	—	205\$5	211\$7
F.I. DES	—	128\$2	132\$
C.P.E.	1.315\$	1.310\$	1.320\$
C.P.E. nom	1.127\$	1.127\$	1.128\$
T.A.P.	1.117\$	1.116\$	1.120\$

COTAÇÕES

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul - Rand	34\$50	37\$00
Alemanha - Marco	8\$15	8\$50
América	—	—
Dollars de 1 e 2	26\$80	27\$50
Dollars de 5 a 20	27\$10	27\$90
Dollars de 50 a 100	27\$20	28\$00
Argentina - Peso Novo	3\$00	4\$00
Austria - Schilling	15\$40	15\$19
Bélgica - Franco	56\$5	55\$9
Brasil - Cruzeiro	3\$70	5\$00
Canadá - Dólar	27\$00	27\$60
Dinamarca - Coroa	3\$70	4\$00
Espanha - Peseta	\$40	\$41,5
Francia - Franco	4\$95	5\$25
Holanda - Florim	8\$00	8\$35
Inglaterra - Libra	68\$00	70\$00
Itália - Lira	\$40,4	\$04,7
Marrocos - Dirhan	4\$90	5\$40
Noruega - Coroa	3\$90	4\$20
Suécia - Coroa	5\$35	5\$65
Suiza - Franco	6\$85	7\$10

Ouro			
Inglaterra - Libra Isabe	320\$00	340\$00	—
Inglaterra - Libra Lira	305\$00	325\$00	—
Ouro fino Barra	39\$50	41\$50	—

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Rua do Ouro, 52 - 54 - LISBOA - Tel. 366066/7

Teleg. ALMEIRO Telex 470 ALAPIP

cinemas

SÃO JORGE

15.15 (Tel. 54153) Grupo D-M. 18 18.15 anos). Estreia GENTE SEM 21.30 COMPAIXÃO c/ Kirk Douglas.

LUMIAR

21.00 (Tel. 795296). (m. 10 anos O GIGANTE.

IMPÉRIO

15.15 (Tel. 555134/5). (Grupo C 14 18.30 anos). Colorido A Rússia nos 21.30 velhos tempos numa comédia de Polansky. Romance de um ladrão de Cavalos com Yul Brynner.

TIVOLI

15.00 (Tel. 50595). (Grupo B-10 18.15 anos) 3ª Semana. TORA 21.30 TORA TORA, americano e japonês).

ALVALADE

18.30 (M. 6 anos) As GRANDES AVENTURAS DE DONALD

EUROPA

15.00 (Tel. 661016). (Grupo D-M. 21.00 18 anos). A FILHA DE RYAN Vera Mills, Robert Mitchum e John Mills. 70 mm. Colorido.

ROMA

15.30 (Tel. 72778) (Grupo D - M. 18 21.45 anos) em «O PAI DE FAMÍLIA».

AVIZ

18.30 A mulher que vivia para o amor A DOCE VIDA DE CASTA 21.45 SUSANA.

BERNA

18.30 (Tel. 776098). (M. 14 anos). 21.45 Gian-Maria Volonte, Bourvil Alain Delon e Yves Montand no impressionante filme colorido de mestres Jean-Pierre Melville O CÍRCULO VERMELHO. Amanhã às 11 horas (M. 6 anos). O AS DO PEDAL

RESTELO

18.00 (Tel. 610375) (Grupo A - M. 6 21.30 anos). Tarde infantil Um filme de emocionantes aventuras. (Grupo B - M. 10 anos). O INIMIGO PÚBLICO, em 14ª semana, c/ Woody Allen, Janet Margolin.

ESTÚDIO

15.00 (Tel. 555134/5 (Grupo D-18 17.00 anos). 5ª Semana. O JOE-19.00 LHO DE CLAIRE (le Genou 21.45 sw Clair). c/ Jean Claude

APOLLO 70

15.00 (Tel. 763310). (Grupo C - 14 18.15 14 anos). Um filme genial de 21.30 Sergei Eisenstein IVAN O TERRÍVEL (1ª e 2ª parte).

EDEN

15.30 (Grupo D-18 anos). O ES-18.30 TRANHO AMOR DE UM MAR-21.45 RIDO, c/ Marcello Mastroianni e Virna Lisi. Technicolor.

ESTÚDIO 444

15.30 (Grupo D-M. 18 anos). 4ª 18.30 Semana. Novo triunfo de Ing-21.45 mar Bergman A VERGONHA c/ Max Von Smdon, Liv Ull-Imani.

SATÉLITE

21.45 D-M: (17 anos). 5ª semana. Um filme excepcional de Visconti. MORTE EM VENEZA.

MUNDIAL

15.15 (Tel. 538743). Metro, esta-18.30 ção Picoas). 3ª Semana de 21.45 êxito! (Grupo C-M. 14 anos). Charles Bronson, Jameu Ma-son ODILO VELHO. Um filme de Terence Young.

LIDO

21.30 (Grupo B-M 10 anos). A história de amor que emociona todas as gerações! JANE EYRE. Grandes interpretações de George C. Scott e de Susan-annah York

MONUMENTAL

15.15 (M. 6 anos). Tel. 555131). 21.30 (M. 10 anos). 3ª Semana. LE MANS, 70 mm e Ecran Gigante. c/ Steve McQueen a 300 Km. hora.



VEJA EXPOSIÇÃO AUTOMÓVEIS NO SALÃO DO MONUMENTAL

ODEON

15.15 (Tel. 326283). (Grupo D-18 18.15 anos). Preços reduzidos. Um 21.30 AS NOIVAS DA MORTE, c/ Stephen Forsyth, Dagmar Las-sander e Laura Betti. East-mancolor.

POLITEAMA

15.15, 18.15 e 21.45 h. (Grupo B-M-10 anos). Uma sensacional «Love Story» com Anne Lon-nberg e Yannis Voglis em «A Rapariga e o Grego» 4 grandes prémios.

VOX

11.00 (Tel. 720808) LOVE STORY 15.15 Ali MacGraw, Ryan O'Neal 18.30 Colorido. Ar condicionado. 21.45

CASINO ESTORIL

18.30 (Tel. 2646176). (Grupo D - M. 21.30 18 anos). MORAL PRIVADA c/ Philippe Leroy, Paolo Pi-lagora.

ROYAL

15.00 (Tel. 865037). (Grupo B - M. 21.00 10 anos) O ABUTRES TEM FOME e TOBRUK

IMPERIAL

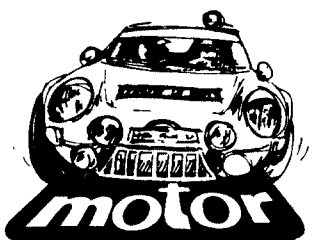
15.00 (Tel. 821933). (Grupo B - M. 21.00 anos). JANE EYRE e AS AVENTURAS DO SANTO

LYS

15.00 (Tel. 48560). Grupo D-M.-18 anos. UM CASTELO NA SUE-CIA. 21.00 SAIAS ACIMA.

CONDES

14.15 (Telefs. 322523-326710). (Grupo 18.30 A para todos. O SHOW DO 18.45 «Elvis». Show. Panavision Me-21.45 trocolor em 70 mm.



Outros Espectáculos

LISBOA/Teatros

VILLARET
21.00 «O aniversário da tartaruga»
23.00
MARIA VITORIA
20.45 «O Zé aperta o cinto».
23.00
A.B.C.
20.45 «Saídas da casca» (18 anos).
23.00
VARIEDADES
21.45 «Empresta-me o teu aparta-mento».
MONUMENTAL
21.45 «Uma cama para toda a gente (18 anos). «Saídas da Casca»
GIL VICENTE
22.00 «Ivone, princesa de Borgonha (17 anos).
CAPITÓLIO
21.45 «Querida mamã» (17 anos)
COLISEU
21.30 «Circo» (6 anos).

LISBOA/Cinemas

OLIMPIA
18.00 «Quando as pistolas deci-dem» (14 anos).
CINEARTE
18.00 «Aconteceu no Oeste» (18 anos)
JARDIM
21.00 «Kimberley Jim» (10 anos)
PARIS
21.00 «O Inimigo público» (10 anos).
CAPITÓLIO (Terraço)
21.00 «Bandidos em Milão» (17 anos)
PROMOTORA
21.30 «A guerra secreta» de Harry Frigg (10 anos).

LINHA DE CASCAIS

CARCAVELOS
Vitoria-Cine
21.30 «Waterloo» (17 anos).

OEIRAS

Oeiras-Cine
21.00 «Opequenobanhista» (10 anos).
PARADE
Royal-Cine
21.25 «Cara a cara» (10 anos).
ESTORIL
Casino
18.30 «Moralprivada» (18anos)
21.30
ESTORIL
Palácio
21.30 «Quem» (17 anos).
CASCAIS
S. José
21.30 «Diz-mequememas, Ju-nie Moon» (18 anos).

LINHA DE SINTRA

VENDA NOVA
Cine Portugal
21.15 «Ultimodomicílioconhecido» (14 anos).
AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 «GigantenoInferno» (10anos)
MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 «OmajorcircodoMundo» (10 anos).

SINTRA

Carlos Manuel
21.15 «Heróispontapropria» (18 anos).

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 «Ciume,ciumeseciumentos» (18 anos).

BARREIRO

Cine Barreirense
21.00 «Casamentoemnúpcias» (18 anos).

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 «Pimenta na língua» (18 anos)

PORTO/Cinemas

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA: Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (Tel. 638256); Tapada, Calçada da Tapada, 83-A (Tel. 634721).

ALCANTARA: Ester Nogueira, Rua de Alcântara, 5-A (Tel. 637563).

ALFAMA: Cruz de Malta, Largo do Chafariz de Dentro, 36 (Tel. 866126).

ALMIRANTE REIS: Lusa, Avenida Almirante de Dentro, 36 (Tel. 866126).

ALTO DE S. JOÃO: Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque, 7 (Tel. 843571).

AMOREIRAS: Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-D (Tel. 681515).

ALVALADE: Nova Iorque, Avenida Estados Unidos da América, 40-B (Tel. 760658); Libia, Avenida da Igreja, 4-B (Tel. 711681); Celta, Rua Moura Girão, 3-B (Tel. 710621); Maribel, Avenida de Roma 131-A (Tel. 776235).

ANJOS: Magalhães, Avenida Almirante Reis, 4-D (Tel. 49479).

ARCO DO CEGO: Providência, Rua D. Filipa de Vilhena 9-C (Tel. 770324).

AREIRO: Lusitânia, Avenida de Roma, 8-A (Tel. 725443); Chinda, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Tel. 710331).

AVENIDA DA LIBERDADE: Morais Sarmiento, Rua de Santa Marta, 15 (ao Tivoli) (Tel. 46490).

AVENIDAS NOVAS: Lugent, Avenida da República, 55 (Tel. 772132); Sá da Bandeira, Rua Marquês Sá da Bandeira, 42 (Tel. 54672).

BAIRRO ACTORES: Lara, Avenida Almirante Reis, 199-A (Tel. 41269).

BAIRRO ALTO: Andrade, Rua do Alecrim, 125 (Tels. 323446 e 370685).

BAIRRO DA ENCARNACÃO: Zita, Praça das Casas Novas lote 66 (Tel. 310172).

BAIRRO DA LIBERDADE: Zenal, rua A 182 (Tel. 651840).

BAIXA: Simões Pires, Rua da Prata, 115 (Tel. 623350).

BELÉM: Botânica, Rua do Junqueiro, 38 (Tel. 638132).

BENFICA: Macedo, Estrada do Poço do Chão, 69-C (Tel. 703697); Benfuz, Estrada de Benfica 444 (Tel. 782606).

CAMPOLIDE: Nova, Rua de Campolide, 297-C (Tel. 687475); Ronil, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (Tel. 683438).

CAMPO DE OURIQUE: Findor, Rua D. Maria Pia, 514 (Tel. 687949); Linaide, Rua Ferreira Borges, 30 (Tel. 680955).

CAMPO DE SANTANA: Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117 (Tel. 553308).

CASTELO: Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-A (Tel. 869831).

CHIADO: Andrade, Rua do Alecrim, 125 (Tel. 323446).

CONDE BARÃO: Marcos do Nascimento, Calçada do Marquês de Abrantes, 36-A (Tel. 664238).

ENTRECAMPOS:

Nova Iorque, Avenida dos Estados Unidos da América, 140-B (Tel. 760658).

ESTEFÂNIA: Fonseca, Largo de D. Estefânia, 4 (Tel. 54808); Romão Baptista, Rua Passos d'Assuel, 6-10 (Tel. 50593).

ESTRADA DA DAMAIA: Progresso, Estrada A-da-Maia, 64-C (Tel. 660955).

ESTRELA: Linaide, Rua Ferreira Borges, 30 (Tel. 660955).

GRAÇA: Almeida Dias, Largo da Graça, 38-A (Tel. 862909); Higienica, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (Tel. 844361).

GRILLO: Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (Tel. 382470).

JUNQUEIRA: Botânica, Rua do Junqueiro, 38 (Tel. 638132).

LAPA: Alb. Rua de Santana, 156 (Tel. 663562); Moderna, Rua Garcia da Orta 24 (Tel. 663117).

LUMIAR: Paluêia, Rua do Lumiar, 120, (Tel. 780332); Dourado, Avenida das Linhas de Torres, 93-A (Tel. 791131).

MADRE DE DEUS: Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (Tel. 382470).

MOURARIA: Ferrão, Rua da Mouraria, 12 (Tel. 860464).

OLIVEIRA: Simão, Rua Cidade de Cabinda, 16-A (junto à piscina) (Tel. 310581).

PEDROUÇOS: Higilux, Rua de Pedrouços, 52 (Tel. 610280).

PENHA DE FRANÇA: Higienica, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (Tel. 844361); Zema, Rua General Justiniano Padrel, 21-A (à Calçada dos Barbadinhos) (Tel. 832580).

PICHELEIRA: Maruz, Calçada da Picheleira, 140-B (Tel. 720703-728395).

SANTA MARTA: Morais Sarmiento, Rua do Viriato, 29-A (Tels. 48966 e 553601).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA: Oliveira Viagas, Rua do Viriato, 29-A (Tels. 48966553601).

SETE RIOS: Canto, 202-B (Tel. 780841); Estrada das Laranjeiras, 202-B (Tel. 78084).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS: Combatentes, Av. Com. G. Guerra, 66 (Tel. 213953).

CAXIAS: Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).

PAÇO DE ARCOS: Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039).

OEIRAS: Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090).

PAREDE: Grincho, Av. da República, 87 (Tel. 2471204).

ESTORIL: Marques dos Santos, R. Ferreira, 15 (Tel. 260116).

CASCAIS: Marginal, Av. Marginal (Tel. 280078); A. Costa, R. Freitas Reis, 24 - c (Tel. 280214).

S. PEDRO DO ESTORIL: S. Pedro, (Tel. 263052).

LINHA DE SINTRA

AMADORA: Dias, Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (Tel. 934589); Campos, R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072); Clabell, R. António Sardinha, 23 - D. (Tel. 938551).

DAMAIA: Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9 (Tel. 970523).

QUELUZ: Zeller, R. da República, 83 (Tel. 950045); Correia, L. do Mercado, 3 (Tel. 950906).

CACÉM: Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181).

MEM MARTINS: Química, Est. Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA: Valentim, (Tel. 980456).

SINTRA: Misericórdia, L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391).

COLARES: Colares, Abreja (Tel. 299088).

OUTRA BANDA

ALCOCHETE: Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100).

ALHOS VERDES: Guzmão, R. Cândido dos Reis, 30, (Tel. 224020).

ALMADA: Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (Tel. 270504).

BAIXA DA BANHEIRA: Aliança, Est. Nacional, 174 (Tel. 224302).

BARREIRO: Santa Marta, R. do Lavradio, 77 - A (Tel. 2272141).

COVA DA PIEDADE: Império, R. Cabo da Boa Esperança, 31 - A (Tel. 274358).

MOITA: Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029).

MONTIJO: Higienica, R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 230370).

SESIMBRA: Leão, Av. Salazar (Tel. 229471).

SETÚBAL: Rosado Pinto, R. Frei Agostinho da Cruz (Tel. 22408); Nova, R. General Gomes Freire (Tel. 22052).

SEIXAL: Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

PORTO

Antero de Quental, Rua Antero de Quental, 520; Azevedo, Rua do Meiral, 503; Constituição, Rua da Constituição, 93; Correia de Araújo, Rua de Santa Catarina, 259; Cruz, Rua Costa Cabral, 1082; Guarani, Rua Pedro Hispano, 367; Herculano, Rua Alex. Herculano, 384; Liga Ass. Soc. Mútuas, Rua do Bonjardim, 286; Magalhães, Rua de Serralves, 566; Nova de Monsanto, Rua de Monsanto, 148; Ribeiro Junior, Sucr., Rua Firmeza, 99-A; Sampaio, Rua de Cedofeita, 636; Sanil, Rua do Paraíso, 214; Vitália, Praça da Liberdade, 34-37; Gondarém, Rua de Gondarém, 60-Foz.

COIMBRA

Machado, Rua Bernardo de Albuquerque (Tel. 23767); Sitália, Largo da Sé Velha, 13 - 14 (Tel. 23234); Luciano & Matos, Rua da Sofia, 7 (Tel. 22147).

televisão

HOJE

1.º Programa (22.30)
Série de aventuras
OS PERSUASSORES
Com Tony Kurtis
e Roger Moore nos principais intérpretes

2.º Programa (22.00)
TEATRO LÍRICO

SIEMENS ESTORIL electronic

HOJE

1.º Programa
12.45 Abertura e Dia do Senhor
13.00 Missa de Domingo
13.45 Telejornal - 1.ª edição
14.00 «Robim dos Bosques»
14.25 Hoje pode ver...
14.40 Nos bastidores da aventura.
15.00 Tarde de cinema
16.30 Disneylandia
17.10 Expedição
17.40 Domingo Desportivo 1.ª edição
18.00 Homens e aviões
18.30 TV Rural
19.00 Série comédia «Olho Vivo»
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.45 Pop 25
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Série de aventuras «Os Persuasores»
23.00 Fados Com a participação de Carlos Barra. Realização de Henrique Pavão
23.20 Domingo desportivo 2.ª edição
23.40 Marcha do mundo
23.50 meditação e fecho.

2.º Programa
20.30 Abertura
20.31 Dó, Lá, Si
21.00 Série filmada
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Teatro Lírico
23.30 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período
12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino Singular
13.15 Filme de série «Arnie»
13.45 Telejornal - 1.ª edição
14.00 Um dia com...
14.25 Logo á noite

2.º Período
14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.25 Filme Infantil «Os Poucetofes»
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.45 Nos bastidores da aventura
20.00 Povo que canta
20.30 Portugal além da Europa
21.00 Série de Aventuras «Nanou»
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Canal 13
23.30 Marcha do Mundo
23.40 Meditação e fecho

2.º Programa
20.30 Abertura e um Dia com...
21.00 Filme de série «Arnie»
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 As grandes batalhas
23.30 Fecho.

mais musica
mais luz
mais movimento

TUDOR

urgência

Emergência	115	Judiciaria	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C. V. P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C. R. G. E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P. S. P.	36 6141	Comboios	32 6226

HOJE

09.00
Em Portugal Continental o céu estava em geral muito nublado e o vento era fraco. Clima em alguns locais do Nordeste havia neblina ou nevoeiro em alguns locais do Centro.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	15.º
PENHAS DOUR.	11.º
COIMBRA	18.º
LISBOA	18.º
PORTALEGRE	13.º
FARO	12.º
FUNCHAL	25.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Não houve temperaturas máximas.

Temperaturas no Estoril

Água do mar 17.º
Atmosfera 18.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
3.08	8.28
15.18	20.46
Dia 18	
3.42	9.01
15.58	21.14
Dia 19	
4.09	9.26
16.27	21.41

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente nublado; vento fraco; períodos de chuva ou aguaceiros em especial nas regiões a Norte do sistema montanhoso Montejunto-Estrela. Condições favoráveis à ocorrência de neblina ou nevoeiro matinal.

AMANHÃ

Nascer às 7.48
Ocaso às 18.54

Dia 19	Dia 27	Dia 2	Dia 9

19.04 Vértice
20.00 Nota de abertura e noticiário: (continuação)
21.00 Noticiário
21.02 Boa noite em FM
22.00 Noticiário
22.02 Programa à Gô-Gô
00.02 Em órbita-dois
01.00 Banda Sonora
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

Emissor de Miramar
14.55 Tarde desportiva
17.02 Auto rádio
17.45 Orquestras e canções
18.01 Música e desporto
18.30 Som-Actualidade
19.03 Conjunto
19.15 Campeão Português
19.30 Boletim desportivo
20.10 Norte dia a dia
21.00 Noticiário
21.04 Viagens na nossa terra
21.30 A voz da esperança
22.03 Seleção de ritmos
22.15 Hora do templo
22.30 Variedades
23.04 Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA

14.30 Onda desportiva
17.00 Música ao volante
17.45 Melodias na tarde
18.05 Programa Meada
18.30 Terço e missa vespertina da Basílica dos Mártires
20.00 Música para o seu jantar
20.58 Meditando
21.00 Suplemento especial
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Desfile de sucessos musicais

AGENTE-TÉCNICO DE ELECTRICIDADE E MÁQUINAS

Experiente, dinâmico, com qualidades de chefia para dirigir departamento fabril e motores de grande Empresa da Província de Moçambique. Carta com todas as indicações, idade, experiência passada, possíveis conhecimentos de inglês e tudo o mais que possa interessar, a este jornal, ao n.º 912.

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º, 2.º, 4.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA, TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

V. DE SETUBAL,5 - BOAVISTA,1

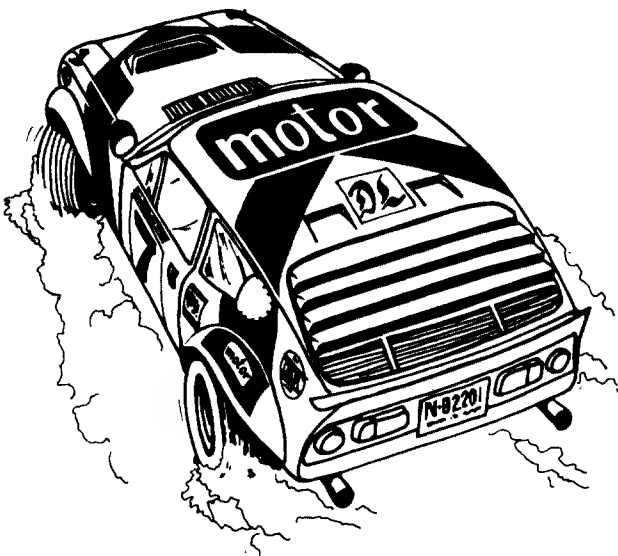
A pensar numa longa viagem uma vitória demasiado fácil

Ontem à noite aqueles noventa minutos de futebol no Bonfim foram... laranja doce. Laranja da boa e em quantidade - cinco com a marca de Setúbal e uma, um pouco mais amarga, vinda lá do Norte. Mas a verdade é que nem foi preciso forças para o resultado atingir tal volume. Calmamente, sem pressa, com a certeza das coisas inevitáveis, os setubalenses puseram a máquinas a funcionar mas só carregaram no botão aos 25 minutos. Aí, o pequeno Octávio deu o mote, marcando o primeiro dos cinco golos com um potente e belo remate. Tomaram-lhe o gosto os homens da casa - e vai daí, assim no jeito de rajada, carregaram no botão mais duas vezes. Clara - a máquina verde branca às listas verticais, numa folha quando o botão é pressionado. E foi o que aconteceu: aos 37 e aos 40 minutos Guerreiro e Jacinto João

elevaram a contagem para 3-0. Chegou o intervalo. Retemperar as forças, sadinas e axadrezadas voltaram para medir forças. E apesar do pensamento voar para longe, para junto das terras frias e vermelhas do Kremlin, o chamado bom-gigante, Torres II, faz o gosto ao pé e à cabeça: transformou um penalty aos 65 minutos e fechou a contagem dez minutos depois emendando, lá no alto um centro de Guerreiro.

E a história ficaria por aqui - mas os visitantes, através de um negro gingão e todo cheio de futebol (Jorge Félix), quiseram conhecer também o sabor da bola a beijar as redes. Quiseram e conseguiram-no, exactamente aos 77 minutos de jogo. E a partir de então, sim, foi mesmo o começo do fim.

E como ensaio para a partida de Moscovo não foi mau...



Parabéns a você! clientes da CASA DA SORTE

Anteontem, dia em que a Casa da Sorte celebrou o 38.º Aniversário da sua fundação em Braga, foram distribuídos a Clientes seus, da Metrópole, das Ilhas Adjacentes e do Ultramar, os 8000 contos do 1.º Prémio (Sorte Grande) e os 1000 contos do 2.º Prémio da última extracção. Com mais esses 9 milhões, o valor dos prémios grandes vendidos este ano pela Casa da Sorte, aos seus balcões, ultrapassou já os 100 milhões, atingindo, precisamente, 107 780 contos.

Parabéns, pois, a Vocês - felizes Clientes da Casa da Sorte!



lazole não pode brilhar - e a foto mostra porquê. Sempre marcado em cima, ele não podia fugir: e neste caso Araújo e Belo são o exemplo

Um suspiro de alívio em Alvalade...

Continuação da pág. 1

tou exactamente durante 69 minutos. Até aí, eles arrelhiaram os «leões», não lhes dando uma nesga ou uma hipótese de entrar no seu santuário. Claro que estando a contar com Melo, afinal um dos onze elementos vindos de Coimbra que, os companheiros eram ultrapassados, (e poucas vezes isso aconteceu) estava lá para o que desse e viesse. Sessenta e nove minutos durou a resistência académica, por mérito próprio e por incapacidade adversária. Mas nesse minuto o empate desejado foi por água abaixo irremediavelmente. A jogada, aparentemente inofensiva, começou no meio campo: Mário Campos deixou-se antecipar por Hilário, esse correu pela lateral esquerda, centrou, a bola veio para Lourenço este esgueirou-se a Brasjemes e, centrando para a parte central da área, aí apareceu Nelson a empurrar o esférico para junto das malhas.

A partir de então as coisas modificaram-se um pouco. O sportin que até aí tinha dominado abertamente mas dum modo demasiado improficuo, passou a ser «incomodado» pelas tentativas dos estudantes que traziam uma ideia fixa: o empate em Alvalade. E, a verdade é que a surpresa ia acontecendo: faltavam três minutos para o encontro terminar quando Mário Campos,

na direita centrou largo para Serafim, lá no outro extremo; esse rematou e, apanhados desprevenidos, os defesas sportinguistas deitaram as mãos à cabeça e respiraram fundo, quando, de olhar espantado, viram a bola bater estrondosamente no poste esquerdo da baliza de Damas, saindo depois pela linha final.

O suspiro de alívio que se ouviu em todo o estádio foi significativo - aqueles 50.000 expectadores que encheram as bancadas, vieram mais satisfeitos porque, afinal de contas, os dois pontos tinham sido arrecadados.

...Mas custou muito, lá isso custou!

Individualmente ainda temos algumas considerações a fazer.

No Sporting, DAMAS nem sempre esteve bem no pouco trabalho a que foi chamado; JOSÉ CARLOS fez uma reaparição à altura do seu prestígio, enquanto que Hilário várias vezes em dificuldade perante Mário Campos, acabou por ter uma exibição positiva com o mérito de ter saído dos seus pés a jogada do único golo da partida.

Do meio-campo para a frente tudo foi confuso - e apenas é de realçar a maior vivacidade que CHICO veio dar ao ataque sportinguista no início do 2.º tempo.

A Académica, por seu turno, esteve quase sem-

pre muito bem...a defender. Bem fechada sobre o seu meio-campo, com Manuel António muito sózinho cá na frente, os estudantes quase levavam a água ao seu moinho.

MELO esteve francamente bem, como de resto toda a defesa - embora BELO, que apareceu depois do intervalo, tenha acabado por ser o melhor do quarteto defensivo.

Gervásio, Mário Campos e Vitor Campos foram magníficos, desdbrandando-se continuamente e retendo o esférico quando era necessário. Serafim esteve um pouco discreto, enquanto Manuel António mesmo sózinho conseguiu criar

alguns problemas aos adversários.

Arbitrado (mal) pelo sr. Sebastião Pássaro, de Setúbal, as equipas alinharam:

SPORTING: Damas; Laranjeira, Caló, José Carlos e Hilário; Peres, Gonçalves e Nelson; Lourenço, Yazalde e Dinis.

ACADÉMICA: Melo; Brasjemes; Alinho, Simões e Araújo; Mário Campos, Gervásio, Vitor Campos e Vala; Manuel António e Serafim.

No 2.º tempo Chico e Tomé jogaram em vez de Gonçalves e Peres, no Sporting; na Académica Belo e Raul Águas substituíram Simões e Vala, respectivamente.

RIBEIRO CARDOSO



Nem a formatura em Medicina impediu Vitor Campos de jogar em Alvalade - ei-lo abraçado a José Carlos, antes do encontro principiar

SUPLEMENTO LITERÁRIO

ARTES VISUAIS

**Programas
das Galerias
de Arte**

PÁG. OITO

INQUÉRITO

RESPOSTAS DE:

E. M. DE MELO
E CASTROe
LUÍS DE MIRANDA
ROCHA

Páginas Centrais

O PAVILHÃO

• Fragmentos

Por EDUARDO GUERRA
CARNEIRO

[Muitos dias passaram (ou não passaram?) e nós por aqui andamos com gestos anónimos, tão vagos para serem nossos. Acorde, Seguremos um pouco de espaço azul, vidro, onde existem estrelas, sol, os ramos mais altos das árvores. Não ouves o vento? Eu sei, eu sei: o vento, as casas destruídas, um ou outro animal deslumbrado por um relâmpago, crianças mortas, louça em pedaços, um muro esborado. Mas ouve o vento que nos fala do silêncio quando se soltam lâminas, gemidos, camas num vaivém, por vezes tão ridículo, quebrando-se o vento na janela. Ouve o vento que eu apago o rádio. Olha como ele pede nítidas mortes. E a tua boca e a minha boca já estão vazias. Quase madeira seca, rugosa, com veios mais claros. Passaram ou não muitos dias?] [antes] Um corte de cabelo perto do S. Carlos. O corte horrível, o barbeiro gordo e vermelhusco. Os velinhos da barbearia, a lembrança da infância numa altura em que rapei o cabelo à escovinha para agradar à Inês.



[depois] Um pavilhão com rés-do-chão e primeiro andar. Isolado. Circundado por um terreno vago, atrás, e um minúsculo jardim, à frente. E os altos muros com as sentinelas. Tudo Pintado de amarelo.

Lisboa-2 toca ali ao lado qualquer coisa em piano (esta minha cultura musical!). Acabei de ler o jornal e nele, no suplemento, uma prosa do J. R. M., saborosa, evocativa do final do século mas demasiadamente marcada pelo tempo. Um ligeiro odor a bafio. A velhice. Não pela época mas pelo estilo arredondado, um pouco balofo, lisboeta de quarenta e tal, altura em que na segunda classe em Campo de Ourique andava. A pequena burguesia é ao que cheira. E um cheiro perfeitamente definível: plásticos, chita, petróleo, brilhantina, cera, sabonetes de limão. A pequena burguesia de famílias com ar solene a encapotarem-se sob uma pseudo-aristocracia de senhores doutores, com o casarão poeirento, os longos corredores, o quarto escuro das criadas, imensas salas vazias, xaiões,

rendas, bordados, óleos, antigos proprietários falidos, a própria casa hipotecada. Daí lembrar inevitavelmente a fantástica avó a tocar piano («O circo desceu à cidade / numa tarde de muito calor / E com ele vinha também / o rapaz do tropéio voador»), atenta aos noticiários, devoradora de jornais e revistas, uma maravilha de pessoa como o velho tio-avô, surdo, o que me ensinava as sombras chinesas e me lia as notícias da guerra (as longas marchas de Mao, as cidades libertadas, os mapas às cores de «O Primeiro de Janeiro»), empregado numa estranha cooperativa, sempre pronto para uma lambarice ou um copo de jeropiga. Morreu namorava eu a Elisa. Não fui capaz de ir ao enterro e, nessa tarde, lembra-me tão bem! chorei a sua morte, a rapariguinha talvez espantada, sem nada perceber daquela ternura, desajeitada, sentados ambos debaixo da grande árvore ao fundo do jardim da carreira e, ao longe, a desolada paisagem transmontana.

[De que maneira falar? Alguns falam com comedidas palavras doridaamente presas na gramática de um vago sentimento, frio espaço interior que assim os cansa, outros cansa e a eles gasta pois o ódio que recalcam e não explode os vai roendo por dentro e fora, o que se vê sem custo na curva dos lábios, nas palavras azedas, na incerteza dos gestos, no não saberem mesmo o que é o sol, o solo que os rodeia. Esses falam mas falham. De que maneira falar?]

[agora] Chove. Em frente: os redondos outeiros de Lisboa. Amarelos e verde-escuro. A água cai no Tejo e batem as águas do Tejo contra a alta muralha a envolver o pavilhão. As guaritas nos muros. À noite: alerta, alerta-está.

Escrever é uma dura aprendizagem. Apenas em 63, naquele quarto enorme e vazio de Santo Ildefonso, escrevi durante alguns dias um roteiro, um diário de bordo, atormentado com a procura de emprego, elevadores a subir e descer, porteiros enfadados, volte para a semana, espere que a gente lhe escreva, os amigos (ah! ah!), a falta de dinheiro, a fome, os livros a escoarem-se ao desbarato para os alfarrabistas. Depois passei tudo para um caderno preto, Junho de 67, Oliveira de Azeméis, passados que foram três meses no hospital a ver se me safava.

Não. Desesperado não estou. Apenas sob uma tensão muito especial. Que sairá? Apenas um vômito? Ou uma

verdadeira explosão? A vida vida? Total como a desejava aos dezoito anos? A construção de uma nova vida passa pela destruição dos complexos, pela tomada do poder aos velhos mitos que serão substituídos por muita alegria. Não pode haver meias-tintas. Nem banho-maria. As coisas andam mesmo ligadas umas às outras (já foi dito).

[E há o sol, o calor, as praias, as cervejas, o cinema, as conversas vagarosas, o lento passar das horas, os encontros, as cartas, o telefone, a urgência, o amor, as viagens. Holanda?]

Um grande petroleiro atravessa-se na janela. Castanho e azul, solene, ocupando parte da paisagem restrita. Vem sereno. Mas sempre a avançar. Lisboa-2 acompanhada com cantatas. Nunca poderei esquecer o sabor kafkiano das secretarias, o esvoaçar das moscas, o matraquear das máquinas, os calendários com pin-ups, um cheiro profundo e a suor, a papelada inútil, muitas das vezes amontoada aos cantos, a esmo, bolorenta, as manhosas praças, os graduados gabarolas, fingindo grandes conhecimentos de tudo.

[Poderia dizer-te que ainda há espaços a ocupar, zonas onde não penetrou o fogo de um ser em movimento, viagens interiores que ninguém fez, ruas

Continua na pag. dois

PONTOS DE REFERÊNCIA

Por FERNANDO LUSO
SOARES

A estrutura e a forma da Obra Literária

Vamos tomar, para primeiro ponto de referência, uma afirmação com que deparo a pág. 339 de *Ficção e Espírito*, o novo livro de António Quadros. Noutro local já fiz os comentários genéricos que me mereceu esta volumosa obra, toda informada por um espírito de fantasia (aliás brilhante em muitos passos) a que alguns obstinados dão foros de «pensamento filosófico português». Mas o que agora ponho em causa é na verdade, e só, a tal afirmação. E, se acaso não lhe trunco o sentido com a recolha da parte que simplesmente nos interessa neste momento, eis o significado que ela nos transmite: «...a organização estrutural da obra (...) não será o seu ser, mas a forma...»

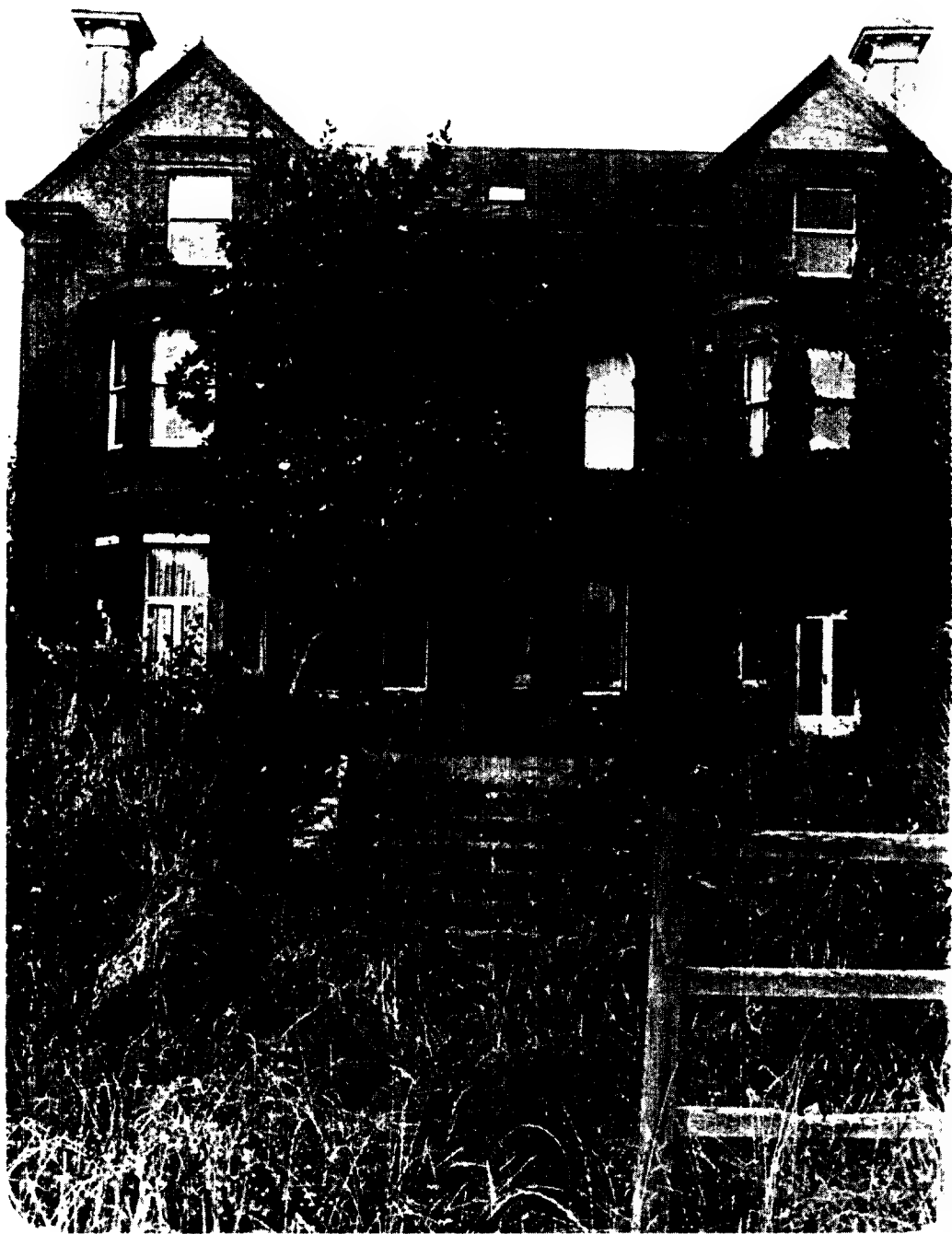
É curioso verificar que, não

obstante reconhecer António Quadros o ser-lhe difícil seguir em disciplina as vias mais rigorosas da análise estrutural, todavia com ela se preocupa, como acontece explicitamente neste n.º 7 do 2.º capítulo («A Literatura Fantástica do Ocidente») da 4.ª parte do seu livro, intitulada «Cisão e Transcendência». O facto constitui, aliás, um exemplo mais de uma verdade que não seria necessário vincar e revincar, senão persistisse ainda a comodidade de certos teimosos: que o termo «estrutura» está hoje inextricavelmente ligado à reflexão crítica autêntica, que por isso mesmo deseja passar além das considerações gratuitas em que o puro bom (ou mau) gosto dos velhos aristarcos se compraz.

Sem dúvida, toda a questão do estruturalismo se coloca mais em termos de «problemática» do que em moldes de «definição». Seja como for, porém, e precisamente até por isso, importa não deixar em branco e trazer à discussão aquele fragmento de período que transcrevemos da *Ficção e Espírito*. Pois será exacta a ideia de que a «organização estrutural» equivale, tão categoricamente, à «forma»?

A obra de arte, toda a gente sabe, compõe-se materialmente de signos que entram em combinação. Estes, no livro, são as palavras escritas, como é evidente. E há quem se feche sobre tais elementos. Em Barthes, por exemplo, faz-se sentir mais determinadamente a influência

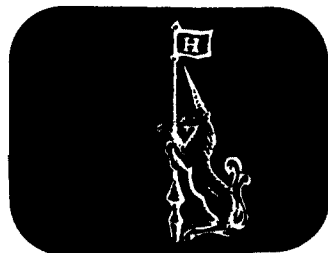
Continua na pag. tres



Folhetim-artístico

de José-Augusto França

A bienal diferente de Paris



A Bienal de Paris nasceu em 1959 com uma definição especial: a de acolher somente artistas de menos de 35 anos, isto é, «jovens artistas», admitindo que idade civil e juventude se identificam — o que é discutível mas não ao ponto de recusar a convenção inicial.

A definição de idade foi, porém, a única originalidade do sistema parisiense que, no mais, seguia o sistema proposto ao fim do século XIX pela Bienal de Veneza e adoptado também, oito anos atrás, pela de São Paulo. Quer dizer: a Bienal de Paris continuava sujeita aos envios nacionais e às nacionais representações à feira de seções geopolíticas, cada qual com suas bandeiras, numa concorrência de feira de amostras, tal e qual como nos certames comerciais. Assim continuava a fazer a bienal parisiense e assim fez desta vez ainda. Mas agora não se dá por isso.

Quer dizer, a evolução interna das artes visuais destruiu o

sistema da amostragem, provando o que há muito se sabia: que não há mais selecções nacionais possíveis nestas coisas da Cultura.

A 7.ª Bienal de Paris apresenta-se, portanto, em 1971, como uma bienal nova, em nova pele. Envios nacionais: ainda, mas dentro duma tal liberdade de função, e, só pelo catálogo se sabe como elas são constituídas. Coisa que não vale, aliás a pena saber...

Nem países de origem, nem, na realidade duma criação generalizada, nomes de autores. Eles estão lá (e nem sempre) mas não se dá por eles — a não ser no catálogo que tenho aqui ao lado e não folheio. Nele não tomei notas, mas num papel à parte; justamente o verso duma folha onde um grupo de expositores (quem, donde?) metamorfosia em quatro tempos, a «Guernica» de Picasso numa composição de carneiros realistamente tratados — diferença entre 1937 e 1971...

O maior interesse da Bienal parisiense reside numa generalização criativa de que resulta um espectáculo integrado e total.

E espectáculo é a palavra que mais convém — porque aqui e ali, o vasto changar do Paz Floral de Vincennes onde a manifestação encontrou lugar apropriado, surgem «happenings», exhibições de mimos, de dansarinos,

intervencões insolitas que atraem o público, o levam de um lugar para o outro, o fascinam.

...Como este casal (inglês, holandês?) que impertubavelmente durante horas, manipula fitas de adesivo e esmaga pêssegos numa continuidade de gestos silenciosos e preciosos, ou como este mimo de máscara lívida que circula entre os visitantes como um bicho curioso e angustiado — incómodo, mil vezes incómodo...

Nenhuma, pouca novidade — na «conceptual art» na «mail art», no «hiperealismo», no «sensorialismo» na «arte pobre» que em várias exposições se mostraram, individual ou colectivamente, na Europa ou na América. Mas o que conta aqui é a força dum conjunto que é de outro mundo, dum mundo outro em que a arte de modo diferente tem de funcionar.

As enormes fotos eróticas de 4 metros por sete ou oito; os na, o porto de Nova Iorque e cumentos duma intervenção já antiga, em 1968, na Bienal de Veneza, quando Uriburu (um nome citável por excepção — ao qual, aliás, o dito autor liga grande importância...) tingiu de verde as águas do canal grande projectando agora colorir o Sena, o porto de New Iorque e os canais de Amesterdão, além

de não sei que cataratas da sua Argentina natal; estes postais anónimos e inúteis que a «mail art» pretende fazer circular pelo mundo, numa comunicação que tira do seu absurdo o próprio valor significante; a capela-requiem (barroca) pelo último artista falecido (assina-a, convictamente o brasileiro de Paris José Tarcísio); a prisão ensanguentada que noutro ponto se ergue, de madeira e ferros, com gritos de «Flenteria» e de «Bondeia», vindos dum povo anonimamente sacrificado; os cumentado 49 minutos de pôr e 40 minutos de nascer do sol, algures, na imensidão do Canadá; estes troncos de árvore mal entalhados desenhando uma grande estrela no chão; uma camofagem de folhas estendida entre as árvores do parque; estes falsos hindus voejando veus de seda colorida, ao vento do Outono... Tudo se contradiz e reúne numa gigantesca feira onde os quadros ou as esculturas recebidas ficam encolhidos pelos cantos, desculpando-se de ter por inciência, entrado num campo que não é (que já não é, ou que aleatória ou ocasionalmente não é) o seu...

Bienal sem programa e sem prospecção, ou apenas empiricamente prospectada, a 7.ª Bienal de Paris é uma não Bienal, uma negação de maus hábitos — antes de poder ser (e esse é o problema de todas as bienais hoje em dia) um instrumento reflectido: O que não impede (antes pelo contrário) de ser um notável instrumento de reflexão.



O PAVILHÃO — Fragmentos

Continuação da primeira página

e ruas abertas. Mas falo em meu nome. Afinal acabo sempre na primeira pessoa (será de mim que apenas digo?). Poderia também divagar sobre essa cidade onde nada se passa, onde nunca se passa nada. Mas será também isto verdade? E a estátua sobre um muro arruinado, um barco enorme com uma bandeira de um país distante, os soldados estendidos ao sol, a rapariga espantada, a história fabulosa que devia existir entre o inglês bêbado e a cantora do dancing, duas crianças a espreitarem o velho que urinava, as carrinhas com os caixões, eu aqui metido, tu?]

Hoje escrevi-me o V. S. T. A falar no velho sábio Thoreau Coisas... Estou agora na sala grande do pavilhão. Um mar brilhante que sei lá, os passageiros no pontão, os últimos pedaços de sol, o bater destas estranhas janelas, as perspectivas dos altos muros, uma sentinela fora do lugar, os reflexos nos vidros do bar onde nunca entrei. Recordo uma ida Tomar-Coimbra em boleias várias

e de súbito a noite a cair, nada de carros, sózinho em Penela, quilómetros na noite, o encontro com H., um quarto da avenida Sá da Bandeira, as tardes de domingo, a ravina, as noites de paz a ouvir Jazz, Brel, cantos gregorianos e, sem mais nem quê, um mês como agora. As razões eram outras (ou as mesmas?).

Dez de uma noite azul como um blaser. O rádio a bichanar Pop. E vem-me a lembrança de uns longínquos scopitones com a Sylvie Vartan, encantados Madeira e Zé Emílio, os bares de Matosinhos, o Estorco, as noites brancas do Poãrto, o regresso do J. C. de Paris, uma longa conversata no terço do meu sexto andar, o relato de Pierrot le fou, os dilemas, as teias de um destino em minúsculas (malhas que o império tece). Lá fora sorrisos, as pessoas a tomarem o barco (não as vejo, apenas ouço o barulho que fazem), um apito, os gritos das sentinelas.

Meia-noite. Dois de Surmontil no papo. De súbito, a rádio anuncia secamente: morreu Al-

mada Negreiros. E senti (sem literatura) um baque. Um calafrio. Terror? Lembra-me a sensação que tive quando da morte do tio-avô. Quase o mesmo. Isso: calafrio. Grande como o que Almada esticava assinar.

[O velhote confessou-me que já esteve dentro em S. Julião da Barra. As águas fazem terrechape na muralha. A leitura de Pavese deprime-me. Recordações dolorosas. Identificação. Mas, no terreiro, mais tarde uma joaninha passou-me no braço e restituiu-me toda a paz necessária. Um bicho vermelho às pintas pretas, pequenito, nervoso, a correr, a fugir-me nas costas das mãos, a voar, a voar. Joaninha! joaninha-meu-amor!]

[Com tudo isto desenhei nos lábios um primeiro sorriso, inicii a viagem-de-ida-e-volta no carrocel sem girafas deste quarto, tirei o verdete dos dedos enferrujados, dizem que parecidos com tocos de madeira velha, encardida. E de novo olho o calendário na parede do pavilhão. O mapa.]



diário de um volkswagen

OUTUBRO

17
DOMINGO

21898 kms

Parece que estava a adivinhar!

Raio do moço fez-me sofrer de novo o Caldeirão e afinal para nada: a turista tinha-se ido embora!

Como vinha nervoso, no regresso, "encontrou" uma árvore no caminho... mesmo assim, cheio de dores num dos guarda-lamas da frente, lá o trouxe até Lisboa.

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L.
avenida da liberdade, 12 — tels. 366751/7 — 370171/5 — lisboa
FILIAIS E AGENTES EM TODO O PAÍS

PONTOS DE REFERENCIA

Continuação da pág. um

da gramática. Ele pretende reduzir a obra às meras estruturas linguísticas, fechadas sobre si próprias, considerando precisamente a literatura — como faz nos *Essais Critiques* — um dos sistemas de natureza homeostática.

Convenhamos, porém, que não se cria ou instaura uma «forma» tal como se organiza e monta um computador electrónico. O escopo daquela não é, ao contrário do que se verifica com os computadores, tornar possível a repetição de um certo e determinado ciclo de associação de fenómenos. Muito diferentemente, o objectivo da forma — se assim nos é permitido dizer — está no facto de ela possibilitar a elaboração, a partir de um signo sintético, de séries e séries de «interpretações» novas e até divergentes. O computador reconduz sempre os dados a uma resposta certa, enquanto a forma explode em múltiplas réplicas.

Com isto quero dizer, ao que me parece, o oposto da ideia (a meu ver, salvo o devido respeito, errada) de António Quadros. Considerar a «organização estrutural» não é considerar elementarmente a «forma». É antes ter em atenção as relações dinâmicas que existem entre as partes, entre estas e o todo, e entre o todo e outras totalidades em marcha. Na teoria de António Quadros confunde-se o conjunto dos signos, como forma invariável do texto, com a estrutura, ou organização estrutural da obra, que é (em mito) um instante parado, já que constitui antes o momento de muitos outros momentos. A «forma» limita-se ao desenho, à aparência sensível, sem se tomar em conta a localização múltipla a que nos remete. Ora, o interesse das investigações sobre a estruturação das obras de arte consiste na possibilidade de se adicionar ao reconhecimento do papel da forma (que é expressão inerte) a análise das relações (em variância) internas do objecto, e externas a outros objectos. Estou a pensar, por exemplo, na síntese que Serge Doubrovsky enuncia das interpretações estruturais a vários níveis, no seu conhecidíssimo livro *Pourquoi la Nouvelle Critique*.

Como, porém, António Quadros confessa que lhe é difícil «seguir disciplinarmente as vias mais ortodoxas ou mais rigorosas da análise estrutural», permitia-me (e ele que me desculpe) chamar-lhe a atenção para estes dados. Por um lado o facto de termos, fundamentalmente, de distinguir três *estruturalismos* (segundo a partição proposta por Jean Viet, em *Les Méthodes Structuralistes dans les Sciences Sociales*): o *fenomenológico* (Merleau-Ponty, por exemplo, com a predominância do significado), o *genético* (Goldmann e a predominância da dialéctica) e o *dos modelos* (Lévi-Strauss, Lacan, Barthes, Foucault, etc., evidentemente na predominância do «modelo»). Mas, como Eduardo Prado Coelho reconheceu na sua «Introdução a um Pensamento Cruel» — e eu julgo ser correcto — os dois primeiros podem reduzir-se a um só, o *estruturalismo fenomenológico-genético*, ficando este em franca diferenciação relativamente ao terceiro.

O grande motivo das divergências entre o grupo dos dois primeiros estruturalismos e o terceiro (o dos modelos) reside no modo como aqueles e este encararam as relações entre a «estrutura» e a «realidade». Quanto a mim — para abreviar este texto, que já vai mais longo do que o desejável — e porque me permito ter como certa a posição dos primeiros, a verdade está com Mauss, e com a sua ideia de uma tota-



lidade em marcha: as «formas estruturais» são um pretexto para iludir o problema real, que é a dinâmica imparável da *estruturação-destruturação-reestruturação*, momentos de uma revolução permanente nas coisas. A «forma literária»

(o texto, a escrita ou o que quer lhe chamemos) é só a fixação dos signos que pretendem representar este movimento. Mas não o paralizam, nem retratam uma das suas fases. Quando muito, eis-nos com um retrato de síntese, a sintaxe das transformações possíveis.

Concluindo, diremos que a «organização estrutural» não pode identificar-se com a «forma» — como quis equivocadamente António Quadros. Ela constitui, antes, um dos momentos de organização integrado na série das múltiplas organizações estruturais que se lhe referem. Tal, aliás, como a crítica literária de um livro, a qual não pertence directamente à sua forma, mas faz parte da estrutura do mesmo livro.

HENRICH BÖLL ESCRITOR DA RESTAURAÇÃO

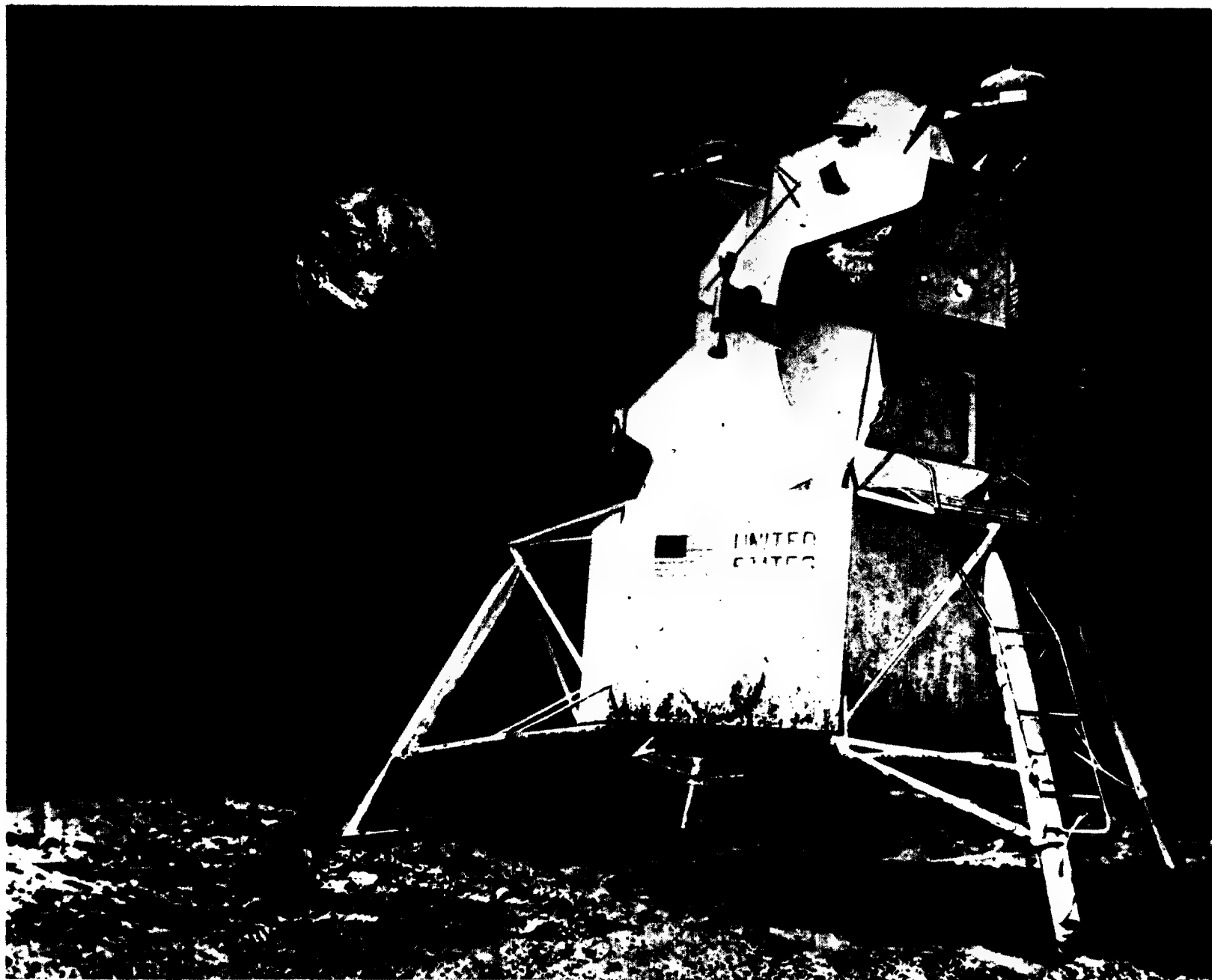
Na literatura alemã do pós-guerra a obra de Heinrich Böll continua a ser, talvez, a única cujas raízes mergulham ainda profundamente no passado, a única que continua, para lá do tempo, a responder ao grito desesperado de Wolfgang Borchert («Somos a geração sem vínculos nem profundidade. A nossa profundidade é abismo»), a tentar encontrar-lhe um eco contraditório. Porque nasceu toda ela da guerra, porque saiu dos campos de ruínas, porque foi construída a partir do nada, esta obra, já considerável, que valeu ao seu autor ser citado como laureado possível com o Prémio Nobel, e que o levou recentemente à presidência do Pen-Clube Internacional, é paradoxalmente, um acto de fé no Homem.

Se a palavra «compromisso»

tem ainda hoje uma significação, nesse caso Heinrich Böll é um escritor comprometido num combate difícil de travar, a partir do fim da II Guerra Mundial, para restituir ao homem uma imagem que reflecta a sua verdade, que o torne fraterno ao mesmo tempo que único, exigente, tirânico para consigo próprio, mas também apaziguado no mais secreto da sua consciência e a quem o quotidiano não chega a envilecer. Sob esta dimensão, a obra de Heinrich Böll, apesar das honrarias, dos prémios literários, dos êxitos, fez-se na solidão e contra todas as modas, todas as sujeições, todas as ideias preconcebidas. O católico Heinrich Böll não poupa as suas críticas à Igreja, ao seu formalismo, às suas instituições, ao seu papel

Continua na pag. seis

Aqui Av. Almirante Reis!...



O Homem conquistou a Lua, passeia pelos céus, prepara-se para atingir Marte, e Você ainda luta com o Diabo da falta de espaço no seu escritório.

Você, como nós, sabe que espaço é dinheiro.

Nós poupamos o seu espaço poupando o seu tempo e aumentando a sua rentabilidade.

Usando, sem empate de capital, uma única máquina, Você tem um sistema simultaneamente de cópia e duplicação, que cabe num espaço mínimo e simplifica a comunicação gráfica da sua empresa, provocando inevitável melhoramento na productividade do seu pessoal.

Consulte os nossos técnicos de análise — eles estudarão os circuitos internos da sua empresa, aconselhando-o sobre o melhor sistema a adoptar.

Consulte-nos. Temos uma máquina à medida das suas necessidades.

RANK XEROX

RANK XEROX • XEROX são marcas registadas da Rank Xerox Limited



A nova crítica em ques

As respostas de: E. M. DE MELO E CASTRO

1. — Para poder considerar que existe uma nova crítica em Portugal, teria de ter sinais inequívocos de renovação generalizada na criação literária propriamente dita. Renovação nas suas razões, nas suas bases, nos seus métodos, no seu raio de acção, nas suas intenções. Não creio que possa haver uma «nova crítica» sem uma nova literatura criadora. E esta não pode existir sem uma nova sociedade.

2. — Quanto a mim, nada distingue essencialmente a crítica feita agora por novos da crítica feita agora por velhos. Há apenas alguns métodos recém-importados, que os novos usam melhor ou pior, e uns métodos já em decomposição, que os velhos usam. Mas os homens críticos em si pouco mudaram, como quase nada mudou na sociedade portuguesa.

3. — As «rupturas simbólicas» são em si próprias, símbolos de permanência, de continuidade e de não ruptura, não são? Isto porque se houvesse de facto ruptura, não seria preciso recorrer à procura de uma indicação simbólica...

Críticamente poderíamos tratar dessa ruptura concreta, tanto no nível sociológico, como cultural, como especificamente literário.

4. — Pelo que já disse, não me parece que seja possível detectar uma ruptura concreta entre uma suposta «nova crítica» e uma «velha crítica», nem a polémica que entre elas se terá tentado estabelecer me parece mais que uma tragédia num copo de água. Creio que o problema se poderá talvez colocar de uma outra maneira, e perguntar: existe ou tem existido crítica literária em Portugal? Onde está aquilo a que neste inquérito se chama «velha crítica»? Onde estão as tentativas de uma evidente existência de uma atitude «nova» na crítica literária portuguesa?

Claro se torna que formular estas perguntas representa o seguinte:

a) Pôr em dúvida de que em Portugal tenha existido ou exista uma crítica velha, ou se quiserem, uma tradição crítica com autonomia e métodos próprios.

b) Dúvidar de que exista já, com autonomia, métodos e escalas de valores próprios, uma nova crítica portuguesa.

c) Dúvidar até de que a existência de uma nova crítica portuguesa seja presentemente possível.

Aquelas perguntas e estas dúvidas merecem pois ser elucidadas pormenorizadamente, pois elas se inscrevem nos modos de encarar o objecto de arte, e suas relações com o espaço em que se inscreve (como se diz no texto da pergunta).

Comecemos pela crítica velha, ou seja, pela existência inegável de João Gaspar Simões (todas as semanas em vários jornais, desde a década de 30).

Esta permanência do Sr. João Gaspar Simões parece-me mais significativa sob o ponto de vista sociocultural, que especificamente crítico. É que por um lado, todos sabemos já o que o Sr. Simões dirá sobre determinado livro, e por outro, essa permanência é perpétua causa de espanto e incentivo à curiosidade analítica.

Por isso é preciso fazer o elogio do Sr. J. G. Simões, pois me parece que ao longo

de tanto tempo, ele esteve sempre certo com o Portugal em que viveu e vive (ele). Isto porque ao longo de quase 40 anos de permanência, ele, crítico, não mudou. Usou sempre uma maneira de falar sobre os livros dos outros, a que se julgou próprio chamar «impressões», talvez unicamente porque nos escritos do Sr. J. G. Simões só se encontram as «impressões» desse senhor acerca dos livros de que se ocupa. Os livros, esses, estiveram quase sempre ausentes.

Isto pode ser muito interessante leitura de recreio, mas crítica não é, pois lhe falta a espinha dorsal de uma escala de valores racionais organizada, e não apenas emocionalmente justificável. Daqui deriva a permanência da convicção romântica da identidade entre obra e autor, e vice-versa, convicção esta que reputo ser a forma mais extremada e inequívoca do acriticismo — ou da não crítica.

Mas a força de tal convicção é tão grande que até as tentativas críticas de informação neo-realista e materialista lhe não souberam escapar, lançando-se invariavelmente no julgamento, condenação ou execução do Autor, quando a obra lhes não quadrava. Ou, por outro lado, servindo-se da obra para julgar sumariamente um autor que por razões não literárias lhes não quadrava.

Mas o caso dos críticos neo-realistas é bem mais grave (tão grave como o caso dos críticos de filiação católica tradicional), pois ambos exercem uma crítica a que chamam literária, partindo de premissas não literárias, ou melhor, ambos se servem da actividade criadora do Homem para justificar uma actividade doutrinária ou partidária, cujos objectivos não são os do livre exercício da capacidade inventiva e criadora.

É por razões deste teor que não houve nem há entre nós aquilo a que se possa chamar de «velha crítica».

Muito pelo contrário, entre nós chamou-se sempre crítica literária a uma função judicativa do homem sobre o homem, em que o código a maior parte das vezes não é nem sequer ideológico, mas meramente emocional, vindicativo e mesquinho.

Quando à suposta «crítica nova», ela se confinará (se possível) à verificação deste estado de coisas e talvez a uma vontade de as suprir, mas no fundo a boa vontade não chega para alterar uma ordem estabelecida e tacitamente aceite.

Assim localizam-se os problemas e já não é nada mau: onde a «crítica velha» ignora os textos, a «crítica nova» diz que é preciso atender aos textos. Se a «crítica velha» confundiu obra e autor, a «nova» desejaria desconhecer o autor, ou reconhecê-lo só através do estudo dos textos. Onde a «crítica velha» é doutrinária, dogmática e moralista, a «nova» estimaria ser dialéctica e aberta. Onde a «velha» é comentário superficial, a «nova» propõe-se como análise de estrutura.

Sempre que a «velha» é interpretação subjectiva, a «nova» seria recriação objectiva e científica. Se a «velha» é descritiva, a «nova» gostaria de ser recriadora. Quando a «velha» é judicativa, a «nova» propõe-se como perspectivadora e informativa. Enquanto a «velha» é historicista, a «nova» é estrutural.

Mas a pergunta impõe-se: pratica-se efectivamente em

Portugal alguma crítica que seja atenta aos textos em primeiro lugar, sem confundir obra e autor, que seja dialéctica, aberta, estrutural, objectiva, recriadora, perspectivadora e informativa?

— Eu não sei aonde se encontra. Terei pois de concluir que a crítica nova portuguesa é uma bela utopia, pese-nos a todos nós (e eu incluído!).

Mas as possibilidades de realização efectiva de uma crítica com as características referidas não depende obviamente da vontade de uma minoria intelectual, mas sim de uma atmosfera vivencial, de uma estrutura social, de um sistema de informação e cultura em que todos como homens e cidadãos temos responsabilidade. E aqui importa remeter a questão da crítica para a universalidade. Julgo que seria útil e urgente sabermos todos o que nesta matéria se faz nas universidades portuguesas e nas universidades estrangeiras com cadeiras e cursos de Cultura e Literatura portuguesas.

5. — Esta pergunta coloca o problema a uma luz pessoal, pois directamente me interroga sobre a minha prática crítica e o uso de disciplinas chamadas científicas.

De um modo geral, é sabido que a psicanálise, o materialismo dialéctico, a fenomenologia, o estruturalismo, serão as correntes de pensamento que terão fornecido maiores contribuições metodológicas rigorosas para a análise literária. Mas sem dúvida a metodologia textual possui métodos próprios, tais como a análise linguística, e os métodos estatísticos. Também de um modo consistente, o formalismo russo, o Circulo de Praga, Saussure, a actividade de R. Jakobson e a gramática transformacional de Chomsky fornecem todo um enfoque rigoroso e penetração em profundidade do fenómeno literário que nunca anteriormente tinha sido conseguido.

O mesmo se poderá dizer da Teoria da Informação e da sua aplicação aos objectos estéticos proposta por A. Moles ou Umberto Eco. Ou as teorizações do grupo «Tel Quel», etc. Na enumeração das atitudes ou tentativas de formulação de uma crítica rigorosa teremos de passar pelos Imagistas, por Ezra Pound, por I. A. Richards, pelo New Criticism, já que eles representam uma pesquisa da especificidade literária, por meios especificamente críticos, e não por importações ou permutações interdisciplinares.

No meu caso pessoal, devo dizer que comecei por ser muito influenciado pela crítica rigorosa anglo-saxónica, para depois me inclinar, por pendor pessoal, para uma crítica de tipo estruturalista. Quem ler os prefácios da 1.ª e 2.ª edições da Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa, de 1959 e 1961 respectivamente, encontrará neles uma atitude estrutural, sincrónica, anti-historicista e antidescritiva, muito antes do estruturalismo ter feito a sua entrada no mundo da moda crítica.

Também a Teoria da Informação e a análise estatística são recursos de que eu me sirvo frequentemente, quando me parecem adequados. A Teoria da Informação parece-me até particularmente adequada para a compreensão e justificação crítica da literatura experimental.

6. — Após tudo o que disse, creio que devo tentar uma síntese. Criticar é saber ler e comunicar esse «saber». E ler



é tão difícil como escrever, pois se quem escreve criadoramente cria os seus próprios códigos, quem lê tem a obrigação de descobrir esses códigos e entendê-los inteligentemente.

A função imediata da crítica é tentar descobrir o(s) código(s) e comunicá-lo(s) ao público — não dogmáticamente, mas sim propositivamente e provocantemente.

A crítica como função social só pode fazer propostas de leitura que aliciem o leitor a fazer as suas próprias descobertas.

7. — Para lá da função imediata referida, a crítica tem uma outra função, ou seja, a pesquisa das significações das obras de criação. Significações filosóficas, sociais, culturais, e propriamente literárias. Mas este nível não se pode atingir na prática da crítica de jornal. O uso da mesma designação de «crítica» para ambos esses níveis é pois pouco rigoroso e é causa de confusão.

Mas também não nos podemos quedar no nível dessas significações extrínsecas à própria obra. Ao pesquisar as significações propriamente literárias, a crítica coloca-se inevitavelmente numa outra perspectiva — a dos significantes, ou seja, na perspectiva própria dos textos e dos elementos que os constituem. Há pois toda uma evolução de gradação desde a crítica das significações, e desta até à crítica como pesquisa dos significantes e sua estrutura interna. Temos pois, em vez de duas, três acepções da palavra «crítica»: E se a crítica informativa se pode e deve fazer ao nível do jornal, os outros dois tipos de crítica só se podem desenvolver honestamente e com possibilidades de êxito em trabalhos mais extensos inseridos em publicações de especialidade. A não ser que se transforme a crítica de significações em demagogia, propaganda e em instrumento de ataque, que é o que ocorre muito frequentemente nos nossos suplementos literários, atraindo todo o rigor ensaístico que tal crítica exige.

Mas não creio que a crítica complete em nada a obra criativa. Antes pelo contrário, só em função dela a crítica tem

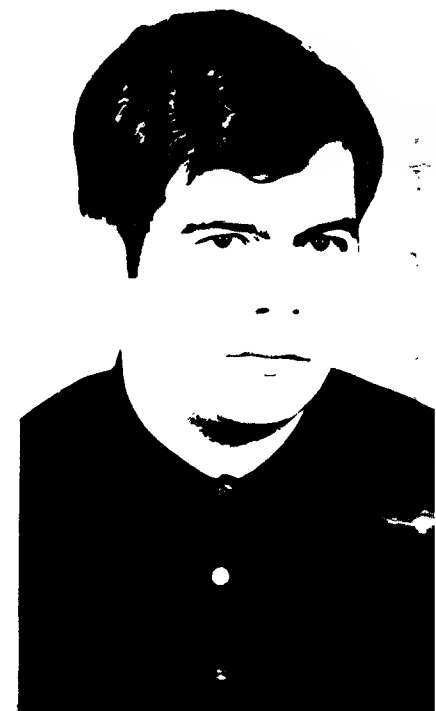
mais que cumprir uma função social de estimular e informar provocadamente, pois além de estúpido, o crítico tem de estar vivo e activo para que a sua voz se ouça e influa descomprometidamente na vida cultural do meio em que vive. Senão, crítico não será!

E. M. de Melo e Castro

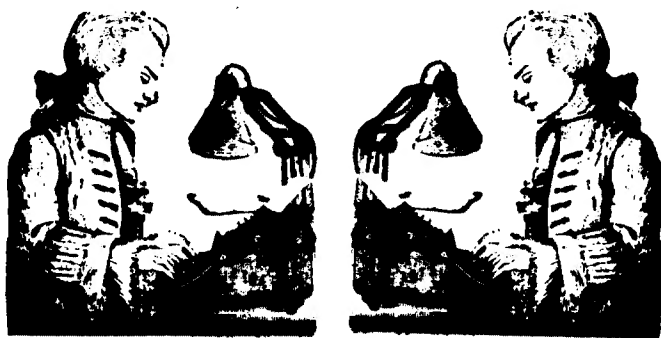
As respostas de Luis Miranda Rocha

1 E um quesito a que não se pode dar uma resposta de sim ou não que encubra a evidência de uma situação caótica. Mas por entre a irregularidade de sinais nós podemos talvez distinguir duas poderosas actividades pela distinção de métodos e sobretudo pela divergência de processos, consequentemente pela desigualdade de resultados. Por um lado uma actividade presa por fatalidade ou impotência (e em muitos casos não) a um entendimento impressionista, psicologista, superficial a despeito de proclamadamente profundo da literatura. Por outro, uma actividade informada de uma exigência mais científica ou menos superficial que toma a literatura as obras, os textos, a escrita por pretexto e em grande parte finalidade de si própria.

2 Se há uma Nova Crítica ela terá necessariamente de se distinguir pelos resultados. Nós vemos como certas actividades produzem resultados diferentes da de um Gaspar Simões, por exemplo, que ainda e por enquanto é o modelo de todas as outras contra ou à margem das quais as novas práticas críticas hoje se proclamam ou reclamam. Se as consequências e os resultados são outros é porque outros são os métodos, os processos, não direi outros os modos de produção porque isso seria impossível, mas outros sem dúvida os conceitos, outra a compreensão, outros (mais verdadeiros) o conhecimento e o saber que vamos conseguindo e que são fruto de um maior estabelecimento de relações com os objectos em questão que essa



stão



atitude (esse método, esse processo, essa prática) por um lado exige e por outro proporciona. A diferença fundamental talvez seja a seguinte: enquanto para a crítica tradicional há dois espaços separados a considerar: a criação e a crítica - agora trata-se de completar o processo de produção que a escrita fomenta e desenvolve - ou uma fase desse processo, se tivermos em conta como fase o consumo pela leitura de todos os leitores do texto, do livro, da obra. Quando muito, a crítica tradicional ousava atribuir-se uma importância de subsídio e uma posição de interdição. Sabe-se hoje como isso é errado, e como a crítica não pode ser outra coisa senão a leitura que efectivamente se exerce no mesmo espaço da linguagem em que a obra se situa. Sabe-se também que a crítica esclarece e decifra as relações que a obra silenciosamente estabelece com o mundo. Mas não se pode pensar que a crítica parte do exterior e se dirige ao interior num movimento com um único sentido. Esse era o erro flagrante cometido pela crítica que fundamentalmente se instituiu como processo de abordagem ou incursão. Também não se pode pensar uma crítica exercendo-se exclusivamente dentro do espaço da «criação». Isso seria o relatório exaustivo, a desmontagem minuciosa - então a obra aparecer-nos-ia descarnadamente, decomposta nos seus elementos, desarticulada, destituída de possibilidades de sentido, de poder de significação. A crítica é uma aspiração à totalidade. A obra contém em si discretamente os sinais algo dispersos dessa totalidade e a crítica torna-a acessível ou realizável nem que só num plano meramente teórico. Como aspiração à totalidade o seu movimento é a um tempo destruidor e sempre edificante, quer dizer, a crítica procura ordenar os elementos dispersos, para o que tem necessariamente de os separar entre si e do mundo, e ao mesmo tempo envolve-os com o sentido e a ordenação possíveis para a sua consistência teórica que será a coerência interna do seu sistema de sinais. A crítica tradicional ignora isto que é para a Nova Crítica (novo modo e nova forma de criticar) o poder principal e um princípio básico no estatuto da sua autonomia e provavelmente o ponto de ruptura em relação a toda a actividade anterior.

3

E de uma grande imprecisão. Olhando para trás, nós apercebemo-nos de que a certa altura começa a aparecer uma actividade que se opõe à anterior, já não arbitrariamente, mas de uma maneira sistemática. Mas isto é quase uma constante, só que em alguns casos essa actividade é mais de ruptura porque teoricamente mais fundamentada e mais consistente a articulação da problemática em que se defronta com a tendência que a precede. Nos anos quarenta já houve um movimento algo poderoso em oposição à tradição que teóricos e críticos da «Presença» começavam a constituir, se não eram já, de certo modo. Depois nós vemos surgir uma tendência que não se compatibiliza nem com o racionalismo idealista nem com o irracionalismo proclamado da «Presença» e seguidores.

Depois, e até hoje são três talvez as tendências em que poderíamos tentar enquadrar as actividades críticas mais regulares ao longo destes anos entre nós. Além das duas atrás indica-

das, uma outra que se caracteriza por um certo espírito de heterodoxia (cujos valores fundamentais são porventura a independência e a liberdade ainda) em relação às tendências dominantes. Mas eu suponho que o aparecimento de uma Nova Crítica é a consequência natural da existência daquilo a que hoje se chama uma Nova Literatura, não se sabendo todavia e do mesmo modo muito bem o que é. Se não, atentemos neste importante pormenor: já havia entre nós uma crítica de teor pelo menos para científico, nos círculos universitários de que um Jorge de Sena é o modelo mais aconselhado e geralmente mais adoptado e seguido. No entanto, essa crítica era sobretudo investigação nossa relativa histórico-literária-cultural e os seus interesses centravam-se predominantemente nas obras do passado. Só recentemente e com o aparecimento de uma consciência crítica às necessidades de alteração e modificação de métodos e processos é que se começou a prestar alguma atenção às obras contemporâneas. Suspeitamos de que este súbito interesse se fica devendo ao interesse crítico que também a nossa literatura actual começa a merecer no estrangeiro. Como quer que seja, se parece hoje indubitável a existência de uma nova crítica (ou de novos críticos, ou de críticos novos) entre nós, não parece menos evidente que há uma nova realidade literária que a precede e naturalmente a exige. Socorramo-nos apenas de um exemplo: existe hoje uma poesia portuguesa nova (e não é apenas um movimento global, são também os grupos, os sectores, as tendências dentro desse movimento global que abarca todos os aspectos do que poderíamos ver como a fase posterior à ruptura). Pois essa poesia tem os seus teóricos, os seus críticos, que são geralmente da mesma nova geração ou que com a nova geração se identificam. Só por exigência de método poderemos falar verdadeiramente de ruptura. Mas se é indispensável, talvez os últimos anos da década de cinquenta e toda a década de sessenta tenham tido uma importância decisiva. O simultâneo aparecimento de um novo romance, de uma nova poesia de par com modificações históricas bastante sensíveis corresponde então a uma nova e já relativamente generalizada concepção de literatura, e encontrava também um tipo diferente de reflexão sobre esses problemas, uma teoria e crítica outras que hoje vão ocupando os lugares vazios ou esvaziados pelas modificações, se assim as pudermos dizer, radicais, introduzidas no espaço literário português inevitavelmente como reflexo e consequência do que vai acontecendo noutros espaços mais povoados do que o nosso.

4

Certamente. E aceitamos ainda a antinomia «velha-crítica nova-crítica». Cada uma tem o seu estatuto. O novo estatuto será tanto mais válido quanto mais contribuir para a verdade que é a produção e o trabalho com os materiais de que se dispõe, no caso da escrita, a linguagem, que isso ou pouco mais do que isso a literatura é, pensando isto naturalmente em função do que a linguagem é, linguisticamente definida. Nesse caso a nova crítica envolve, supera a anterior, ao mesmo tempo que põe em causa decisivamente as suas premissas - subverte-a e anula-a. E o abandono (definitivo?) do miticismo,

da abstracção, da espiritualidade, da ideologia, sobretudo do privilégio da criação em relação à crítica. Isto é muito importante, atrás do disse. A velha crítica assume de uma maneira absurda, estranha e por vezes ostensiva, uma posição de subalternidade em relação à actividade criadora que lhe devia servir de fundamento, proposta e lugar de acção, objecto - e acaba sempre por tornar-se pretexto vago e inconcreto para um comentário sempre marginal, inevitavelmente exercendo-se, por inopetência, no limiar da sua presença manifesta que é já a sua ausência sentida - na distância a que o comentário todas as vezes nos coloca a nós em relação à obra, à obra em relação a nós, à obra (de que o comentário veladamente nos fala) em relação ao mundo. A posição de subalternidade que a velha crítica julga poder ou dever assumir em relação à obra releva de um complexo de inferioridade que naturalmente só uma concepção nova destas coisas pode compreender, conhecer e ultrapassar. Justifica-a um estatuto. Aí a obra aparece-nos como criação ou criatura, sendo aquela a fase de laboração e esta a obra propriamente dita. Aí o autor aparece-nos ótica e ontologicamente definido como criador. E um sistema aparentemente rígido, no fundo arbitrário e por isso incapaz de resistir a uma exigência e a uma pressão mais fortes que sobre ele se exerçam. Então a crítica não pode chegar a ser aquilo que não é e que no fundo não aspira. A fragilidade de um sistema assim qualquer exigência do real, das realidades e de uma rigorosa revisão e redefinição de conceitos opõe desde logo um movimento de destruição irresistível. Hoje sabemos que não se trata de criação mas de produção, porque o conceito de criação transporta-nos logo a um domínio abstracto e metafísico de valores paralisados e imóveis. Sabemos que escrever não é o exercício de um privilégio mas um trabalho, o exercício e o progressivo desenvolvimento de uma aptidão. Sabemos que na obra não há nenhuma zona inacessível, todo o seu corpo se nos oferece aberto à estratégia de uma fecunda violação. Sabemos que o autor é apenas o sujeito activo da produção, e se é sujeito activo, já é muito, podemos talvez mesmo rezear que já seja demais. Sabemos principalmente (para o caso que nos importa) que a crítica é o trabalho efectivo de uma leitura ou o trabalho de uma leitura que se efectiva transferindo os seus resultados para uma prática escrita que é ainda, de par com a obra, um trabalho de linguagem. Enquanto que para a crítica convencional a literatura é o reino do sagrado mesmo quando do profano para a nova crítica não haverá uma concepção de literatura alheada do que constitui a manifestação concreta da sua vida - a materialidade dos seus sinais, a linguagem.

5

Admitindo a importância que a introdução de elementos relativos a novas disciplinas científicas pode trazer ao conhecimento da literatura, pessoalmente só posso falar de uma em que não fui sequer ainda verdadeiramente iniciado. Refiro-me à Linguística. Na verdade parece-me já não apenas muito importante mas absolutamente indispensável a Linguística para um conhecimento possível da Literatura. Falar hoje de ou escrever

Continua na pág. 6

AS PERGUNTAS QUE FIZEMOS

1. Considera que existe uma Nova Crítica Literária
2. Quanto a si, o que a distingue dos métodos e processos anteriores?
3. Crê que se poderá estabelecer (ao menos ao nível simbólico) um ponto de ruptura?
4. Mais do que um conflito entre gerações, acredita que a polémica verificada entre uma «velha» e uma «nova» crítica, traduz na verdade diferentes modos de encarar o de arte e suas relações com o espaço em que necessariamente se inscreve?
5. A possibilidade de uma crítica nova está hoje ligada à utilização que ela possa fazer de algumas das disciplinas científicas em que procura apoiar-se. Quanto a si, o que de radicalmente novo lhe trouxeram algumas dessas disciplinas?
6. O que é criticar? Tem a crítica que verdadeiramente se completa o processo de produção iniciado pela escrita?
8. Fale-me de como pessoalmente encara a prática da crítica e do que através dela procura atingir.

80.000 clientes

TÊM CONTA CORRENTE NA

Dardo

VENHA FAZER-LHES COMPANHIA! SERÁ ENTÃO CANDIDATO FÁCIL AOS PRÉMIOS QUE A INICIATIVA

CONTA **ORRENTE**

lhe proporciona. Ao apoiar com entusiasmo a iniciativa do Diário de Lisboa, a «Dardo» coloca os seus clientes em posição fácil, dada a variedade de produtos e marcas que expõe nas suas lojas.

E com que facilidades e preços!

importante:

Se o feliz 1.º premiado for cliente da «Dardo» receberá uma importância em dinheiro igual ao valor das compras que tiver efectuado na «Dardo» durante o período desta original iniciativa. Tente a sua «chance»!

Dardo

A MAIOR ORGANIZAÇÃO NACIONAL DE ELECTRODOMÉSTICOS

Av. da Liberdade, 131
Rua de S. Bento, 55
Av. Almirante Reis, 124
Praça de Londres, 7

Rua 1.º de Maio, 146-A (Santo Amaro)
Rua de D. Estefânia, 193 (Arco do Cego)
Rua Gonçalves Crespo, 26-A (Conde Redondo)
Largo das Fontainhas, 29 (Alcântara)

Respostas de: LUIS DE MIRANDA ROCHA

sobre o fenómeno literário exige que se saiba o que a literatura é, um movimento de duplo sentido entre a escrita e a leitura e entre a leitura e a escrita

6

Poderíamos remontar à significação etimológica da palavra. E se o refiro é porque me parece que o conceito que ela hoje encerra ainda não se afastou muito do seu significado originário. Assim a crítica será a actividade que se exerce sobre os objectos literários (os textos, as obras, os livros) numa exigência a um tempo de julgamento e avaliação. Inerente ou intrínseco a um conceito de crítica é o conceito de crise, de que aquela deriva. Então a crítica será *latu sensu* um discurso sobre a crise, sendo esta uma constante metafórica do movimento do real que é transformação permanen-

te mas também uma sucessão irregular de fases ora de desenvolvimento ora de regressão que a todo o instante se vigiam e ameaçam. A crítica centra-se sobre as zonas nucleares onde o real atravessa momentos decisivos. Mas a crítica não pode ser um comentário marginal da história e do mundo. Para não ser isso e ser verdadeiramente crítica, aceita prévia e estrategicamente não propriamente um jogo ou as suas regras mas a convivência e a familiaridade dos signos e dos sinais com que a produção (para não dizer criação) se instaura, introduzindo no Real uma realidade de outra ordem e de outra natureza. E esta ordem que a crítica intenta sempre clarificar, procurando atingir a totalidade conjuntural na desvendação e no conhecimento das suas estruturas e das suas relações. Não parece que uma actividade de exigências mais ou menos científicas possa desempenhar uma função imediata, no sentido de aproximar os textos, as obras, os livros dos leitores que os lêem, que os consomem pelo acto da leitura. Mas por certo a crítica ilumina esses objectos, lança uma luz mais forte sobre eles, torna o seu espaço de sinais e de realidades não só mais rico mas também mais claro e inteligível.

7

Talvez não seja excessivo atribuir à crítica (ao discurso crítico, à escrita outra que a propósito da anterior fase se produz) uma importância final, como encerradora de um processo. Quando o produto aparece é uma novidade de sinais. Esta novidade é uma aparente desorganização - o esforço de uma efectiva leitura pode tentar emprender a clarificação da ordem em que esses sinais se organizam. Poderíamos interrogar-nos sobre se é mais próximo da produção ou do consumo, que o trabalho da crítica se situa. Por certo da produção, vis-

to que há o comentário e, esse sim, é mais próximo do consumo (e a ele se dirigindo) que realmente se faz e se situa. São duas actividades distintas. Suponho que a primeira é mais importante pelas exigências que faz e sobretudo pelas exigências que se faz. A crítica completa o processo de produção, envolve os textos com o sentido que a atravessa e que aos textos apõe. A certa altura a existência dos textos começa a depender estreitamente da existência da crítica que os justifica e defende. As grandes obras do passado não têm hoje uma existência própria senão através dos sucessivos discursos que sobre, dentro delas e à sua margem se foram tecendo. Com a alteração profunda destas coisas e dos conceitos, as grandes obras do presente começam logo por exigir na sua própria concepção a crítica que depois as há-de introduzir no reino dos valores, na produção do real, no movimento da história.

8

O que tenho feito e publicado resume uma actividade bastante

irregular. Mais propriamente comentários sobre livros que vão sendo publicados do que críticas definidas nos seus fundamentos teóricos. Particularmente tem-me interessado mais um processo de valoração de textos e de poéticas do que verdadeiramente a análise crítica e a articulação pelo discurso crítico da problemática da actual poesia portuguesa. Haveria que dizer, não por justificação mas por constatação, que tenho vivido quase sistematicamente isolado numa cidade de província razoavelmente longe de qualquer centro cultural, o que me tem impedido não só o contacto com as pessoas mas também por certo o acesso à informação. Assim, a maior parte das vezes o que tenho escrito assume as intenções e o carácter de um diálogo com os autores. Mas talvez esta situação (generalizada) tenha o seu aspecto positivo: ela oferece-nos de algum modo a possibilidade de sustentar um certo nível de exigências sem transigir com interesses a elas estranhos. É difícil que tudo isto se passe num plano de total isen-

são e lealdade. Mas se se trata de escolher entre dois compromissos talvez seja preferível estarmos comprometidos uns com os outros a termos de fazer o jogo de um público anónimo que talvez mais do que o esclarecimento das questões o que quer é o conforto quieto que lhe dá sempre a identificação com ideologias dominantes e a adesão a tudo o que de perto ou de longe as manifesta. Suponho que é uma situação extensiva à maioria dos casos. Para quem escreve o crítico? - para o autor cuja obra critica, ou para o público que a lê, servindo de apresentador, de conselheiro, de proponente, de simples intermediário? Sem segurança firme é o que digo, mas direi o que me parece, repetindo aliás o que tantos outros têm dito: que escrevemos predominantemente uns para os outros que também escrevem, e temos (dolorosamente?) consciência disso. É uma fatalidade inerente ao amorismo (difícil) em que tudo isto entre nós ainda se processa.

Luis de Miranda Rocha



Finalmente em Portugal,
um relógio de qualidade,
a preço acessível
e com garantia total!

- 140 milhões de relógios vendidos em todo o mundo
- Resistência comprovada através dos mais duros choques (veja na televisão as provas de tortura a que Timex é submetido).

- Garantido por um ano, contra todos os riscos. • Preços desde 245\$00 até 590\$00 (automáticos e com calendário)

E ainda modelos da famosa Linha de Precisão Eléctrica Timex (o relógio com Célula de Energia que trabalha um ano mesmo sem estar no pulso) com preços entre 890\$00 e 1.090\$00.

Peça o catálogo da colecção completa de Relógios Timex no seu relojoeiro

TIMEX®

o relógio mais vendido no mundo



® Marca registada

HENRICH BOLL

Continuação da pág. três

na vida política: O alemão Heinrich Böll julga sem complacência o seu país, o seu povo.

A guerra, que Heinrich Böll fez na Infantaria, de 1939 a 1945, sobretudo na frente russa, encontra-se sempre presente na sua obra, depois de *O comboio estava na hora*, seu primeiro romance, publicado em 1949, até ao último em data, que acaba de aparecer: *Gruppenbild mit Dame* (Imagem de grupo com senhora) (1). Ela é o fulcro de todas as situações, de todos os dramas, de todos os elementos com que o homem se vê confrontado. Ao regressar da frente, num país vencido, ocupado, arruinado, o que se poderá descrever, se formos escritores, senão a guerra e as ruínas que envilecem e corrompem? André e a jovem polaca Olina, em *O comboio estava na sua hora*, a umas horas da morte que os espera, descobrem em si uma fonte inesgotável de ternura e de verdade, em nome da qual, como todos os protagonistas dos romances de Heinrich Böll, serão invulneráveis, protegidos mesmo na derrota. A pergunta onde estavas tu, Adão?, Heinrich Böll responde: estava na guerra. O homem na guerra, sem poder compreender o sentido do combate, despedaçado, reduzido à condição animal, afastado dos seus, é o tema principal da obra de Heinrich Böll. Terminada a luta, o soldado regressa a casa. Só vê ruínas e misérias. Em *Volta para casa*, Bogner, o homem não consegue readaptar-se à vida civil, junto da mulher e dos filhos, que de certa maneira se lhe tornaram estranhos. Há entre eles e o protagonista essa coisa atroz que se chama guerra, e que torna os homens doentes até à loucura.

DO REALISMO AO GROTESCO

A não ser que, como na narrativa *O pão dos jovens anos*, Hedwig e Walter não tenham a coragem de enfrentar a hipocrisia dos costumes: há *casamentos de urgência*, escreve Heinrich Böll, como há *baptismos de urgência*.

Os homens são marcados por *Dois sacramentos*, o do búfalo, que assinala os carrascos, e o do cordeiro, que indica as vítimas. Os representantes de três gerações de uma família burguesa, renana e bem pensante, pagam os encargos desta oposição entre o bem e o mal.

A restauração do passado, depois de uma guerra perdida e injusta, será, também, um dos temas principais da obra de Heinrich Böll. Hans Schnier, o *clown de ósgar*, procurara em vão denunciar o conformismo eo materialismo de uma sociedade falaz. Terá de aceitar ser

batido abandonado pela jovem esposa: porque é um *clown* falhado, os seus esgares já não fazem rir ninguém. Os Gruhl, pai e filhos, em *Fim de missão*, dedicando-se a um acto purificador ao incendiar um *jeep* do exército federal. Mas a sua revolta toma o aspecto de uma farsa grosseira e sem alcance. Leni Pfeiffer, em *gruppenbild mit Dame* sem dúvida o romance mais perfeito de Heinrich Böll, é a figura central de uma obra inteiramente consagrada à guerra, o pós-guerra e a restauração. Pela franqueza e honestidade, pelo seu desejo de verdade, Leni denuncia todo um sistema feito de compromissos e de cobardias que caracteriza uma sociedade materialista e sem alma.

Realista na sua maneira de escrever, de observar os seres, Heinrich Böll distingue-se na sátira e na ironia. Amargamente lúcido, colérico por vezes, não poupa nem os homens nem as instituições, denunciando os riscos que correm os indivíduos a quem apenas a segurança material preocupa. Pode dizer-se que a sua crítica se inspira no realismo de um Dickens ou no grotesco de um Swift. De facto, ela é essencialmente construtiva, na medida em que convide o homem a libertar-se de todos os constrangimentos e a reencontrar-se, sem abdicação, na sua total integridade.

(1) Ed. Kiepenheuer und Witsch, Colónia, 1971, 402 páginas.

A obra traduzida em França «O comboio estava na hora», Denoël, (reeditado em 1967)

«Onde estavas tu, Adão?» (1956), Le Seuil.

«Volta para casa, Bogner», Prémio em França para o melhor livro estrangeiro (1954), Le Seuil.

«Os filhos dos mortos» (1955), Le Seuil.

«O pão dos jovens anos» (1962), Le Seuil.

«Os dois sacramentos», Prémio Charles-Veillon (1961), Le Seuil.

«O esgar» (1964), Le Seuil.

Fim de missão » (1968), Le Seuil.

«Imagem de grupo com senhora» (1971), Kiepenheuer und Witsch, ainda não traduzido para o francês.

NOVELAS

«A morte de Lohengrin» (1958), Le Seuil.

«Longe da tropa» (1966), Le Seuil.

DIÁRIO:

Jornal Irlandês» (1969), Le Seuil.



5º rallye TAP

Dizem que os números falam verdade!...

À partida: 144 carros
Classificados: apenas 9
Entre estes: 3 OPEL

1 Opel Kadett Rallye
e 2 Opel 1604 S

Absolutamente de série. Absolutamente iguais ao seu Opel Assistidos pelos concessionários Opel de Portugal. Os mesmos «senhores» que tratam do seu carro no dia a dia. Quando todos procuram desculpas... A robustez Opel deu provas uma vez mais!

Para a Opel o troféu da classificação por marcas. (3 em 9)
Em Opel – os únicos portugueses classificados
Gomes Pereira – J. Marçal

Os seguintes concessionários contribuíram para mais este sucesso Opel.

AÇORES
Alvaro Tavares & Fos., Lda.
ALMADA
Lemauro – União Automóveis SARL
AVEIRO
Stand Justino
BEJA
Costa & Silva, Lda.
BRAGA
Soc. Representações Ethos SARL
CASTELO BRANCO
Luiz Domingos & Irmãos, Lda.

COIMBRA
Auto Industrial, SARL
COVILHÃ
Saraiva Ramos & C.ª, Lda.
ELVAS
Antunes & Guerra, Lda.
ÉVORA
Acinauto, Lda.
FARO
Farauto, Lda.
GUARDA
Egrauto, Emp. Guardense Rep. Aut., Lda.

LEIRIA
Auto Industrial, SARL
LISBOA
Licar, SARL
Sorel, SARL
MADEIRA
F. de Ornelas Cunha
OLIVEIRA DE AZEMÉIS
Garagem Justino
PONTE DE SOR
Rodrigues & Figueira, Lda.

PORTO
António Sardinha, Lda. (Normotores SARL)
Roimeta – Com. e Indust. Aut., SARL
SANTARÉM
Batista, Lda.
SETÚBAL
Gemorauto, Com. de Automóveis, SARL
TOMAR
Auto Acessórios, Lda.
TORRES VEDRAS
Fonsecas, Com. e Representações, SARL
VILA REAL
Moreira Carvalho & Botelho, Lda.
VISEU
Lemos & Irmão, Lda.

Artes Visuais

2 PROGRAMAS DAS GALERIAS DE ARTE

Por
Rocha de Sousa

No último número deste Suplemento, e perante uma nova temporada que começa a esboçar-se, iniciámos a divulgação dos programas prováveis das galerias de arte de Lisboa, depois de uma breve introdução ao tipo de mercado que algumas dessas galerias têm vindo a desenvolver e ao significado de produtos que não dependem, na sua especificidade, das relações de consumo estabelecidas para outros campos de produção. A perspectiva de acções e interesses assim traçada, mesmo tendo em conta a oscilação do projecto de cada galeria e o valor específico da sua orientação, prepara o nosso conhecimento da realidade artística do nosso país e a vitalidade demonstrada pelos seus intérpretes no domínio em referência. Uma noção prévia e geral destes dados, englobando os juízos já esboçados no noticiário anterior, pode ajudar-nos a uma mais correcta relação das intervenções futuras e preparar o sentido das nossas escolhas dentro de um campo cuja força e extensão não podem mais ser ignoradas.

GALERIA S. FRANCISCO

A Galeria S. Francisco é uma das mais recentes do já significativo conjunto de galerias de que Lisboa dispõe. Integrada numa loja de artefactos, sustentada, portanto, por um apoio comercial de outro tipo como acontece com a maior parte das galerias existentes, esta minigaleria está condicionada, pela exiguidade do seu espaço, a uma orientação capaz de absorver quase exclusivamente objectos de pequeno formato, sobretudo de-



SÁ NOGUEIRA - Gintanes I

senhos e gravura. Tendo já superado uma fase inicial de indecisão, e tirando partido da simpática intimidade da ligação estabelecida entre a pequena loja e a sala de exposições, a Galeria S. Francisco opera sobretudo com programas de grande variabilidade nos géneros, desde a escultura de restritas dimensões, passando pela tapeçaria, pelo desenho, pela gravura, pela serigrafia, até à joalharia ou à pintura. O eclectismo de tais programas é simultaneamente um perigo e uma virtude, mas a flexibilidade dos critérios

assumidos é invariavelmente a única alternativa coerente imposta pelas condições técnicas de exposição já apontadas.

A Galeria S. Francisco, demonstrando uma vivacidade conquistada nas duas últimas temporadas, iniciou no passado dia 11, com uma exposição de desenhos de Fernando Grade, o seu programa deste ano, o qual deve incluir ainda exposições de Mily Lubroth (autora americana que tem feito a sua carreira profissional em Espanha e que apresentará gravuras), de Man (artista que tem trabalhado sobretudo na gravura e na serigrafia), de Manuel Cargaleiro (que mostrará apenas parte da sua obra gravada), e de Gordillo (artista que se tem dedicado à joalharia mas que virá a público desta vez com escultura). Além destas exposições, a S. Francisco pretende apresentar, numa colectiva e com a contribuição do crítico Egidio Álvaro, um conjunto de artistas estrangeiros e de artistas nacionais radicados fora do país. Está também em projecto uma exposição de múltiplos, tentativa que ainda não foi feita entre nós de forma sistemática, quer ao nível da produção, quer ao nível da apresentação e exploração de mercado.

Fernando Grade, o primeiro autor da série de exposições da Galeria S. Francisco nesta temporada, propõe uma panorâmica da sua obra como artista plástico, quase toda votada à transposição gráfica de escritas evocadoras do nosso tempo, das nossas cidades e dos nossos sinais característicos, em composições vertiginosas, automatizadas pelo gesto e perseguindo uma espontaneidade que é traída com frequência pela fórmula. Fernando Grade nasceu em 1943, é autodidacta e realizou diversas exposições, participando sobretudo em Salões da S.N.B.A., em Benguela e no Museu de Angola. Expôs individualmente na S.N.B.A., em 1966; em Benguela e no Museu de Angola, em 1968; na Galeria Núcleo, em 1969; na Galeria Gávea (Angra do Heroísmo e Cidade da Horta) em 1970. Esteve representado, entre outros, no II Salão de Artes Plásticas de Luanda; na I Quinzena de Artes Plásticas da Universidade de Angola; numa Exposição de Artes Plásticas em Sá da Bandeira; nos XIV e XV



FERNANDO GRADE - Monstrozinhas

Salões de Outono da J.T.C.S.; na Exposição Guérin de Artes Plásticas; e no Cinquentenário do Pintor Souza Cardoso. Tem, além disso, colaboração dispersa e assídua na imprensa portuguesa como crítico de artes plásticas e publicou alguns livros de poemas. A obra de desenhador de Fernando Grade parece assentar numa quase constante temática dita «Teoria das Multidões». A sua linguagem gráfica tem permanecido circunscrita ao culto de um gesto libertador e automático, por vezes contraposto à colagem, resolvendo obliquamente uma figuração compacta e absurda, ironia (e poética) do quotidiano citadino.

GALERIA INTERIOR

Centro Português de Tapeçaria, como também se chama, a Interior ligou a si, em regime de exclusividade, os pintores João Abel, Charrua, Sá Nogueira, Maria Velez, António Sena e o escultor Fernando Conduto, propondo sistematicamente exposições individuais e colectivas desses autores e iluminando alguns campos de produção distintos. Integrada igualmente numa loja, ou fundindo-se intencionalmente com ela, a Interior beneficia da qualidade e do significado dos autores que agrupa, quase todos intérpretes de um momento de viragem na produção artística portuguesa dentro dos últimos quinze anos.

Dentro do seu esquema de trabalho para este ano, a Galeria Interior procurará apresentar, com a maior regularidade

possível, exposições dos autores já referidos, começando por um conjunto de tapeçarias do pintor Sá Nogueira e expondo ainda, até ao fim de 1971, pinturas de António Charrua. A Galeria conta poder apresentar em 1972 uma exposição de João Abel Manta, um dos autores mais discutidos do grupo constituído e um dos nossos desenhadores satíricos mais interventivos.

Sá Nogueira, de quem já foi fornecida neste Suplemento a respectiva ficha profissional, é um dos pintores portugueses mais atentos à nossa realidade social, procurando sempre, sem adulterar o campo específico da linguagem pictórica, dar na sua obra testemunho do movimento da sua consciência de artista e de homem. Itinerário que se reconhece cheio de escolhos e de contradições difíceis de superar, mas que tem sido cumprido com elevado saber técnico e franca exigência moral. A sua produção no domínio da tapeçaria dá-nos a dimensão exacta do conhecimento oficial do autor, com reduções do campo temático às imposições do material e da especificidade plástica do respectivo procedimento.

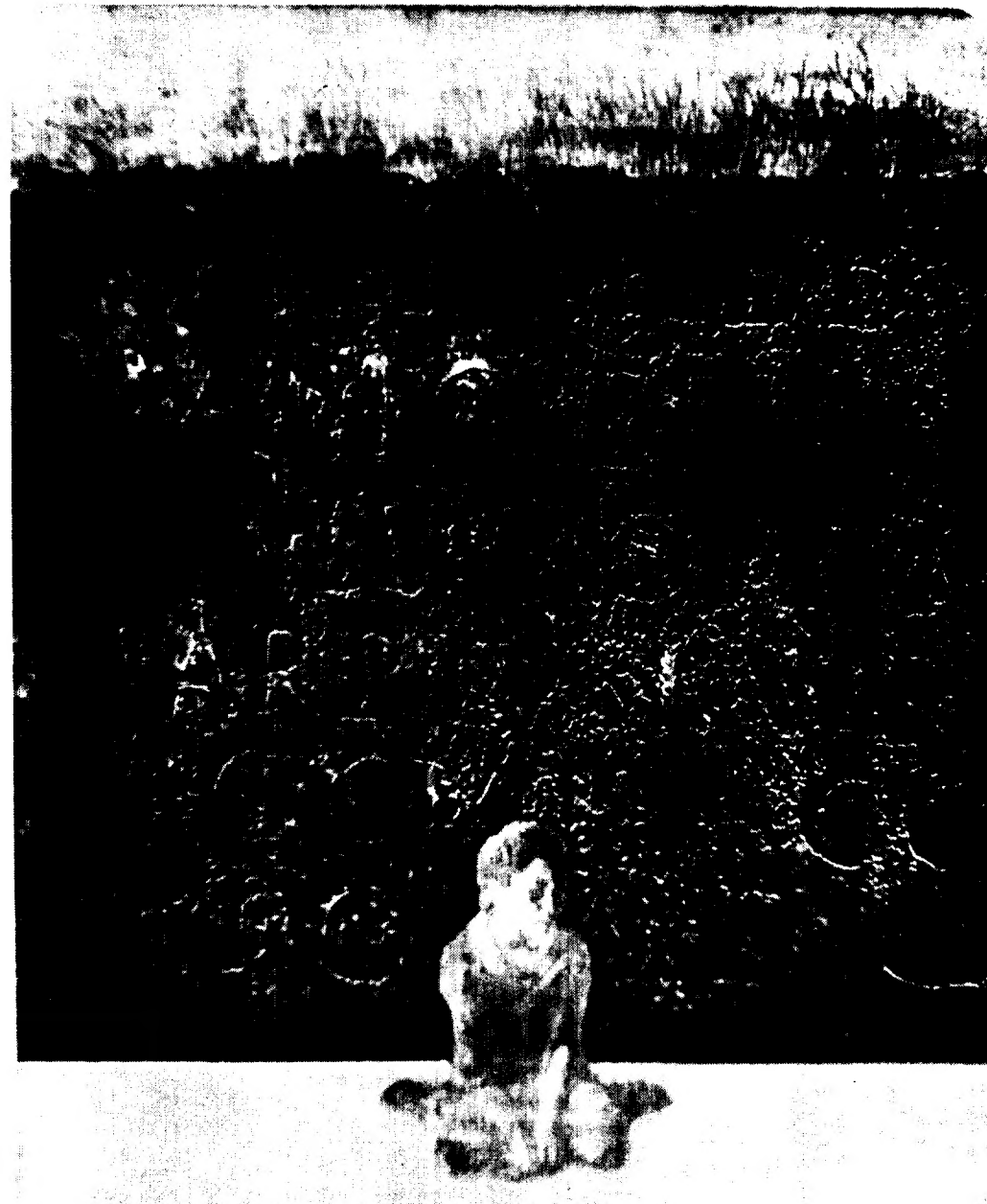
GALERIA BUCHHOLZ

A Galeria Buchholz, dirigida por um crítico de arte, é em geral reconhecida pelo mérito e pelo cuidado da sua programação, realidade que nem sempre tem tido a sua correspondência no plano da montagem das exposições. Seja como for, a Buchholz conta na sua já

longa actividade com iniciati- no quadro da produção artística, quer em relação a uma linha prospectiva de referência histórica, quer no que se refere à divulgação das novas experiências entre autores de diferentes orientações e idades. O facto de o programa da Galeria Buchholz assumir em geral uma orientação própria, referindo uma direcção em certa medida «comprometida», isso não tem impedido a apresentação de propostas contraditórias, retrato irrecusável de uma actualidade dinâmica e plural.

Prevê-se para este ano, na Galeria Buchholz, uma retrospectiva cujas características estão ainda por confirmar. Será feita, como habitualmente, a exposição dos artistas distinguidos com o Prémio Soquil (também chamado Prémio da Crítica). Das exposições individuais estão praticamente confirmadas as dos seguintes autores: Malangatana, Nadir Afonso, Jorge Pinheiro, Jorge Martins, António Areal e de dois jovens, Gracinda Candeia e João Dixo. Haverá também uma exposição dedicada à tapeçaria, com cartões de pintores espanhóis, como Millares e Tapiés.

A exposição de Malangatana, pintor moçambicano, tem para nós um interesse muito particular. Além de ser a sua primeira exposição individual na Metrópole, essa obra representa um autor de características muito especiais, um autor genuinamente africano, tanto quanto é possível falar de arte africana, dos seus sinais, símbolos e mitos.



MIL LUBROTH - «Esperanza»